

SILVIA ERI HIRAO

Ser jovem na Cidade Tiradentes: um estudo exploratório

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção de título de Mestre.

Área de Concentração: Sociologia da Educação

Orientadora: Prof^a Dr^a Flávia Inês Schilling

São Paulo

2008

FOLHA DE APROVAÇÃO

Silvia Eri Hirao

Ser jovem na Cidade Tiradentes: um estudo exploratório

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo como requisito parcial para obtenção de título de Mestre.

Área de Concentração: Sociologia da Educação

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

Prof(a). Dr(a). _____

Instituição: _____ **Assinatura:** _____

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que me acompanharam de alguma forma durante a realização desta pesquisa, especialmente:

à Flávia Schilling, por toda a paciência, competência, delicadeza e sensibilidade com que lida com seus orientandos e seus objetos de estudo;

aos professores que leram parte do trabalho e contribuíram com suas sugestões no exame de qualificação, Prof. Dr. Roberto da Silva e Profa. Dr^a. Fraya Frehse;

ao meu amor e companheiro, Mury, por tudo que representa para mim e por ter sido meu grande incentivador sempre;

ao Jeferson Lima, por me apresentar à Cidade Tiradentes, me acompanhar por toda a jornada nos últimos 5 anos e por sua infinita dedicação pela Cidade Tiradentes;

à minha família, responsável por toda minha formação, e em especial à Denise, minha irmã, por toda sua preocupação carinhosa e sabedoria maternal;

à minha segunda família, Wilson, Solange, Itaque e Thaís, por fazerem parte da minha vida e me acompanharem durante a produção deste trabalho;

ao CNPq, por financiar parte de meus estudos;

a todos os amigos do Programa Capacitação Solidária, em especial à Profa. Ruth Cardoso, que alimentou as reflexões desta pesquisa e que vem desenvolvendo um bonito trabalho na Cidade Tiradentes;

ao Claudio, Tio Pac, e aos professores do curso de capacitação profissional do Instituto Ecológico e Cultural Tio Pac;

à Rita, coordenadora pedagógica da Escola Estadual Deputado Fernando Mauro, por permitir a realização da pesquisa na escola;

aos meus amigos, que leram meu trabalho, discutiram idéias e me apoiaram durante tantos momentos, em especial ao Thiago e à Carol;

a todos os jovens de Cidade Tiradentes que se dispuseram a participar de longas conversas ou mesmo a responder os questionários de campo.

RESUMO

HIRAO, Silvia Eri. Ser jovem em Cidade Tiradentes: um estudo exploratório. 2008. 147f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

Esta dissertação busca conhecer as formas de vivência da juventude na Cidade Tiradentes a partir de olhares que perpassam as variadas dimensões de constituição do sujeito juvenil, sem localizar seu foco central nas instituições, que têm, em um novo cenário da condição juvenil, compartilhado sua exclusividade de esferas socializadoras e de referência identitária com outras formas de socialização e de construção de identidades. A metodologia utilizada valeu-se da aplicação de questionários e da realização de grupos focais com jovens residentes em Cidade Tiradentes, totalizando o levantamento das opiniões de 80 jovens. As falas discorreram sobre juventude, bairro, cotidiano, lazer, cultura, família, escola, amizade, trabalho, tráfico de drogas e projetos de futuro. A partir desses temas, foram identificadas questões que qualificam a construção de moratórias sociais muito específicas e que acompanham a pluralidade do conceito de juventude. A qualificação dessas moratórias mostra-se vinculada em grande medida às formas de percepção e de reação a julgamentos e a estigmas difundidos pela sociedade e freqüentemente absorvidos pelos jovens. Também se revelam como fatores condicionantes o usufruto do tempo livre; a ligação afetiva dos jovens com o distrito, sendo que aqueles que cresceram no local são muitas vezes aqueles que desejam permanecer; a questão do gênero, como propiciador ou limitador de práticas sociais e ocupação do espaço diferenciada; e a dimensão da moderação, caracterizando a possibilidade de liberdade que pode ser vivida e usufruída e que qualifica a condição juvenil na Cidade Tiradentes.

Palavras-chave: juventude, Cidade Tiradentes, moratória social, socialização, sociabilidade, gênero, estigma, liberdade, tempo livre.

ABSTRACT

HIRAO, Silvia Eri. Youth in Cidade Tiradentes: an exploratory study. 2008. 147 p. Dissertation (Master Degree) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

This work aims to understand the living conditions and the experiences of youth in Cidade Tiradentes, a poor district in the periphery of Sao Paulo, Brazil. It will provide a general overview on the theme by analyzing speeches of young people who took part in discussion groups organized especially for this work. This paper's approach considered a wide range of aspects that contribute to the constitution of a young person. It thus avoided focusing only on institutions (which used to be the main socializing space and the main provider of identity references for youth, but has recently been sharing this role with other actors). The methodology of this work included questionnaires and discussion groups, gathering the opinion of 80 young Cidade Tiradentes dwellers. The speeches comprised a variety of themes, such as youth, neighborhood, daily activities, leisure, culture, family, school, friendship, work, drugs and projects for the future. Through the analysis of youth speeches, it was possible to identify several aspects that build social moratoriums for these audiences. These moratoriums are strongly related to perceptions and reactions about judgments and stigma disseminated by the media and society. In addition, other components guiding youth development were identified: the use of free time; the affectionate relationship with the district (those who grew up there were also those who did not intend to move out of the district); gender, which plays an important role in defining social practices and the use of space; and the dimension of moderation, which refers to ways of free living in this district that characterize youth condition in Cidade Tiradentes.

Key words: youth, Cidade Tiradentes, social moratorium, sociability, gender, stigma, freedom, free time.

RELAÇÃO DE TABELAS

| | |
|---|-----|
| Tabela 1 - Produção sobre juventude por eixo temático (1980-1998) | 26 |
| Tabela 2 - População Total e Taxa Anual de Crescimento Populacional, segundo Subprefeituras e Distritos | 44 |
| Tabela 3 - Distribuição da Massa Salarial do Emprego Formal, por Setor Atividade Econômica - % | 46 |
| Tabela 4 - Estabelecimentos e empregos por número de empregados | 46 |
| Tabela 5 - Número de domicílios – RMSP e Distrito de Cidade Tiradentes | 47 |
| Tabela 6 - Vagas x demanda na área educacional – Cidade Tiradentes..... | 48 |
| Tabela 7 - Garantia dos direitos em Cidade Tiradentes / Área Educação | 49 |
| Tabela 8 - Taxas de Analfabetismo da População de 15 Anos e Mais, por Sexo e Raça/Cor, segundo Subprefeituras | 50 |
| Tabela 9 - Organizações por área de atuação em Cidade Tiradentes | 50 |
| Tabela 10 - Garantia dos direitos em Cidade Tiradentes / Juventude | 53 |
| Tabela 11 - Resumo dos Grupos Sociais | 60 |
| Tabela 12 - Grupos por Composição de Gênero - Mapa da Juventude de São Paulo, 2003 | 68 |
| Tabela 13 - Religião declarada (IBGE, 2000) | 72 |
| Tabela 14 - Lugares mais freqüentados por jovens das Regiões Metropolitanas (%)..... | 74 |
| Tabela 15 - Características dos egressos do PCS (1998 – 2000) | 81 |
| Tabela 16 - Pessoas que se constituem como referência a ouvir em assuntos importantes (por sexo, %) | 92 |
| Tabela 17 - Pessoa a quem dá mais atenção ao que diz (%) – Regiões Metropolitanas | 92 |
| Tabela 18 - Taxas de participação da população com idade entre 16 e 24 anos segundo grupo de quartis do rendimento familiar mensal – Região Metropolitana de São Paulo – 2004 | 100 |
| Tabela 19 - Taxas de desemprego dos jovens com idade entre 16 e 24 anos, segundo grupo de quartis do rendimento familiar mensal – Região Metropolitana de São Paulo – 2004 | 100 |
| Tabela 20 - Distribuição proporcional dos jovens brasileiros por ocupação e freqüência à escola, segundo grupos de idade – Brasil, 1981 | 101 |

RELAÇÃO DE GRÁFICOS

| | |
|--|----|
| Gráfico 1: Produção acadêmica sobre juventude (1985-2004) | 25 |
| Gráfico 2: Distribuição populacional por faixa etária_Cidade Tiradentes | 45 |
| Gráfico 3 : Distribuição da população, segundo grupos do IPVS_Cidade Tiradentes..... | 62 |

RELAÇÃO DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| Figura 1- Mapa do Município de São Paulo e Cidade Tiradentes..... | 43 |
| Figura 2 - Mapa de Distribuição dos Grupos Sociais_São Paulo..... | 61 |
| Figura 3 - Mapa Índice de Vulnerabilidade Social – Subprefeitura de Cidade Tiradentes (Fundação Seade)..... | 62 |

RELAÇÃO DE QUADROS

| | |
|--|-----|
| Quadro 1: Concepção de uma política integrada de/para/com juventudes – novo paradigma. | 40 |
| Quadro 2 – O que é ser jovem / o que é ser jovem em Cidade Tiradentes..... | 114 |

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| INTRODUÇÃO | 9 |
| LOCALIZANDO O OBJETO | 9 |
| PONTO DE PARTIDA | 13 |
| PERCURSO METODOLÓGICO..... | 14 |
| <i>Identificação do problema</i> | 14 |
| <i>Investigação qualitativa</i> | 17 |
| CAPÍTULO 1 – JUVENTUDE..... | 24 |
| 1.1 ESTADO DA ARTE..... | 24 |
| 1.2 CONCEITUAÇÕES | 27 |
| 1.3 A CONDIÇÃO JUVENIL NA CONTEMPORANEIDADE..... | 31 |
| 1.4 JUVENTUDES E TEMPO DISPONÍVEL | 34 |
| 1.5 POLÍTICAS PÚBLICAS | 39 |
| CAPÍTULO 2 - CIDADE TIRADENTES..... | 42 |
| 2.1 CONHECENDO A CIDADE TIRADENTES..... | 42 |
| 2.2. A CARA DA METRÓPOLE - DO SURGIMENTO À PERIFERIZAÇÃO | 57 |
| 2.3 A CARA DA PERIFERIA - DO “DEPÓSITO” AO DESENVOLVIMENTO HUMANO. DESLOCAMENTO E PERMANÊNCIA NO TERRITÓRIO..... | 63 |
| CAPÍTULO 3 – SER JOVEM NA CIDADE TIRADENTES –ANÁLISE DE QUESTIONÁRIO E DE GRUPOS FOCAIS | 66 |
| 3.1 QUESTIONÁRIO | 66 |
| 3.2 GRUPOS FOCAIS..... | 69 |
| 3.2.1 COTIDIANO: A DIMENSÃO DO PRESENTE | 70 |
| 3.2.2 LAZER: CULTURA, SOCIABILIDADE E AMIZADE | 84 |
| 3.2.3 FAMÍLIA: INSTITUIÇÃO EM CRISE? | 91 |
| 3.2.4 ESCOLA: UM CAMINHO A SE TRILHAR | 94 |
| 3.2.5 TRABALHO: “QUANDO VOCÊ DIZ QUE É DE CIDADE TIRADENTES...” | 98 |
| 3.2.6 A BICA: UM LUGAR SEGURO? | 101 |
| 3.2.7 FUTURO: “EU QUERO SER ADVOGADO” | 105 |
| CAPÍTULO 4 – AS JUVENTUDES EM CIDADE TIRADENTES: COMPREENDENDO SUAS MORATÓRIAS..... | 107 |
| 4.1 “SER ALGUÉM NA VIDA” | 109 |
| 4.2 UMA EXPERIMENTAÇÃO DIFERENCIADA: LIBERDADE, ALEGRIA E TRANSGRESSÃO | 110 |
| 4.3 SER JOVEM NA CIDADE TIRADENTES É TER LIBERDADE COM MODERAÇÃO | 113 |
| 4.4 O GÊNERO COMO CONDICIONANTE | 117 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 120 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 126 |
| APÊNDICES..... | 136 |
| APÊNDICE A –INSTRUMENTAL DE CAMPO | 137 |
| APÊNDICE B - ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL..... | 139 |
| APÊNDICE C – MODELO DE TERMO DE CONSENTIMENTO | 142 |
| ANEXOS | 143 |
| ANEXO A –ÍNDICE DE VULNERABILIDADE JUVENIL (SEADE)..... | 144 |
| ANEXO B –ÍNDICE PAULISTA DE VULNERABILIDADE SOCIAL (SEADE) | 145 |

Introdução¹

Localizando o objeto

Início este texto convidando o leitor a recompor comigo o caminho percorrido desde a idéia original desta dissertação; a identificar as motivações que impulsionaram a pesquisa; a lapidação do objeto e, enfim, a produção deste texto final.

Atribuo a concepção do primeiro desenho de pesquisa a fatos ocorridos um ano antes de meu ingresso no Programa de Mestrado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), em 2004. O momento a que me refiro correspondeu ao término de meu curso de graduação, no Curso de Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Considero aquele momento duplamente importante, por caracterizar o início de meu trabalho com juventude e por representar meu primeiro encontro com a Cidade Tiradentes.

O contato com os estudos sobre juventude

O trabalho e as primeiras reflexões sobre juventude vieram ao iniciar um estágio, com posterior efetivação, na Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária (AAPCS). Dedicada a apoiar a juventude de baixa renda das principais regiões metropolitanas brasileiras, através da promoção de cursos profissionalizantes, a AAPCS também estava, naquele ano, buscando aprofundar-se e atualizar-se nas questões que envolvem a juventude brasileira, debate que tive a oportunidade de acompanhar e que culminou na produção de um grande encontro, ocorrido no Memorial da América Latina, denominado “Encontro Estadual de Políticas Públicas de Juventude”.

A AAPCS vinha de um histórico pioneiro nessa área, ao iniciar seu trabalho em 1995, justamente no período de visibilidade do grande crescimento demográfico na faixa etária correspondente aos 15 a 24 anos. Resultado de um crescimento demográfico detectado nos anos 80, essa mudança agitou as organizações governamentais e sociais, bem como a produção acadêmica da época. É a partir do ano de 1994 que as pesquisas relacionadas à juventude se multiplicam de forma mais acentuada e constante. Segundo o banco de teses da

¹ O sistema autor-data será utilizado para elaboração de referências ao longo de todo o texto.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), do total da produção de dissertações e teses sobre esse tema (677 até 2004), 93% correspondem ao período pós 1994, sendo que 23% são do segundo quinquênio dos anos 90 e expressivos 70% do primeiro quinquênio dos anos 2000, conforme será detalhado adiante.

Mas essa explosão demográfica exerceu também um papel de alerta aos pesquisadores e executores de políticas públicas. Com as atenções voltadas aos jovens, sentiu-se a necessidade de se qualificar os debates e as ações voltadas a esse público. A sociedade civil acabara de atravessar um processo de intensa discussão sobre os direitos da infância e adolescência, representada na promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente (1993) e deparava-se agora com a questão da juventude: afinal, quem são os jovens? Quais os parâmetros etários além daquela já determinada legalmente como “adolescência” seriam construídos para contextualizar a “juventude”? Havia o desafio de se deslocar a abordagem marcada pela proteção e tutela, característica das políticas direcionadas à criança e ao adolescente, para outra pautada na perspectiva de liberdade e emancipação.

Primordialmente, que desviasse o olhar recriminador sobre os jovens, decorrente de uma tradicional concepção da “juventude problema”, em que a evidência e o ponto de partida não estivessem nos problemas sociais em que estão envolvidos. Ao contrário, que privilegiasse um entendimento aprofundado desse grupo e dos modos como experienciam a juventude; que os tivesse como sujeitos de uma fase com características próprias e específicas, e não apenas de uma fase de transição; ou seja, que buscasse entender quem são esses sujeitos, mais do que o que deixaram de ser (saída da infância) ou o que ainda não são (ingresso na vida adulta).

Esse tem sido, em verdade, um desafio ainda corrente, porém em torno do qual se têm observado uma multiplicidade de esforços. Hoje, existem muitas secretarias de estado e programas sociais focados na produção de políticas públicas de juventude, além de uma multiplicidade de estudos de institutos de pesquisa objetivando melhor conhecer a juventude brasileira. Corroborando essa tendência, foi aprovado recentemente o Estatuto da Juventude, cuja elaboração contou com a participação de jovens de todo país e que promete dar conta da garantia dos direitos fundamentais dos jovens de 18 a 25 anos.

A despeito do crescimento do debate e dos esforços em se conhecer os jovens e reconhecê-los como sujeitos sociais, verificado tanto na esfera das políticas públicas, como no círculo acadêmico, creio haver uma grande necessidade de reforço em temas que tratam o

conhecimento das especificidades das formas de vivenciar a juventude. Os próximos itens tratarão de explicitar como o presente estudo buscará compreender essas especificidades em Cidade Tiradentes.

Aliás, este estudo sobre juventude só faz sentido se, em primeiro lugar, a localizarmos espacialmente. Aqui, caímos em nosso segundo tema. Quando mencionei meu primeiro contato com os estudos sobre juventude, qualifiquei aquele momento como duplamente importante por ter sido também o momento de meu primeiro contato com o distrito de Cidade Tiradentes, no extremo leste do Município de São Paulo. O contato se iniciou durante minhas pesquisas para a elaboração a Monografia de Conclusão de Curso da Faculdade de Turismo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, em 2003, e se aprofundou através da participação em diversos projetos no local, tais como na elaboração do mapeamento de entidades culturais para o Projeto Fábricas de Cultura, da Secretaria Estadual de Cultura de São Paulo, e em cursos diversos de qualificação profissional de jovens e de gestores sociais no mesmo distrito, viabilizados pelo Programa Capacitação Solidária.

Não coincidentemente, seria incoerente falar de Cidade Tiradentes sem falar de sua juventude. Considero que a compreensão da dinâmica da Cidade Tiradentes, hoje, só tem sentido se perpassar a formação de sua juventude, desde sua relação com o surgimento do distrito até as relações que se construíram hoje com o mesmo. Sobre isso se dedicará com maior profundidade o capítulo 2 desta pesquisa.

Dados secundários

Para o desenvolvimento do presente estudo, algumas pesquisas tiveram papel fundamental para complementação de informações sobre juventude e Cidade Tiradentes. Elas serão citadas ao longo de todo o texto e, por isso, serão apresentadas antecipadamente:

- 1. Perfil da Juventude Brasileira.* Essa pesquisa, realizada pelo Instituto Cidadania, é um aprimoramento de pesquisa realizada pelo Fundação Perseu Abramo em 1999, cujo objetivo era o levantamento de dados quantitativos que expressassem a juventude brasileira em diversos aspectos. Aproximadamente 3500 jovens foram entrevistados nas regiões metropolitanas de São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Brasília e Belém. Os resultados da pesquisa foram publicados em 2005.

2. ***Juventude, gênero e espaço público***. Pesquisa realizada pelo Instituto Sou da Paz em 2007, nos distritos de Jardim Ângela e Campo Limpo, objetivava conhecer o modo como mulheres jovens ocupam espaços públicos e participam das decisões comunitárias nesses distritos.
3. ***Mapa da Juventude Paulistana***. Elaborado pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea(CEDEC), em 2003. A pesquisa dividiu o município de São Paulo em Zonas Homogêneas. Elas são 5 conglomerados construídos a partir do indicador composto juvenil, que considerou as seguintes variáveis: percentual da população jovem no conjunto do distrito, taxa anual de crescimento populacional do distrito entre 1991 e 2000, percentual de mães adolescentes no total de nascidos vivos, coeficiente de mortalidade por homicídios na faixa etária de 15 a 24, percentual de Jovens que não freqüentam escola, coeficiente de viagens por motivo de lazer por distrito, índice de mobilidade da população de 15 a 24 anos, valor do rendimento médio mensal familiar. A ZH 1 é aquela que reúne os distritos com as melhores condições para os jovens e a ZH 5 os piores.
4. ***Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas*** (IBASE, Polis, 2005) Esse estudo buscou compreender as formas como os jovens se envolvem com a vida social e política do país. Aproximadamente 9 mil jovens foram entrevistados em todo o Brasil, e cerca de 1500 na região metropolitana de São Paulo.
5. ***Pesquisa de Emprego e Desemprego do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - São Paulo*** (Fundação Seade; DIEESE, 2005). Pesquisa contínua realizada mensalmente na região metropolitana de São Paulo que busca avaliar estatisticamente a evolução do emprego na região.
6. ***Mapa dos Direitos Humanos da Cidade de São Paulo*** -SIM Direitos Humanos, CMDH, 2005. Esse mapa foi elaborado pela Comissão Municipal de Direitos Humanos com o objetivo de avaliar as condições de vida da população do município de São Paulo nas áreas de educação, saúde, condições de moradia, combate à violência, participação política, direitos da mulher, dos

negros e das crianças e adolescentes, buscando identificar o comprometimento que esses dados acarretam para a garantia dos direitos humanos dos cidadãos.

7. **IBGE – Censos 1991 e 2000 e PNAD.** A partir desses dados, foram elaborados índices, como o *Índice Paulista de Vulnerabilidade Social* (IPVS) e o *Índice de Vulnerabilidade Juvenil* (IVJ), ambos da Fundação Seade. O primeiro traz dados detalhados dos setores censitários da Cidade Tiradentes, classificando-os por “nenhuma vulnerabilidade”, “muito baixa”, “baixa”, “média”, “alta” e “muito alta vulnerabilidade”. Já o segundo retrata a condição especificamente da população juvenil, classificando-as em 5 grupos de vulnerabilidade. Os indicadores utilizados estão apresentados nos anexos deste documento.

Ponto de partida

A pesquisa realizada para a minha monografia de conclusão de curso, aqui mencionada, contribuiu para o entendimento das práticas de lazer em Cidade Tiradentes ao mesmo tempo em que levantou hipóteses que pretendem ser trabalhadas no presente estudo.

Intitulada: “Práticas de Lazer em Cidade Tiradentes: identificação das carências e potencialidades”, a pesquisa tinha o objetivo de mapear as práticas de lazer no distrito e identificar as potencialidades envolvidas.² O interesse era identificar o significado que as práticas de lazer assumiam para a população de um distrito onde o lazer é declaradamente uma das principais carências. Havia a intenção de compreender como as atividades de lazer e de sociabilidade aconteciam, quais equipamentos utilizavam, quais demandas eram apontadas. O que se obteve, ao final da análise, foram ricas informações a respeito da forma de vida dos jovens da região. Vejamos, a seguir, algumas dessas conclusões:

1. Cidade Tiradentes parece estar assumindo uma dinâmica que tem o jovem como o principal protagonista. Em geral possuem mais vínculo com o distrito do que seus pais, pois este é o local onde a maioria deles passou quase toda sua vida e que ainda passa grande parte de seu tempo cotidiano e de seu tempo de lazer. Os pais, por sua vez, já estabeleceram suas

² Práticas de lazer de jovens em Cidade Tiradentes: Identificação de carências e potencialidades. TCC apresentado no curso de Turismo e Lazer da Escola de Comunicações e Artes da USP (ECA-USP. São Paulo, 2003).

vidas centradas no trajeto Cidade Tiradentes-Centro-Cidade Tiradentes, em função de seu local de trabalho, e que acaba por lhes consumir a maior parte do tempo.

2. O lazer parece ser considerado uma das prioridades para desenvolvimento no distrito, ao passo que melhorias no transporte público são tidas como prioridade para os adultos. Os jovens parecem querer condições para continuar na Cidade Tiradentes; os adultos, por sua vez, condições para sair, diariamente, da Cidade Tiradentes.

3. Existe uma notável distinção na forma de vida dos jovens da região. São jovens que vivem entre extremos: um grupo fortemente descrente quanto às possibilidades de transformação local – de onde surge o desejo de mudar-se **do** local- e outro que, apostando nestas possibilidades e apoiados em fortes redes de sociabilidade, pensa na alternativa de mudar **o** local, seja de forma organizada ou improvisando o uso de equipamentos existentes. Para esses, bem como para aqueles que demonstram repulsa ao local, oportunidades de práticas de lazer e sociabilidade são prioridades sociais.

4. As diferenças nas vidas de jovens homens e mulheres são marcantes, especialmente no tocante às atividades praticadas cotidianamente. Elas apontam para uma estrutura familiar centrada na figura da mulher como a responsável pelos serviços domésticos, passando a maior parte de seu tempo no espaço privado e institucionalizado.

Percurso metodológico

Identificação do problema

Tendo exposto as preocupações que instigaram a realização da monografia de conclusão de curso mencionada, bem como as conclusões que esse - um trabalho de iniciação à pesquisa – apontou, creio poder agora desenvolver os objetivos da presente pesquisa.

Ao aprofundar o estudo sobre as práticas de lazer dos jovens da Cidade Tiradentes, algumas inquietações emergiram. Primeiramente, ficou claro que a focalização em um aspecto da vida dos jovens não pode desconsiderar suas outras esferas. O jovem não é dividido entre aquele que brinca, namora, pratica esportes, produz cultura, daquele que estuda, trabalha, rouba, arruma a casa, cuida dos filhos. Assim, pareceu importante adequar o olhar para um entendimento integral dos jovens, em sua totalidade. Somado a isso, ficou também claro que os jovens, ou o substantivo que os designa, devem sempre ser compreendidos em

sua pluralidade. Como será visto adiante, a juventude passa a ser juventudes. Isso porque os padrões que os caracterizam não dão conta das especificidades que fazem parte de suas vidas.

Dessa forma, o objetivo deste trabalho reside em conhecer as formas particulares de ser jovem na Cidade Tiradentes. Tomarei como ponto de partida a existência de uma multiplicidade de formas de se vivenciar a juventude que termina por produzir grupos juvenis específicos e heterogêneos. Esta é, em verdade, uma primeira hipótese que, apesar de contar com o reforço de uma grande gama de produções recentes sobre juventude, está sendo levantada a fim de ser verificada.

Essa visão é acolhida, por exemplo, por autores como Carrano e Scheinvar (2005, p.199) que, por um lado, constatam que “aspectos relacionados à percepção da pluralidade dos modos de ser jovem, especialmente no que concerne ao âmbito da cultura e das ações relacionadas com os sujeitos coletivos” têm sido necessários e conquistado espaço nos estudos acadêmicos sobre juventude. Por outro, apontam para a centralidade desses estudos em aspectos relacionados às instituições socializadoras que os jovens constituem, denotando abordagens que freqüentemente pecam por focalizar a linearidade dessas instituições e por desconsiderar a “multiplicidade de práticas e dos pertencimentos sociais que constituem os jovens pessoal e coletivamente”.

A perspectiva que impulsiona a pesquisa reside no reconhecimento da existência, no processo de formação do sujeito e na construção da identidade, de uma multiplicidade de agentes socializadores e produtores de valores e referências culturais, em detrimento da hegemonia de instituições que tradicionalmente cumpriam esse papel, como a família, escola e trabalho.

Nesse particular, tomamos a identidade como uma categoria de análise, cuja construção é produto de socialização e interação, coexistindo à individualização. Em outras palavras, ela estaria dividida em dois processos. Um primeiro que se perpetuaria ao longo do tempo, mantendo as particularidades do sujeito. E um segundo que se referiria a “uma série de perfis sociais e culturais próprios dos indivíduos³ nas sociedades modernas” (MARTUCCELLI, 2002, p.343.). Esse aspecto transitório e cambiante é melhor explorado por autores como Bauman (2005) e Hall (2001, p. 13), este último identificando o surgimento

³ Sposito (2000) discute a adequação do uso do termo sujeito, no lugar de indivíduo, por pressupor o “produto de um trabalho de crítica de si mesmo e dos papéis sociais; envolve a autonomia e o desejo de criar e dar um sentido à sua narrativa individual”.

de novas identidades e a fragmentação do indivíduo moderno, resultado da crise da identidade na pós- modernidade:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente (...) À medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar, ao menos temporariamente.

Nesse sentido, vale considerar o grande espaço que os grupos culturais representam na construção de identidades juvenis, conforme nos mostram resultados da pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira”. Segundo ela, dos jovens envolvidos em grupos organizados, mais da metade referem-se a grupos culturais, o que “aponta para a força mobilizadora das ações organizadas em torno da produção de sentidos simbólicos e identidades coletivas, em torno seja de estilos culturais específicos, seja de atitudes sociais compartilhadas de socialização política” (BRENNER, DAYRELL e CARRANO, 2002, p. 209). Ou, como analisa, Dayrell (2005, p.329) grupos culturais são produtores de sociabilidade que, por sua vez, respondem às necessidades dos jovens de comunicação, solidariedade, democracia, autonomia, trocas afetivas e, principalmente, de identidade, para tanto se referenciando em Pais (1993, p.94), para quem os pares “constituem o espelho de sua própria identidade, um meio através do qual fixam similitudes e diferenças em relação aos outros”.

A perspectiva das culturas juvenis configura-se como uma linha de estudo importante e emergente, ao romper com padrões clássicos que analisam os jovens a partir de suas inserções no mundo da escola ou do trabalho, sem a valorização das outras possibilidades de participação social desse grupo (essas tradicionalmente vistas como originárias de problemas sociais). Entretanto, neste ponto, gostaria de estender as possibilidades de análise para além dos muros da escola, trabalho ou das manifestações culturais juvenis. Afinal, a circulação é mais fluida do que institucionalizada, e revela práticas cotidianas ligadas a “redes de parentesco, amizade e vizinhança, que permitem compreender aspectos importantes da vivência desse grupo social, como as relações de gênero e entre as gerações, as lógicas de sociabilidade e os processos de criação de identidades” (FRANCH, 2002, p.119).

Dessa forma, temos que a noção de identidade está vinculada a uma série de práticas sociais e culturais, entrelaçadas por complexas redes de sociabilidade e acolhidas por espaços públicos e privados. Estes, mais do que cenários imóveis e passivos, interagem com

essas ações, deixando de ser “mero substrato onde se desenvolvem ações sociais, para ser condição e conteúdo deste agir” (FERREIRA, 1999, p. 12).

Assim, vale retomar as outras hipóteses que complementam este estudo. Elas advêm das conclusões da monografia de graduação, já explicitadas no item anterior, que resgato aqui para melhor compreensão. São elas, resumidamente:

1. Os jovens exercem papel fundamental na Cidade Tiradentes. A dinâmica do distrito é centrada neles. Eles representam 20% da população local e concentram as possibilidades de ação social e cultural, bem como são os principais agentes do tráfico de drogas.

2. O incremento dos equipamentos de lazer constitui-se prioridade para os jovens, especialmente equipamentos que promovam o encontro e a sociabilidade, tais como centros culturais e esportivos.

3. Entre os jovens, há pelo menos dois grupos: aqueles que desejam mudar-se do local e aqueles que desejam mudar o local. As redes de sociabilidade que estão envolvidos desempenham papel importante nessas posições.

4. Homens ocupam mais os espaços públicos e mulheres os espaços privados e institucionalizados.

Esses apontamentos foram essenciais para guiar meu olhar durante o trabalho de campo. Entretanto, devo ressaltar que a pesquisa foi abrangente o suficiente para dar espaço para que novos temas e questões emergissem. Como já defendido anteriormente, ela pretende atender para os jovens em sua integralidade, buscando detectar aspectos importantes de suas vidas, que mereçam maior reflexão.

Investigação qualitativa

Para alcançar os objetivos explicitados, a presente pesquisa adotou a investigação qualitativa como estratégia metodológica. Tratando-se de um estudo exploratório, não se objetiva transportar a análise deste estudo para um universo maior. Objetivou-se, sim, analisar e explorar discursos de grupos de jovens residentes em Cidade Tiradentes. Esses, por sua vez, foram estudados a partir de uma perspectiva holística, conforme sugere Gonzaga (2006, p. 73): “as pessoas (...) não são reduzidas a variáveis, senão consideradas com um todo. O

pesquisador qualitativo estuda as pessoas no contexto de seu passado e das situações nas quais se acham”.

O método qualitativo foi escolhido para complementar dados coletados em pesquisas quantitativas, como a monografia de conclusão de curso, que proveu pistas sobre as quais o presente estudo se debruçou, e a aplicação dos questionários, que constituiu uma das etapas do presente estudo. Dessa forma, desejo não reforçar a idéia de oposição entre uma abordagem e outra, mas de complementar uma compreensão, sem uma intenção única de medição.

A investigação foi realizada por meio de entrevistas com grupos de jovens. O formato das entrevistas espelhou-se no método utilizado pela pesquisadora Nadir Zago (2003). Ela propõe, para responder a seus problemas de pesquisa, a utilização de “entrevistas compreensivas”. Elas se caracterizam por apresentarem uma estrutura flexível, ou seja, que possibilitam alterações nas perguntas conforme o interesse do investigador. Em suas palavras: “Na entrevista compreensiva, o pesquisador se engaja formalmente; o objetivo da investigação é a compreensão do social e, de acordo com este, o que interessa ao pesquisador é a riqueza do material que descobre”⁴.

Desta forma, a entrevista compreensiva se difere largamente do modelo clássico, possibilitando a construção da problemática de estudo durante todo o desenvolvimento da pesquisa.

Valendo-me desse modelo, a proposta foi a realização de entrevistas coletivas, no formato de grupos focais. Cada grupo focal foi pensado tendo em torno de 8 a 10 participantes, e as questões foram direcionadas ao grupo, com minha mediação e suporte de um assistente. Todas as falas foram gravadas. Durante a condução das entrevistas, ativemo-nos a algumas questões previamente estabelecidas, bem como à possibilidade de inserção ou prolongamento de outros temas, conforme foram se mostrando necessários e de acordo com a proposta de entrevista já descrita.

A técnica dos grupos focais foi complementada pela aplicação de questionários, em maior número, a jovens com mesmo perfil que os que compuseram os grupos de discussão. Ambos buscam compreender como os jovens expressam seus modos de vida, conforme será detalhado a seguir. A mescla de procedimentos metodológicos é chamada por

⁴ Ibid, p. 298.

alguns autores como triangulação metodológica. Busca, através da conjugação de dados de natureza qualitativa e quantitativa, comparar e contrastar informações. O cruzamento de dados, por sua vez, permite a obtenção de outros dados que não foram detectados em um primeiro momento.

Pesquisa de Campo

A pesquisa de campo teve por objetivo possibilitar uma aproximação à condição juvenil dos jovens de Cidade Tiradentes. Buscou conhecer como vivem a juventude, para então detectar ou não a existência de uma heterogeneidade nessa condição juvenil. Assim, foram estudadas as duas pontas desse processo: como se origina ou se restringe a heterogeneidade e quais caminhos dela emergem.

I) Público 1: Jovens participantes de ações sociais

A primeira parte da pesquisa foi realizada com jovens que participam do projeto social “Capacitação profissional de jovens – Instituto Tio Pac e Capacitação Solidária).

Público 2: Jovens não participantes de ações sociais

A segunda parte da pesquisa foi realizada com jovens que não necessariamente participem de projetos sociais. Eles foram abordados em locais de grande circulação juvenil, como Telecentros e Praças de Cidade Tiradentes.

Publico 3: Jovens estudantes

A terceira parte foi realizada com jovens estudantes da Escola Estadual Deputado Fernando Mauro.

II) Metodologia

A pesquisa foi realizada em duas etapas:

Etapa 1: Aplicação de **questionário** a 60 jovens;

Etapa 2: Realização de três reuniões (**grupo focal**) com cerca de 7 jovens cada, distribuídos equitativamente entre homens e mulheres, com idades entre 15 e 18 anos, totalizando aproximadamente 20 jovens.

Ações envolvidas:

1. Apresentar projeto à ONG/escola e encaminhar carta de apresentação;
2. Selecionar 10 pessoas, do total de interessados, para participar do grupo focal;
3. Enviar convite explicitando: data, horário, local, apresentação do projeto, garantia de anonimato;
4. No dia da reunião, solicitar assinaturas do termo de consentimento;
5. Preparar gravação e roteiro de anotações;
6. Antes do início da reunião, aplicar dinâmica de aquecimento:
 - Entregar duas folhas sulfite a todos os participantes. Solicitar que definam, de um lado da folha, o que é ser jovem; do outro lado, o que é ser jovem na Cidade Tiradentes. (15min)
 - Ao término da atividade, pedir que apresentem suas definições, explicando-os.
 - Atentar às questões que surgem nessa discussão para posterior retomada.

O planejamento dos grupos focais teve início logo após o exame de qualificação, quando foram redefinidos alguns objetivos da pesquisa e procedimentos metodológicos. A idéia original era realizar as discussões com apenas dois grupos, sendo um com alunos de um projeto social e outro com jovens frequentadores do Centro de Educação Unificado Inácio Monteiro. Pretendia-se, dessa forma, analisar os discursos de jovens envolvidos em uma ação social e, também, jovens sem esse envolvimento. Assim, poderíamos levantar informações sobre o papel desempenhado por organizações sociais nas vidas desses meninos.

O grupo focal com jovens de instituição foi realizado sem dificuldades. Para tanto,

foram realizadas duas visitas, sendo que na primeira foi distribuído o questionário para todos os alunos do curso e feito o convite aos interessados em participar do grupo focal. A coordenação do curso esteve desde o início próxima da pesquisa, tendo aberto espaço em uma das aulas para o preenchimento dos questionários e para a explicação sobre os objetivos da pesquisa. Assim, agendou-se a data do grupo focal e, nesse dia, metade dos alunos que haviam demonstrado interesse participou da conversa. Como a reunião acontecera logo após as aulas, por volta das 13h, providenciei um lanche para os jovens presentes. A conversa transcorreu de forma tranquila e organizada. Em alguns assuntos, os jovens se atropelavam nas falas, cada um querendo impor seu discurso. Entretanto, na maioria das vezes, houve respeito e escuta. Alguns assuntos nunca haviam sido conversado entre eles, o que possibilitou uma aproximação do grupo que prosseguiu após a reunião, conforme relato de um professor.

O planejamento do grupo de frequentadores do CEU, entretanto, esbarrou em alguns obstáculos. A direção do centro me recebeu prontamente, porém logo informou que haveria poucos jovens dentro de faixa etária desejada nesse espaço. Assim, passei a procurar outros locais de abordagem de jovens. Fui informada sobre a Praça do 65, localizada na avenida dos Metalúrgicos, a principal avenida do distrito, onde jovens costumam se reunir. É também um local de passagem, próximo a uma escola da região, por isso sempre bastante ocupado. Como o objetivo, nesse momento, era o de abordar jovens sem necessária participação em projetos sociais, avaliei que esse seria um bom local de abordagem. Além dele, visitei também alguns Telecentros, frequentados prioritariamente por jovens, para convidar voluntários a participar do grupo de discussão. O local de realização da reunião foi solicitado junto à Escola Técnica de Saúde, órgão do município de São Paulo, que gentilmente cedeu uma sala de aula.

Com o auxílio de um assistente de pesquisa, residente em Cidade Tiradentes, abordei cerca de 20 jovens. Desses, 10 se dispuseram a comparecer à reunião. Em geral, as meninas demonstraram receio e desconfiança muito maior do que os meninos. Muitos jovens começaram a opinar sobre os assuntos que seriam discutidos na reunião na praça mesmo, mostrando que têm muito a dizer. Entretanto, no horário marcado, apenas 3 jovens compareceram. Esperamos por cerca de 30 minutos, mas nenhum outro jovem chegou. Assim, optamos por realizar a reunião mesmo com poucos presentes. A discussão foi muito produtiva, tendo possibilitado aos jovens apresentar seus pensamentos sem corte em função

de restrição de tempo ou de muitas pessoas querendo falar.

Em função do pequeno número de jovens presentes no segundo grupo, optei por realizar mais um grupo focal. Dessa vez, avaliei que seria necessário o aporte de uma instituição, pois a experiência anterior demonstrou haver muita desconfiança quando o pesquisador se apresenta sem a vinculação de uma entidade de referência para os jovens. Dessa forma, escolhi as escolas estaduais como palco da próxima reunião. Já tendo realizado pesquisas nas escolas de Tiradentes quatro anos atrás, ocasião em que não enfrentei qualquer dificuldade, acreditei que a realização da pesquisa nesses locais seria simples. Entretanto, me deparei com uma realidade muito diferente.

Contatei aproximadamente 8 escolas, sendo que apenas uma me recebeu. Em todas as outras, os entraves surgiam de todas as formas, desde “estamos muito ocupados nessa época do ano” até “não é permitida a entrada de pesquisadores na escola”. Vale lembrar que a autorização da Diretoria de Ensino da Leste 3, responsável pelas escolas da região, já havia sido conseguida. Parecia haver entre essas escolas uma grande desconfiança sobre os objetivos reais da pesquisa, sendo que duas escolas solicitaram a leitura prévia, pela direção, do questionário a ser endereçado aos alunos. Uma das escolas não o aprovou, alegando necessitar da autorização da Diretoria de Ensino (sem acreditar que ela já existia) e a outra não emitiu resposta até hoje. Todos esses contatos foram realizados dois dias depois de ser divulgada, pelo jornal *A Folha de São Paulo*, pesquisa que relata que a média de falta diária na rede estadual de ensino é de 12,8%. Assim, essa pode ser uma explicação para a má recepção das escolas estaduais à entrada de pesquisadores.

Passado esse período de frustração, finalmente recebi uma resposta positiva, da Escola Estadual Deputado Fernando Mauro. Após conversas com a coordenadora pedagógica, reunimos cerca de 10 alunos em uma sala de aula. Nesse grupo, a conversa foi travada, seja pela postura dos jovens participantes, que por vezes mentiam ou brincavam, seja pela intromissão de jovens não participantes, que queriam saber o que estava acontecendo e por isso batiam na porta a cada cinco minutos. Muitas perguntas não eram levadas a sério pelos meninos, que ao mesmo tempo em que reclamavam de algumas atitudes da direção, como por exemplo não punir os alunos mal comportados, agiam e se revelavam como os próprios alunos “rebeldes”. Possuíam muitas reclamações e indagações em relação à postura da escola, porém disseram não serem ouvidos. Durante suas falas, pude captar algumas sugestões que desejariam encaminhar à escola, sendo que não o fazem pela falta de um canal de diálogo.

Assim, encaminhei algumas dessas sugestões à coordenação pedagógica, tendo também aconselhado os jovens a se organizarem para que esses encaminhamentos sejam feitos diretamente por eles. Os assuntos discutidos nem sempre tinham opiniões consensuais, o que causou gozação de alguns em relação aos outros. Esse foi certamente o grupo que exigiu maior atenção na mediação na conversa.

Capítulo 1 – Juventude

Este capítulo traçará um panorama das produções que vêm sendo realizadas nas últimas décadas acerca da temática juventude como reflexo das preocupações que afligem as sociedades em cada época. A partir dessa análise, localizará este trabalho e discutirá como ele pretende contribuir para um entendimento dos novos cenários da condição juvenil. Privilegiará a esfera do lazer e do tempo livre como grande característica dessa condição e apresentará algumas abordagens teóricas sobre o tema. Por fim, discutirá como as políticas públicas vêm trabalhando em prol das demandas da juventude, quais são as principais questões que estão sendo discutidas e quais os caminhos que têm aberto.

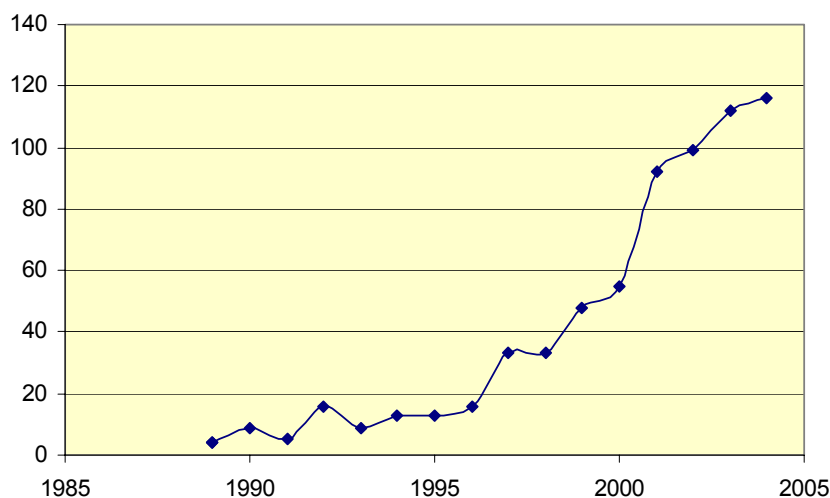
1.1 Estado da arte

Uma busca, realizada para este trabalho, no banco de teses e dissertações da CAPES, indica que há uma extensa produção na área de juventude, tendo sido localizados um total de 677⁵ trabalhos. Desses, 538 são em nível de mestrado e 139 de doutorado. Destacamos que a pesquisa foi feita a partir da busca da palavra “juventude” no campo “assunto”. Dessa forma, estamos aceitando a possibilidade de supressão de alguns estudos que trabalharam com essa temática, porém que não foram identificados pelo sistema de buscas do banco de teses da CAPES, de acordo com esta palavra-chave.

Notamos, no gráfico a seguir, que o número de trabalhos nessa área vem crescendo em uma constante ao longo dos últimos 15 anos, acentuando-se com maior expressividade a partir dos anos 2000⁶.

⁵ A busca foi realizada a partir da palavra *juventude*.

⁶ A produção entre os anos de 2000 e 2004 corresponde a 70% do total de trabalhos sobre juventude no período de 1989 a 2004.

Gráfico 1: Produção acadêmica sobre juventude (1985-2004)

Fonte: Banco de Teses CAPES, 2006- Gráfico elaborado pela autora.

Na área específica da educação, tomaremos como referência o levantamento realizado pelo Comitê dos Produtores da Informação Educacional (Comped) e pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped), em 2002, para a Série Estado do Conhecimento, volume específico sobre **Juventude e Escolarização (1980-1998)**. O estudo considerou um total de 8.667 trabalhos na área de Educação, entre teses (1.167) e dissertações (7.500). Desse total, 4,4% (387) corresponde à produção sobre juventude, sendo que há uma significativa concentração de estudos no período de 1995 a 1998, tanto da produção total de trabalhos quanto de temas específicos sobre juventude.

Ainda com referência à pesquisa “Juventude e Escolarização”, as instituições da região Sudeste, seguida pela Sul, são as que possuem o maior número de produções na área, durante o período compreendido entre 1980 e 1998, destacando-se a PUC-SP (50), a UFRGS (37), UNICAMP (33), USP (31), UFRJ (29) e PUC-RS (26). Os temas abordados nesses trabalhos foram agrupados em 11 blocos, que reproduzimos a seguir:

Tabela 1 - Produção sobre juventude por eixo temático (1980-1998)

| Temas | Produções | % |
|--|------------------|------------|
| Jovens, mundo do trabalho e escola (alunos da educação básica que trabalham) | 80 | 20,67 |
| Aspectos psicossociais de adolescentes e jovens | 76 | 19,63 |
| Adolescentes em processo de exclusão social | 64 | 16,53 |
| Jovens universitários | 54 | 13,95 |
| Juventude e escola (ensinos fundamental e médio sob a perspectiva do aluno) | 50 | 12,91 |
| Jovens e participação política | 23 | 5,94 |
| Mídia e Juventude | 13 | 3,35 |
| Jovens e violência | 11 | 2,84 |
| Grupos juvenis | 9 | 2,32 |
| Jovens e adolescentes negros | 4 | 1,03 |
| Outros | 3 | 0,77 |
| Total | 387 | 100 |

Fonte: Juventude e escolarização (1980-1998). Série Estado do Conhecimento nº7. MEC/ Inep/ Comped. Brasília, 2002.

Essa mesma pesquisa detalhou os períodos em que cada tema foi desenvolvido com maior frequência. Pode-se apreender que a década de 80 apresenta um grande interesse relacionado ao tema “Aspectos Psicossociais de Adolescentes e Jovens”. No final dessa década até os primeiros anos da década de 90, passam a ganhar força trabalhos sobre “Jovens, mundo do trabalho e escola”, que discutem os cursos noturnos, a profissionalização, a escolha profissional e os significados do trabalho para alunos da educação básica que trabalham. A partir daí começam a aparecer produções que envolviam o estudo de adolescentes em processo de exclusão social, chegando a alcançar, em 1995, quase 25% da produção total sobre juventude.

Detectou ainda a existência de um conjunto de temas que, agrupados, foram considerados “temas emergentes”. Eles correspondem a aproximadamente 8,5% do total da produção e tratam de assuntos novos e atuais, como “Mídia e Juventude”, “Grupos Juvenis” e “Jovens e Violência”, também chamando a atenção para a pequena dedicação de estudos relacionados à temática racial, étnica e de gênero. Dentre muitas conclusões, uma delas observa que o grande número de pesquisas com centralidade na escola indica haver uma apreensão do jovem mais por sua condição de aluno do por suas origens sociais.

Desta forma, verifica-se que “ainda há um desconhecimento sobre a condição juvenil na sociedade brasileira, marcada por recortes intensos nas desigualdades sociais, culturais e étnicas que oferecem para pesquisa a realidade plural da juventude” (SPOSITO; 2002, p.20). Simultaneamente, pareceria haver a partir da análise dos temas emergentes e um declínio da produção centrada na instituição escolar:

(...) ao que tudo indica, estaria ocorrendo um padrão de esgotamento das análises sobre a escola no Brasil que privilegiariam apenas a experiência pedagógica e os mecanismos presentes na distribuição do conhecimento escolar, sem levar em conta outras dimensões e práticas sociais em que está mergulhado o sujeito, aspectos cruciais a apontar os limites da ação socializadora dessa instituição⁷.

Assim, é possível verificar a pertinência do tema proposto pelo presente estudo. “Ser jovem na Cidade Tiradentes: estudo exploratório” pretende reforçar a necessidade de estudos que busquem conhecer aspectos da nova condição juvenil e a pluralidade nas formas de vivenciar a juventude e de se constituir como sujeitos, em uma das regiões com maior concentração de jovens do município de São Paulo.

1.2 Conceituações

Existe um debate, tanto na esfera acadêmica quanto nos órgãos gestores de políticas para juventude, acerca da conceituação do termo juventude. Discutir seus conceitos importa para que haja clareza no perfil do público a que se destinam as políticas públicas: há uma faixa etária específica? Há um padrão comportamental que caracteriza esse grupo? Como esse grupo vem se adaptando às mudanças contemporâneas? Estamos assistindo a um processo de alongamento da juventude?

Para compreender o que se vem discutindo nesse sentido, tomemos a posição de alguns autores clássicos e outros contemporâneos, bem como o que consideram os principais institutos de pesquisa e secretarias de estado.

Machado Pais (1993) observa haver uma tendência sociológica nos estudos que têm a juventude como foco a partir de duas abordagens: a primeira seria a que a considera como uma fase da vida, na qual os jovens seriam englobados num todo homogêneo, assim chamada de teoria geracional; a segunda como um conjunto social diversificado através da

⁷ Ibid., p. 20

origem de classe, também conhecida como teoria classista. Destaca que o desafio é articular as perspectivas, para só assim dar conta dos “paradoxos da juventude”.

Bourdieu refere-se à questão da juventude como uma construção social. Em “Juventude é apenas uma palavra (1983)”, critica a teoria geracional e defende que a existência de um grupo denominado “juventude” depende mais de um olhar do pesquisador do que de sua realidade objetiva. Isso porque há uma ampla variedade de características de grupos juvenis que são comprometidas ao serem classificadas dentro de um mesmo conceito. Ademais, considera a idade como um dado socialmente manipulado e passível de manipulação no âmbito de relações de poder. Assim sendo, a categorização dos jovens em uma unidade social, como um grupo constituído dotado de interesses comuns, relacionando-os a uma determinada idade, constituir-se-ia por si só uma manipulação.

Parece consensual entre os pesquisadores contemporâneos o reconhecimento de uma heterogeneidade marcante entre grupos juvenis que culmina na aceção de que a juventude não é única, porém diversa, de modo que a melhor forma de identificá-la seria empregando seu termo no plural. Bourdieu (1983. p. 112) refere-se à terminologia “juventude” como um abuso de linguagem, por “subsumir em um mesmo conceito universos sociais que praticamente não possuem nada de comum”.

Conforme reforça Abramo (2005, p. 44), “agora a pergunta é menos sobre a possibilidade ou impossibilidade de viver a juventude, e mais sobre os diferentes modos como tal condição é ou pode ser vivida”. Dessa forma, a(s) juventude(s) passa(m) a “adquirir sentido em si mesma e não mais somente como preparação para a vida adulta” (ibidem).

Para que essa assertiva seja válida, muitos ajustes ainda há de serem feitos, a começar pela superação da noção da transitoriedade como componente da conceituação sobre juventude. O reconhecimento da passagem da condição de heteronomia infantil para autonomia adulta traz consigo dificuldades práticas de se pensar quem são, o que fazem e o que querem os jovens, ao serem compreendidos pelo que deixaram de ser e o que ainda não são. Ademais, como lembra Sposito (2002) a prevalência de uma idéia de subordinação à vida adulta, com todo seu significado imbuído de rigidez e estabilidade, reflete na juventude os aparentes e permanentes problemas decorrentes de uma suposta instabilidade, e não na própria sociedade onde habitam. Estas questões são as que habitualmente ganham destaque nas análises sobre juventude, conforme observa Abramo (1997, p.28):

Toda vez que se relaciona a questão da juventude à da cidadania, seja pelos atores políticos seja pelas instituições que formulam ações para jovens, são os problemas (as privações, os desvios) que são enfocados (...). As questões elencadas são sempre aquelas que constituem os jovens como problemas e nunca questões enunciadas por eles, mesmo porque não há espaço comum de enunciação entre grupos juvenis e atores políticos. Há uma dificuldade de ir além da sua consideração como problema social e de incorporá-los como capazes de formular questões significativas, de propor ações relevantes, de contribuir para a solução dos problemas sociais.

Ainda segundo Abramo⁸, a subordinação à fase adulta, ou a preparação para sua chegada, tradicionalmente apoiou-se em duas situações que se tornaram centrais na condição juvenil: a dedicação aos estudos, realizada em uma instituição escolar, e a desobrigação do trabalho, já que essa seria justamente uma fase de preparação. Assim, configurar-se-ia o que fora chamado por Erikson (1976, p. 237), de moratória social, ou seja, “um período de espera para testar os fundamentos de alguma verdade, antes de vincular os poderes do corpo e do espírito a um segmento da ordem existente (ou vindoura)”. Abramo⁹ refere-se à moratória como o “adiamento dos deveres e direitos da produção, reprodução e participação, um tempo socialmente legitimado para a dedicação exclusiva à formação para o exercício futuro dessas dimensões de cidadania”.

Assim, a escola, tal qual a família, configura-se como uma instituição referencial para a juventude moderna. Elas estariam associadas ao processo de institucionalização e conseqüente “cronologização” da vida (a partir da qual se definem as etapas de vida, como a infância, adolescência, juventude...). Segundo Debert (1999), essa institucionalização é resultado de transformações nas relações econômicas baseadas na força de trabalho livre e na consolidação do Estado Moderno e do fortalecimento de instituições modernas.

Valendo-nos de Foucault (1979), temos que a questão da modernidade esteve, primordialmente, associada à genealogia, portanto, à história das inter-relações saber-poder e corpo. Segundo o filósofo francês, existiriam duas formas básicas de concretização de saber-poder nas sociedades ocidentais. A primeira delas seria baseada no regime de saber-poder em termos da relação soberano/súdito, diretamente ligado à teoria da soberania das monarquias feudais e administrativas. Para Foucault, foram os discursos gerados por essa teoria da soberania que sustentaram e legitimaram as lutas políticas e a mecânica geral do poder durante os séculos XV a XVIII. Tratava-se de um regime de poder-saber alicerçado sob o uso

⁸ Id., 2005, p. 41.

⁹ ABRAMO, 2005, loc. cit.

da força, contra ou a favor do soberano. Neste quadro, a violência sobre o corpo, a mutilação, o esquartejamento etc, tinha um papel repressivo fundamental para a dominação.

A segunda forma de existência do regime saber-poder seria aquele derivado da expansão do **poder disciplinar**, como discurso e mecanismo de poder. Para Foucault, este seria o regime típico da modernidade. Alicerçado sobre o princípio da individualização, o regime de saber-poder da sociedade disciplinar é o fundamento originário das **instituições modernas** de controle e introjeção da repressão pelos indivíduos, como os hospícios, prisões, quartéis, fábricas, escolas etc. Trata-se de um poder que se exerce a partir da norma, prerrogativa para uma individualização da culpa em ambientes coletivos.

Kohan (2003) parte dessa análise geral de Foucault sobre a modernidade para deter-se sobre o fenômeno juvenil. Construção social da virada do século XVIII e XIX, a “invenção” da juventude é fruto direto dessa expansão do poder disciplinar. “O sentimento de infância que eclodiu a partir dos séculos XVIII e XIX está ligado à emergência de novos discursos e saberes elaborados por instituições modernas –e seus especialistas e profissionais- encarregadas do cuidado e formação das novas gerações”.

Trata-se de uma lógica de assujeitamento, ou seja, de formação de sujeitos por regimes de saber-poder específicos e historicamente datados. Para Foucault, o sujeito não é um pressuposto teórico. Ele não é um ser autônomo, individual, universal, que seria possuidor de uma identidade continua (abstrata). Não há, assim, uma essência última que definiria o homem. Mas isto não quer dizer que ele negue a existência de sujeitos concretos. Ao invés de partir desse suposto sujeito universal para desenvolver suas análises, ele quer dar conta da constituição histórica das subjetividades em suas múltiplas formas a partir das práticas sociais – incluídas aí as práticas discursivas. Trata-se, deste modo, de colocar em evidência uma multiplicidade de formas assujeitadas de subjetividade concretamente produzidas.

A escola, como uma das principais instituições modernas de confinamento, no dizer de Foucault, de introdução das novas gerações na sociedade (socialização de jovens e crianças), assume um espaço fundamental. “O processo pedagógico corporifica relações de poder entre professores e aprendizes, com respeito a questões de saber: qual saber é válido, qual saber é produzido, o saber de quem” (GORE, 1994). A mesma autora defende que a pedagogia tem enfatizado o autodisciplinamento, através das “tecnologias do eu” –aquelas que agem sobre o corpo como manifestações do eu mental interno, como a forma como as pessoas identificam a si mesmas.

Porém, segundo LEAO (2004, p.22),

as subjetividades juvenis estão cada vez menos determinadas pelas instituições tradicionais da socialização (a família, a escola, o trabalho). Os jovens hoje têm como referências os seus estilos e práticas culturais próprios, levando a que alguns vejam uma crise nas instituições clássicas de socialização. Estas instituições têm que competir com a mídia e os novos estilos de vida e de consumo.

Diante desta perspectiva, cabe-nos refletir sobre novas formas de interpretação acerca da formação do sujeito jovem contemporâneo, sob o qual tem havido uma aparente redução do poder disciplinar oriundo das instituições modernas.

1.3 A condição juvenil na contemporaneidade

Ainda que possamos nos apoiar nas reflexões apresentadas para a definição da juventude, ou das juventudes, convém dedicar espaço para reflexão da atual condição juvenil, diferenciando a condição como um espectro mais amplo do que a situação, esta vinculada a recortes sociais de classe, gênero, etnia etc (ABAD, 2003).

Cabe observarmos, ao longo das últimas décadas, como os padrões que regiam as fases de infância, adolescência, juventude, vida adulta e velhice se modificaram. Conforme constata Madeira (2006), os anos 70 ainda eram marcados por uma certa previsibilidade na vivência de cada uma dessas etapas, cada qual com características muito específicas e referenciada em acontecimentos padrões. Os anos 80, por sua vez, passaram a conviver com maior aceitação a comportamentos “alternativos”, rompendo dessa forma com as referências de outrora, especialmente aquelas que referenciavam a entrada ou saída de cada fase da vida. Houve, paralelamente, mudanças no tempo de cada fase, com uma infância encurtada e adolescência e juventude esticadas. A passagem para a vida adulta, marcada pela conquista de autonomia, casamento, maternidade e entrada no mercado de trabalho, passou a entardecer, especialmente nos países emergentes. Curioso notar que no Brasil, entretanto, esse cenário não só não é uniforme, como compreende uma crescente desigualdade no tempo de juventude. Isso significa que há uma parcela da população que passou a ter o primeiro filho mais cedo, ao passo que há outra que retardou esse processo. Assim, há dois extremos comportamentais que vem se distanciando, porém convivendo dentro de uma mesma faixa etária.

Dessa forma, voltamos à situação problema, que concerne à conceituação da juventude. E retomemos Pais (1993), que sugere a articulação das perspectivas geracional e

classista para dar conta dos paradoxos da juventude. Certamente, uma menina de 15 anos não deixa de ser jovem por ter se tornado mãe, assim como outra de 30 anos não continua a ser jovem por não ter se tornado mãe. Isso não significa, entretanto, que os dois cenários traçados não possam acontecer. Ocorre que o padrão etário designado para os jovens é associado a um conjunto de processos constitutivos da condição juvenil, que vêm rompendo com uma linearidade cronológica e relativizando a existência das juventudes. Assim, resulta um cenário brasileiro de grande desigualdade no tempo de juventude. A Pesquisa “Perfil da Juventude Brasileira” nos ajuda a compreender como os próprios jovens entendem a fase da juventude. Em verdade, uma das perguntas endereçada aos jovens referiu-se aos acontecimentos que marcam o fim da fase da juventude. As três respostas mais citadas, entre homens e mulheres, foram: Maturidade/ assumir responsabilidade (32%), família, filhos e casamento (31%) e a perda da alegria e da vontade de viver (14%). Estes dados serão retomados adiante, para confronto com as respostas dos integrantes dos grupos focais e dos respondentes dos questionários da presente pesquisa.

Com relação ao padrão etário considerado por órgãos públicos e de pesquisa, não há um consenso exato. O IBGE, por exemplo, associa a entrada na fase da juventude à entrada na idade potencialmente ativa da população, dos 15 até os 24 anos, assim como a Coordenadoria Especial da Juventude da Prefeitura de São Paulo. A mesma faixa etária é considerada pela ONU, apesar de já existirem apelos à postergação dessa idade, estendendo-a até os 30 anos, com o objetivo de se adequar à realidade e aos desafios dos jovens de países em desenvolvimento. Segundo a OIT, adolescentes são aqueles entre os 15 e 19 anos, enquanto jovens são os de 20 a 24 anos.

As mudanças não têm ocorrido apenas na esfera da duração das etapas de vida e da própria juventude. Ligada a esse fenômeno, Abramo (2005, p. 43) introduz a idéia de extensão da juventude. Essa extensão abarcaria, além da já citada esfera etária, também a econômica e social, passando a incluir, “além de rapazes da burguesia, outros setores sociais, decorrente principalmente da inclusão no sistema escolar e no universo simbólico”. Abarcaria ainda os “elementos constitutivos da experiência juvenil e dos conteúdos da noção socialmente estabelecida”, ressaltando a inclusão, além da escola e família, de outras instâncias de socialização.

Esse parece ser, em verdade, o ponto crucial que caracteriza a nova condição juvenil, descrita por Abad (2003, p. 25) como detentora de

uma grande autonomia individual –especialmente no uso do tempo livre e do ócio – pela avidez em multiplicar experiências vitais, pela ausência de grandes responsabilidades de terceiros, por uma rápida maturidade mental e física, e por uma emancipação mais precoce nos aspectos emocionais e afetivos, ainda que atrasada no econômico, com o exercício mais precoce da sexualidade.

Vários fatores vêm contribuindo para essa nova configuração, sendo que a maioria dos processos está diretamente relacionada à crise das instituições. Segundo Abad, as novas formações familiares, mais complexas e menos lineares, têm relativizado as relações paterno-filiais, desconstruindo a idéia da família como instituição rígida, imbuída de uma autoridade paternal que passa agora a ser dissipada por novas formas relacionais; a promessa da ascensão social por meio da expansão da educação secundária e universitária não se realizou plenamente, enfraquecendo a imagem da instituição escolar; simultaneamente, os jovens e outros grupos ou atores sociais emergem com reivindicações para superação dos antigos formatos institucionais e reconhecimento da nova condição juvenil.

Assim, passam a emergir novos padrões de vivência da juventude menos ligados a instituições e mais próximos às subjetividades juvenis. Isso significa possibilidades de enriquecimento de identidades sociais e culturais, experimentações, participação social, política, cultural, artística e sexual. Significa também grande exposição a múltiplas programações midiáticas; significa, enfim, grande autonomia, possibilidades de escolha e de formação individual e do surgimento de uma nova moratória.

Caímos aqui em um grande desafio dessa nova situação, levando-se em conta as modificações e ampliações das dimensões dessa moratória. Trata-se de compreender as variações dentro dessa condição juvenil que ocorre a partir das diferenças sociais –classe, gênero, etnia.

Abad (2003) observa haver, de um lado, uma larga classe de jovens de setores populares com significativa quantidade de tempo livre. Esse tempo é frequentemente o tempo do desemprego, do não estudo, do vazio, da tentação à marginalidade. É, enfim, o tempo da estigmatização, tempo não legitimado socialmente.

Por outro lado, há também jovens de classes mais favorecidas em que o período da moratória tende ao prolongamento, “seja pela complexidade dos conhecimentos exigidos

para uma inserção profissional de acordo com suas expectativas de classe, seja pela falta de um destino econômico assegurado pela educação”¹⁰.

O autor, dessa forma, busca expor a dualidade conferida ao usufruto do tempo disponível conforme a origem social do jovem. Nesse sentido, acredito que a dualidade seja mais complexa do que revela uma primeira análise. O tempo de afirmação ou de negação estaria relacionado não apenas a origens sociais, mas a outros elementos especificadores das aqui chamadas juventudes. Dessa forma, reforço a análise de Leão (2004, p. 121), que questiona a existência de uma dualidade absoluta, estanque e definitiva. Ele exemplifica formas de manifestação das subjetividades através da cultura e do corpo, por jovens das periferias, e formas ligadas ao consumo, à diferenciação social e à violência por jovens de camadas média e alta:

Apesar de todas as dificuldades materiais, os jovens são sujeitos, portanto são ativos, agem no mundo a partir da estrutura social em que estão inseridos, mas também a partir de seus valores e projetos. Jovens pobres das periferias urbanas, com todas as limitações da vida, elaboram e põem em ação estratégias de valorização do tempo livre.

Assim, considero fundamental procurar conhecer essas estratégias, bem como operam as dualidades na utilização do tempo e do tempo disponível.

1.4 Juventudes e tempo disponível

Dessa forma, os jovens realizam seu tempo disponível como grande característica de sua condição. Pais (1993) e Abramo (1994) acreditam que o conhecimento das juventudes, em suas diversidades, pode acontecer a partir das especificidades unitárias emergidas nas diferentes culturas juvenis que nascem em torno das atividades de lazer. Para outros, entretanto, essas atividades se limitam a padrões homogêneos. Brenner, Dayrell e Carrano (2005, p. 175) lançam a suposição de que tal interpretação deva-se à “percepção de que o tempo da juventude e das culturas juvenis seria em ‘essência’ momentos de fruição e divertimentos, prazeres e distância relativa do mundo do trabalho, este último característica principal do mundo adulto”. Corroborando esta posição, acreditamos que, localizá-los em oposição ao tempo do adulto, escondendo-os sob a forma de um grupo único, não resolve nosso problema de pesquisa, mas somente reforça os paradigmas tradicionais acerca da temática da juventude.

¹⁰ Id., 2003, p. 26.

Todavia, a concepção de lazer vinculada à sua oposição ao trabalho marcou um importante momento no histórico de estudos sobre lazer. Havia, de um lado, o elogio e a glorificação do trabalho. De outro, a crítica ao trabalho a partir de duas perspectivas: da insatisfação com relação à atividade laboral e da sobrecarga que afligiriam trabalhadores. Em ambos os casos, as conseqüências seriam a redução do espaço de busca pelos prazeres e pela felicidade e a inexorável alienação de indivíduos, que passariam a preferir atividades passivas e evasivas durante o tempo do não trabalho.

Outro momento seria marcado pelo diálogo entre essas duas esferas do humano – trabalho e lazer- a partir da desagregação de seus componentes e possível combinação entre eles, de forma que a percepção de sua execução alcançasse diferentes estágios.

E em um terceiro momento as categorizações das práticas de lazer seriam claramente definidas e vinculadas a possíveis funções que deveriam cumprir. Assim, a busca pelos prazeres e felicidade também viriam a compor as categorias constitutivas do lazer. Essa tem sido a visão mais empregada na contemporaneidade, não somente por agregar diversos aspectos em um conceito, mas também por privilegiar a ação formativa dos indivíduos.

Nesse sentido, um dos nomes mais influentes na guinada dos estudos de lazer no Brasil é o de Joffre Dumazedier, sociólogo francês que teve em seus estudos referências como Friedman e Riesman e discípulos brasileiros como Luiz Otávio de Lima Camargo. Autor de estudos como “Lazer e Cultura Popular” (1973), “Sociologia Empírica do Lazer” (1979) e “Valores e Conteúdos Culturais do Lazer” (1980), Dumazedier categorizou as três mais importantes funções do lazer:

a) função do descanso: “reparador das deteriorações físicas e nervosas provocadas pelas obrigações cotidianas e pelo trabalho”;

b) função de divertimento: “fator de equilíbrio, um meio de suportar as disciplinas e as coerções necessárias à vida social”, categoria intensamente analisada pela sociologia norte-americana;

c) função de desenvolvimento da personalidade: “permite uma participação social maior e mais livre, a prática de uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão, além da formação prática e técnica; oferece novas possibilidades de integração voluntária à vida de agrupamentos recreativos, culturais e sociais; possibilita o desenvolvimento livre de atitudes adquiridas na escola, sempre ultrapassadas pela contínua e complexa evolução da sociedade e incita a adotar atividades ativas na utilização de fontes

diversas de informação. Pode ainda criar novas formas de aprendizagem voluntária, a serem praticadas durante toda a vida e contribuir para o surgimento de condutas inovadoras e criadoras”.

Dumazedier (1973, p.19) defende que “o lazer apresenta-se como um elemento central da cultura vivida por milhões de trabalhadores, possui relações sutis com todos os problemas oriundos do trabalho, da família e da política” e caracteriza a existência dessas três funções em todas as situações de lazer e em relação a todos os indivíduos, variando apenas seu grau de participação. O lazer é, assim,

um conjunto de ocupações às quais o indivíduo pode entregar-se de livre vontade, seja para repousar, seja para divertir-se, recrear-se e entreter-se ou, ainda, para desenvolver sua informação ou formação desinteressada, sua participação social voluntária ou sua livre capacidade criadora após livrar-se ou desembaraçar-se das obrigações profissionais, familiares e sociais¹¹.

Segundo Camargo (1998, p. 30), deve-se levar em conta o duplo processo educativo do lazer: o lazer como veículo e como objeto de educação, também chamado de educação pelo e para o lazer:

Se os índices de prática social de lazer são baixos e os níveis de aspiração são elevados, estamos diante de um duplo problema. O primeiro é eminentemente educacional e pode ser assim formulado: como estimular os indivíduos a enriquecerem culturalmente seu tempo livre com práticas as mais diversificadas, rompendo o imobilismo do cotidiano? É um problema da educação para o lazer e diz respeito a uma cultura do cotidiano marcada pelo paradigma do trabalho, do utilitário. Nesse paradigma da cultura atual, o homo ludens está sufocado pelo homo faber. E conduz-nos a um triste diagnóstico: de que, ao valorizar tanto o trabalho, desaprendemos as formas de expressão gratuita próprias do lúdico. Tornamo-nos monovalentes culturalmente, desaprendemos as riquezas da diversidade cultural.

O lazer como veículo de educação, isto é, o potencial educativo das atividades de lazer, favorece não só seus objetivos consumatórios (relaxamento, prazer e contemplação), mas também o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

Outro lado do duplo aspecto educativo do lazer é a educação para o lazer. Esta, também como consequência da prática do lazer, consiste no aprendizado para o uso do tempo livre. É comum entre os estudiosos de lazer a relação entre níveis de instrução escolar e conteúdos das atividades de lazer. Aplicado à realidade brasileira, os altos índices de

¹¹ Ibid. , p.19

analfabetismo e de evasão escolar são indicados para explicar os fatores que afetam quantitativa e qualitativamente o tempo livre do jovem brasileiro.

Requixa (1980, p.35) o define como “uma ocupação não obrigatória, de livre escolha do indivíduo que a vive, e cujos valores propiciam condições de recuperação psicossomática e de desenvolvimento pessoal e social”. Quanto à ocupação, já está claro que o lazer é uma ocupação, um fazer, diferentemente do ócio, caracterizado pelo não-fazer. Por não obrigatória, entende-se o caráter desinteressado do lazer. A livre escolha, característica central e indispensável do lazer, configurar-se-ia como uma opção livre, que variaria conforme o desejo, o interesse e os recursos disponíveis.

O autor defende a associação entre a educação e o lazer, ao afirmar que, para se preconizar uma política de lazer, deve-se também considerar uma política educacional ampla, que faça do lazer uma escola para todos. O processo educativo permeia toda vida humana, já que se institui quando o homem interage com o meio e os outros homens. A complexificação da vida social levou à instituição de um espaço onde esse processo se dá de forma sistematizada - a escola. O caráter educativo do lazer levanta questões polêmicas, tais como o desprezo pela educação formal e o caráter compensatório que o lazer passa a assumir, ao pretender compensar um sistema educacional falho. Seu caráter compensatório, entretanto, pode ser visto também como complementar. A busca pela maior acessibilidade ao lazer vem, deste modo, não substituir a educação formal, ou compensar as frustrações profissionais, mas sim complementar a formação do indivíduo concomitantemente ao alcance da satisfação pessoal.

Já Marcellino (1983, p.33), apesar de concordar em seus estudos com a associação entre lazer e educação, alerta para que o enfoque demasiado no desenvolvimento pessoal e social do lazer não venha a significar um reforço à idéia da recusa a tudo aquilo que não é produtivo. Para ele, esse seria um sério risco que as abordagens funcionalistas do lazer apresentam.

Cabe-nos ainda chamar a atenção para a relativização do uso dos conteúdos de lazer para o desenvolvimento pessoal. Do mesmo modo, relativizamos a noção de liberdade como elemento inerente à prática de lazer. Ele estaria presente na maioria das definições sobre o tema, ainda que relativizada em função da disponibilidade de recursos, dos graus de motivação (extrínseca/intrínseca) e de seu grau de percepção.

A forma de inserção dos sujeitos sociais na esfera produtiva acaba por tornar-se condicionante na autonomia dos mesmos em seus tempos e espaços de lazer. Isso porque seu acesso está vinculado a relações de mercado que, por sua vez, são condicionadas a partir da capacidade de consumo desses sujeitos. Somado a isso, há ainda a ampla exposição de produtos culturais que, mais do que bens de consumo, são construtores da subjetividade individual e coletiva.

Santos (1998; 2000), por sua vez, acreditava que o tempo livre seria “a grande oportunidade do século”, ao possibilitar a produção mais espontânea do lazer, observando que já estavam criadas as condições técnicas para que o homem se libertasse do trabalho e usufruísse o lazer. O grande obstáculo consistia, segundo ele, nas condições políticas insuficientes. Até certo momento, a preocupação com o homem e os progressos técnicos foram acompanhados por progressos sociais. A partir daí, a sociedade criou condições para um exercício sadio do tempo livre, como férias remuneradas. Entretanto, em um período mais recente, houve a separação entre a técnica e a política:

A globalização atropela esse movimento e deixa o progresso técnico aumentar, mas parou o progresso nas relações humanas (...). Essas enormes forças contidas na técnica explodem sem nenhuma contenção filosófica, sem nenhuma preocupação humanística; ela se desenvolve não para atribuir tempo livre capaz de ser usufruído de forma gostosa; porque ela cria desemprego ao mesmo tempo em que o Estado se retira da vida das pessoas. A consequência é um tempo livre que não pode ser usado pelos homens.

(SANTOS, 2000)

Ao idealizar as condições para uma produção espontânea do lazer, Santos¹² imagina a possibilidade de um lazer menos burocratizado, que independa apenas dos “produtores de lazer”, como as agências de viagem e produtores de eventos.

Viver, trabalhar, fazer festa, se encontrar, conversar com o outro é estar disponível. O importante é que haja essa enorme produção, essa capacidade de produzir festa, pois a festa carrega uma enorme força associativa, em consequência uma enorme força na produção de idéias sobre o mundo, sobre o país, sobre o outro, sobre si mesmo. Esse fato possui um enorme potencial de emprego.

Segundo ele, esse potencial existe em maior intensidade entre os mais pobres, para quem a festa não é resultado de uma programação. Nesse sentido, acreditamos ser possível estender essa potencialidade aos jovens, que vivem um tempo livre maior do que os

¹² Id. 1998, p. 7.

adultos e que exercem essa capacidade associativa como característica ontológica da juventude, essencialmente através da dimensão da sociabilidade.

1.5 Políticas públicas

A discussão apresentada nos itens anteriores fundamenta bem os dilemas que atravessam as políticas voltadas para jovens. O principal desafio parece ser o de romper com estigmas criados sobre os jovens que, conforme constata Leão (2004, p.91), acabam por transferir uma problemática inerente às estruturas de vulnerabilização a esses atores, que passam então a ser os jovens vulneráveis. Ao mesmo tempo em que a responsabilidade pelo quadro de vulnerabilidade é transferida aos jovens, as políticas freqüentemente são imbuídas de caráter assistencialista, voltadas a um jovem frágil, que terá superado essa condição somente ao alcançar sua fase adulta.

Spósito (2003, p. 58) destaca a contradição de se congregarem, em um mesmo tempo, a ausência de direitos básicos assegurados a todos os cidadãos e a dificuldade de se incorporar as demandas trazidas pelas “novas formas de sociabilidade e de constituição da subjetividade no interior do movimento de globalização que constitui as sociedades atuais”. Esse tem sido outro grande desafio das políticas públicas na contemporaneidade.

A UNESCO, através de sua publicação “Por um novo paradigma do fazer políticas – Políticas de, para, com juventudes” (2003), propõe a concepção de uma política integrada de/para/com juventudes. Trata-se da adoção da integração como eixo estratégico para articular as diversas referências em que se pautam as políticas públicas, notando que se devem ser considerados os elementos que os singularizam, bem como os que os diferenciam (juventude e juventudes). O quadro da página a seguir descreve os elementos que caracterizam cada tipo de política:

Quadro 1: Concepção de uma política integrada de/para/com juventudes – novo paradigma

| |
|---|
| DE |
| <ul style="list-style-type: none"> ○ Juventude e juventudes ○ Sujeitos de direitos e atores do desenvolvimento ○ Construção de autonomia e formação de capital cultural |
| PARA |
| <ul style="list-style-type: none"> ○ Lugar do Estado |
| COM |
| <ul style="list-style-type: none"> ○ Articulações entre agências, lugar dos adultos, lugar dos jovens ○ Ações imediatas, considerando princípios integradores ○ Investimento em processo ○ Vontade política para mudar a forma de fazer política ○ Lidar com complicadores políticos, econômicos, culturais e históricos |

Segundo Abramovay e Castro (2003, p.19), autoras do documento, o deslocamento de *políticas para juventudes* para *políticas de ou com juventudes* tem sido uma tendência no campo de debates sobre políticas e juventude. Trata-se do deslocamento da ação do Estado como propositor e executor de políticas para a participação ativa dos jovens. Essa participação se daria através da combinação de grupos na sociedade civil com outros em instituições da sociedade pública estatal, sendo que em alguns países da América Latina haveria assembleias com representação juvenil e secretarias de juventude com a participação direta dos jovens. Nesse sentido, vale destacar que o Brasil foi um dos últimos países da América Latina a criar um órgão que cuide especificamente de ações voltadas às juventudes.

Todavia, Abramovay e Castro¹³ ressaltam a existência de complicadores que entravam a adoção de um novo paradigma integrado de políticas públicas. Entre eles, destacam: a concepção de juventude; as condições de vida e de serviços de/para juventudes; o macro cenário, em que se inclui o paradigma político econômico cultural, a globalização e desigualdades sócias; a formatação convencional das políticas públicas e a formatação convencional das políticas públicas para a juventude.

A dificuldade na concepção de juventude, já discutida neste trabalho, relaciona-se à não consideração dos jovens como atores de identidade própria, e da diversidade entre

¹³ Ibid. p. 22.

juventudes. Isso significa, em outras palavras, que uma grande dificuldade reside na acepção do jovem como agente do futuro (imbuídos de esperança e modernidade) tanto quanto agente histórico do presente (este muitas vezes vinculado à transgressão, marginalidade e ameaça). No tempo do presente, as atividades voltadas para a diversão fazem parte dos interesses dos jovens, assim como também o fazem outras ações que estimulem sua formação pessoal e profissional, principalmente no campo da qualificação profissional. A plena fruição do lazer, ao gosto dos jovens, afinal, está relacionada com a capacidade financeira de sustentá-las (o apelo dos shoppings centers e das roupas de marca é marcante nesse sentido). Assim, a necessidade de uma boa formação profissional torna-se ainda mais premente, ao assegurar emprego e renda - essas como legítimas preocupações juvenis, ainda que pouco reconhecidas pelas políticas públicas.

Capítulo 2 - Cidade Tiradentes

Este capítulo busca aprofundar o conhecimento do distrito de Cidade Tiradentes, localizado na zona leste de São Paulo. Para tanto, serão abordadas três perspectivas: dados de institutos de pesquisa e órgãos públicos; dados secundários da produção acadêmica existente sobre o tema; e dados coletados em entrevistas com moradores associados a análises pessoais cuja intenção é superar as interpretações frias das estatísticas, atendo-se à historicidade e à vida de seus moradores.

2.1 Conhecendo a Cidade Tiradentes

Meu primeiro contato com a Cidade Tiradentes aconteceu casualmente no ano de 2003, ao acompanhar a execução de um projeto governamental no distrito, no mesmo momento em que buscava um tema para minha monografia de graduação para o curso de Turismo da ECA/USP.

A primeira visita ao local logo suscitou curiosidade para uma pesquisadora que treinava seu olhar investigativo: um mar de prédios, todos iguais, em uma imagem inundada de concreto; ruas semelhantes, ladeiras íngremes, algumas praças, poucos carros. Parecia haver ali uma cidade sem cara. A cara, porém, não só existia como se revelaria ser muito mais rica do que aparentava...

2.1.1 Localização e descrição territorial

Cidade Tiradentes é um distrito localizado no extremo leste da cidade, tem 15km de extensão e faz limite com o município de Ferraz de Vasconcelos. É composto pelos bairros: Cidade Tiradentes, Bairro dos Pereiras, Cidade Castro Alves, Jardim Vilma Flor, Passagem Funda, Vila Paulista, Vila Iolanda, Barro Branco I e Barro Branco II.

O deslocamento entre o centro de São Paulo e a Cidade Tiradentes se dá por ônibus ou por linhas de trem e metrô que alcançam os distritos de Guaianases e Itaquera, respectivamente. De lá, cerca de mais meia hora de ônibus é necessária para alcançar os bairros de Tiradentes. Assim, os moradores do distrito enfrentam diariamente longos deslocamentos em direção aos locais de trabalho. A escassez de serviços urbanos, juntamente com a movimentação de grande parte da população do bairro para outros distritos, faz com

que muita gente o conheça como um “bairro-dormitório”, título esse não plenamente aceito por seus moradores.



Figura 1- Mapa do Município de São Paulo e Subprefeitura de Cidade Tiradentes

Em Cidade Tiradentes, as ruas estreitas e um emaranhado de prédios –conjuntos habitacionais em sua maioria- ocupam uma topografia bastante acidentada. Os morros, assim como os conjuntos, recebem nomes por parte da população, como “morro oitenta e um” e “morro disso”. Este último é devido a sua forte inclinação, o que dificulta a locomoção das pessoas, que comentavam: “eu ainda morro disso...”.

Os bairros são divididos em setores, denominados por letras do alfabeto e números, tais como Setor A, B, C, D, F, G, 2B, 2G, VIIG etc. Os setores A até o E são os mais antigos na região, estando com o fluxo populacional mais estabilizado, constituindo, segundo Nascimento (1998, p. 83), “um núcleo de moradores com maior incorporação/introjeção do significado de morar em Cidade Tiradentes”.

2.1.2 Histórico e dados demográficos

A Cidade Tiradentes é resultado da política habitacional paulistana de erradicação das favelas das décadas de 60 e 70. Através da construção de grandes conjuntos habitacionais, distantes dos centros urbanos e com baixo custo, esperava-se atender uma população economicamente desprivilegiada. Até meados dos anos 70, a região manteve-se com característica predominantemente rural, através da produção de frutas e hortícola em pequenos estabelecimentos familiares do chamado “cinturão verde” de São Paulo, assim

como as Olarias, em produção de cerâmicas sendo integrado à mancha urbana da metrópole através da ocupação nas décadas de 80 e 90.

Os primeiros conjuntos foram construídos em 1983 e inaugurados em 14 de julho de 1984. Na década de 90, o aumento do custo de vida nos centros urbanos ocasionou o adensamento populacional de Cidade Tiradentes, hoje concentrando 49 mil unidades habitacionais.

Atualmente, habitam Cidade Tiradentes aproximadamente 230.000 pessoas, representando 1,83% da população do Município de São Paulo. Esse adensamento populacional é fruto da segunda maior taxa de crescimento do município: segundo o Censo do IBGE (2000), Cidade Tiradentes cresce, em média, 6,9% ao ano, ficando atrás apenas do distrito de Anhanguera, cuja taxa é de 11,8%.

Para se ter uma idéia deste crescimento, em 13 anos (1991-2004), a população de Cidade Tiradentes passou de 95.926 habitantes para 229.606. A tabela a seguir demonstra seu crescimento em relação a outros distritos e à totalidade do município:

Tabela 2 - População Total e Taxa Anual de Crescimento Populacional, segundo Subprefeituras e Distritos

| Município de São Paulo 1991-2004 | | | |
|---|------------------|-------------------|---|
| Subprefeituras e Distritos | 1991 | 2004 | Taxa Anual de Crescimento 1991-2004 (em %) |
| Anhanguera | 12.362 | 52.735 | 11,8 |
| Cidade Tiradentes | 95.926 | 229.606 | 6,9 |
| Parelheiros | 55.390 | 121.422 | 6,2 |
| MUNICÍPIO DE SÃO PAULO | | | 0,8 |
| | 9.610.659 | 10.679.760 | |

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 1991 e 2000; Fundação Seade.

Nota: População em 1º de julho.

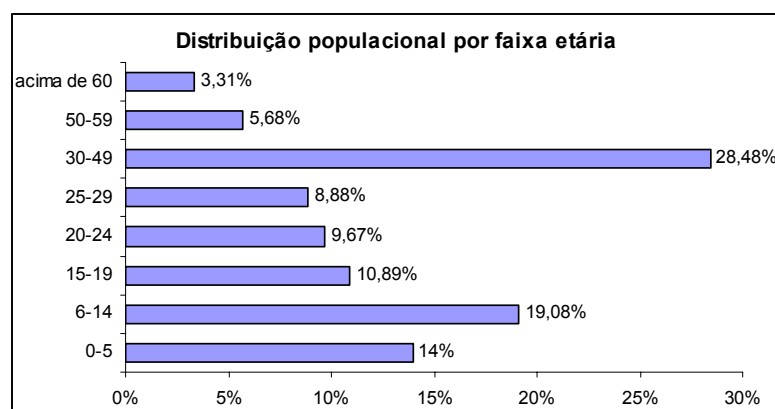
Assim como outros distritos que configuram a periferia de São Paulo, a população de Tiradentes é composta basicamente por migrantes, oriundos principalmente da região nordeste, atraídos pelo sonho da casa própria e a fuga do aluguel.

Além de grande maioria de migrante, Tiradentes é, juntamente com Guaianases, o distrito com o maior número de homens negros, e o segundo com a maioria de mulheres negras (IBGE, 2000). O distrito recebeu um grande população migrante de bairros historicamente negros no município (Bexiga, Limão, Bela Vista etc). A taxa de analfabetismo

da população negra, acima de 15 anos, é menor que a média de São Paulo (mesmo apresentando índice superior à média quando considerada a população total ou somente a população branca). Segundo o “Mapa dos Direitos Humanos da Cidade de São Paulo” (SIM Direitos Humanos, CMDH, 2005), a população negra apresenta-se com alta garantia de direitos (sendo o distrito como um todo considerado de média garantia, e as mulheres, precária garantia). Deve-se destacar que os indicadores utilizados são calculados com base relativa à incidência dos mesmos para brancos, e apenas por isso a garantia de direitos para negros é considerada boa e alta¹⁴. Em todos os quesitos, os indicadores relativos para a população negra de Cidade Tiradentes estão entre os melhores do município.

A distribuição entre os sexos é equilibrada, sendo 48% homens e 52% mulheres. A população de crianças e adolescentes (0-19 anos) totaliza 43,97% do total de habitantes de Cidade Tiradentes. O gráfico a seguir mostra o percentual populacional por faixa etária:

Gráfico 2: Distribuição populacional por faixa etária_Cidade Tiradentes



Fonte: Fundação Seade, 2004; IBGE, 2000.

Devido à grande quantidade de edifícios com três ou quatro andares, que se dispõem em grandes blocos nos conjuntos habitacionais de Cidade Tiradentes, a densidade populacional chega a 12.710 habitantes por quilômetro quadrado.

¹⁴ As questões referenciais para a elaboração dos indicadores são: quantas vezes o rendimento médio de não negros é superior ao de negros; quantas vezes o desemprego entre negros é superior ao de não negros; quantas vezes a taxa de pré natal insuficiente de negros é superior à de não negros; quantas vezes o percentual de gravidez precoce de negros é superior ao de não negros; quantas vezes a taxa de homicídio de negros de 15 a 29 anos é superior a de não negros, por local de moradia (2000-2004).

2.1.3 Economia / Emprego

Os postos de trabalho em Cidade Tiradentes estão em grande parte vinculados ao setor de serviços (64,6%) e comércio (15,3%), sendo este segundo superior à média nacional, conforme podemos visualizar nas tabelas a seguir:

Tabela 3 - Distribuição da Massa Salarial do Emprego Formal, por Setor Atividade Econômica - %

| Município de São Paulo - 2002 (1) | | | | | |
|--|------------------|-------------------------|-----------------|-----------------|------------------|
| Distritos | Indústria | Construção Civil | Comércio | Serviços | Total (2) |
| Município de São Paulo | 15,6 | 2,8 | 11,2 | 70,4 | 100,0 |
| Cidade Tiradentes | 18,6 | 1,5 | 15,3 | 64,6 | 100,0 |

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego – MTE. Relação Anual de Informações Sociais – RAIS. 2002; Fundação Seade.

Tabela 4 - Estabelecimentos e empregos por número de empregados

| Número de empregados | Quantidade de Estabelecimentos | % | Quantidade de Empregos | % |
|-----------------------------|---------------------------------------|------------|-------------------------------|------------|
| Até 4 | 130 | 68,06 | 221 | 9,72 |
| De 5 a 19 | 49 | 25,65 | 451 | 19,83 |
| De 20 a 99 | 11 | 5,76 | 426 | 18,73 |
| De 100 a 499 | 0 | 0,00 | 0 | 0,00 |
| 500 ou mais | 1 | 0,52 | 1.176 | 51,72 |
| Total | 191 | 100 | 2.274 | 100 |

Fonte: Ministério do Trabalho e Emprego. RAIS 2000. Elaboração Secretaria Municipal de Planejamento Urbano - PMSP

Entretanto, a Cidade Tiradentes compõe, juntamente com os distritos das Subprefeituras vizinhas (Ermelino Matarazo, Guaianazes, Itaim Paulista, Itaquera, São Mateus e São Miguel Paulista) a região com maior taxa de desemprego do município: **22,4%**, segundo a Pesquisa de Emprego e Desemprego da Fundação Seade (2003/2004).

2.1.4 Habitação

Em Cidade Tiradentes está localizado o maior complexo de conjuntos habitacionais da América Latina. As unidades habitacionais somam hoje cerca de 49mil, sendo a maioria construídas pela COHAB (Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo) e CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo). O IBGE (2000) constatou que o número de domicílios ¹⁵mais que dobrou entre 1991 e 2000 em Cidade Tiradentes:

Tabela 5 - Número de domicílios – RMSP e Distrito de Cidade Tiradentes

| Habitação – número de domicílios | | |
|--|-------------|-------------|
| | 1991 | 2000 |
| Região Metropolitana de São Paulo | 4.083.306 | 5.079.188 |
| Cidade Tiradentes | 22.394 | 49.840 |

Fonte: IBGE, 1991, 2000.

Contudo, o Plano de Ação Habitacional e Urbano (Programa Bairro Legal) identificou que, paralelamente à Cidade Tiradentes dos conjuntos habitacionais, uma nova cidade foi se construindo. É uma cidade informal de loteamentos clandestinos, aglomerando cerca de 60 mil pessoas. Dessas, 7mil são residentes nas 17 favelas¹⁶ existentes. Não é um número alto, se comparado ao total da população de Tiradentes (representa cerca de 3% da população do distrito, uma das menores médias do município).

A Subprefeitura local avalia que existem, na Cidade Tiradentes, dois níveis de pobreza:

1. A da cidade informal, construída nas lacunas deixadas pelos conjuntos habitacionais, nas bordas dos mesmos e na expansão da mancha urbana. Nela, há apenas 3 equipamentos públicos, a renda média do chefe de família varia de 200 a 500 reais e o índice de analfabetismo varia entre 10 e 20%.

¹⁵ Domicílio é o local estruturalmente separado e independente que se destina a servir de habitação a uma ou mais pessoas, ou que esteja sendo utilizado como tal (IBGE).

¹⁶ Sítio Conceição (Cachoeira das Graças), Sta. Etelvina IIA (Fruta Pão), José Pinto (Gráfico), Saturnino Pereira (Gráficos), Iguatemi I (Jd. Pedra Branca), Iguatemi I (Passagem M Funda) Iguatemi III, Iguatemi IV (Iguatemi), Prestes Maia (Ilha do Sossego), Inácio Monteiro, Castro Alves (Jd. Maravilha), Sta. Etelvina (Setor G), Sta. Etelvina VIII, Sítio Conceição (Sonata do Adeus), Souza Ramos, Vilma Flor.

2. A da cidade formal, dos conjuntos habitacionais, com 71 equipamentos, renda média do chefe de família entre 500 e 1200 reais e analfabetismo variando entre 0 e 10%.

2.1.5 Educação e analfabetismo

O distrito conta com uma boa oferta de equipamentos educacionais, apesar de ainda ser insuficiente para a demanda local. São 81 escolas, sendo 51 municipais, 29 estaduais e 1 particular. Atendem um total de 72.520 estudantes, conforme o quadro a seguir:

Tabela 6 - Vagas x demanda na área educacional – Cidade Tiradentes

| Tipo de Ensino | Nº de Estabelecimentos Educacionais | Nº de Vagas | População Demandatária | |
|------------------------------|-------------------------------------|---------------|------------------------|---------------|
| | | | Nº | % atendimento |
| Educação Infantil | 34 | 3.373 | 31.455 | 10,72% |
| Ensino Fundamental | 17 | 39.264 | 36.561 | 107,39% |
| Ensino Médio | 29 | 20.144 | 24.612 | 81,85% |
| Educação de Jovens e Adultos | 0 | 9419 | 70.737 | 13,32% |
| Ensino | 01 | 320 | - | |
| TOTAL | 81 | 72.520 | 163.365 | |

Fonte: Associação Grupo de Mães Novo Amanhecer, 2006.

Observamos que a educação infantil é a que apresenta a menor oferta, se confrontada com a população demandatária. A educação fundamental, por outro lado, apresenta um número de vagas 7% superior à demanda. No tocante ao ensino médio, seu acesso vem sendo ampliado, contudo ainda o déficit ainda é grande.

A escolaridade média da população é de 6,3 anos de estudo, inferior à média municipal, de 7,6, segundo o Censo (2000); a defasagem escolar (idade/série) é a maior de toda a zona leste, sendo também uma das mais altas do município (13.56%); o percentual de não aprovação (evasão e reprovação) no ensino médio é o mais alto de São Paulo (25,52%). O quadro a seguir analisa esses dados no âmbito do grau de garantia dos direitos da criança e do adolescente:

Tabela 7 - Garantia dos direitos em Cidade Tiradentes / Área Educação

| % (Cidade Tiradentes) | Grau de garantia dos direitos – Dimensão Criança e Adolescente |
|--|---|
| Percentual de alunos com defasagem idade/série no ensino fundamental | |
| 13,56% | Precária garantia |
| Percentual de não aprovação (evasão e reprovação) no ensino médio | |
| 25,52% | Precária garantia |
| Percentual de não aprovação (evasão e reprovação) no ensino fundamental | |
| 4,80% | Boa garantia |

Fonte: SIM Direitos Humanos – Mapa de Garantia dos Direitos – Prefeitura do Município de São Paulo / Comissão Municipal dos Direitos Humanos, 2005.

Com relação aos equipamentos educacionais, a Cidade Tiradentes conta com:

- 15 Centros de Educação Infantil
- 17 Escolas Municipais de Educação Infantil
- 01 Centro Educacional Unificado - EMEI: Inácio Monteiro
- 15 Escolas Municipais de Ensino Fundamental
- 02 Centros Educacionais Unificados (CEUs), sendo um em construção
- 19 Escolas Estaduais de Primeiro Grau
- 10 Escolas Estaduais de Segundo Grau
- 01 Escola Municipal de Ensino Fundamental e Médio: Oswaldo Aranha Bandeira de Mello
- 01 Escola Técnica de Saúde Pública Cidade Tiradentes
- 04 Telecentros e 3 Infocentros

O percentual de população acima de 15 anos analfabeta em Cidade Tiradentes (5,2%) é alta, sendo um pouco superior à média municipal (4,5%). Porém, entre os negros, o percentual de analfabetismo em Cidade Tiradentes é inferior que a média da população negra do município, conforme demonstra a tabela a seguir:

Tabela 8 - Taxas de Analfabetismo da População de 15 Anos e Mais, por Sexo e Raça/Cor, segundo Subprefeituras

| Município de São Paulo, 2000 | | | | | | | | | |
|-------------------------------------|-----------------|---------------|--------------|----------------|---------------|--------------|----------------|---------------|--------------|
| | Mulheres | | | Homens | | | Total | | |
| | Branças | Negras | Total | Branços | Negros | Total | Branços | Negros | Total |
| | (1) | (2) | | (1) | (2) | | (1) | (2) | |
| Mun. São Paulo | 3,9 | 8,2 | 5,1 | 2,7 | 6,4 | 3,8 | 3,4 | 7,3 | 4,5 |
| Cid. Tiradentes | 4,8 | 6,7 | 5,8 | (3,9) | 5,1 | 4,5 | 4,4 | 5,9 | 5,2 |

Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000; Fundação Seade.

(1) Incluem população preta e parda.

(2) Inclui população amarela, indígena e sem declaração.

para esse estudo. Podem ocorrer pequenas diferenças nos resultados obtidos na Amostra e no Universo.

2.1.6. Ação Social

Estima-se que haja 200 organizações da sociedade civil atuantes no distrito, com projetos nas áreas de cultura, esporte, lazer, saúde e educação. Levantamento do Programa Capacitação Solidária apontou a seguinte divisão:

Tabela 9 - Organizações por área de atuação em Cidade Tiradentes

| Área de atuação | Nº de organizações |
|---|---------------------------|
| Terceira idade | 04 |
| Artesanato | 08 |
| Assessoria jurídica, comercial e defesa de direitos | 06 |
| Assistência social | 17 |
| “Auxílio imediato” (cestas básicas, leite, mutirões) | 12 |
| Atividades Culturais | 20 |
| Educação (crianças, jovens e adultos; NSE) | 26 |
| Crianças e adolescentes em situação de risco | 02 |
| Religião | 02 |
| Cursos profissionalizantes | 06 |
| Saúde (atendimento médico) | 02 |
| Materiais recicláveis | 01 |
| Esporte e lazer (academias, times de futebol, centros esportivos, etc)* | 118 |
| Sem especificação | 93 |
| Total | 307 |

Fonte: Levantamento realizado pela Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, março 2007.

2.1.7 Cultura, esporte e lazer

Os equipamentos na área de cultura, esporte e lazer são poucos se relacionados à demanda dos moradores. Alguns equipamentos são adaptados para utilização em tempos que ficariam ociosos, tais como escolas, igrejas e associações comunitárias. Todavia, cultura, esporte e lazer em Cidade Tiradentes possuem grande expressividade no rol de atividades dos moradores e, principalmente, de jovens de Cidade Tiradentes. Na área cultural, os últimos cinco anos têm sido decisivos para o desenvolvimento do distrito, que passou a contar com possibilidades nunca antes existentes, tais como cursos de teatro, cinema, shows e apresentações teatrais e circenses. Antes disso, a principal expressão cultural do distrito sempre foi o hip hop, representado por posses tradicionais, como o Núcleo Cultural Força Ativa e a Aliança Negra.

Com relação aos equipamentos formais, na área de Cultura e Lazer, Cidade Tiradentes conta com:

- 01 Centro Esportivo JK: CEU Inácio Monteiro;
- 01 CDM (Centro Desportivo Municipal) - recentemente inaugurado/2006;
- 02 Ruas de Lazer (projeto da prefeitura em que, a pedido dos moradores, as ruas eram fechadas aos finais de semana e alguns brinquedos eram disponibilizados para as crianças. Não foi verificado se este projeto ainda está sendo executado);
- Praça do 65 – uma das principais praças do distrito, que reúne várias famílias aos finais de semana e jovens no período noturno;
- Cerca de 20 organizações que promovem atividades culturais (teatro, dança, música, projetos com cinema e fotografia etc.);
- Aproximadamente 36 times de futebol de várzea, sendo que alguns deles promovem atividades culturais e educacionais
- Dentre as organizações/grupos esportivos que constam na relação da subprefeitura, são praticados em Cidade Tiradentes 16 modalidades esportivas (futebol, futebol de salão, basquete, vôlei, bocha, boxe, capoeira, atletismo, musculação, handebol, karatê, kung fu, judô, skate, xadrez e tênis de mesa).

2.1.8 Juventude

As estatísticas revelam um sensível aumento do número de jovens, representando hoje 20,56% de sua população - 47mil habitantes- e com perspectiva de crescimento, já que aproximadamente 38% da população local -correspondente a 88 mil habitantes- têm idades entre 0 e 18 anos (IBGE 2000).

Apesar de ainda alta, a violência parece estar diminuindo em Tiradentes. Dados da Secretaria de Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade, da Prefeitura Municipal de São Paulo (2002), revelam que houve uma queda de 29,6% na taxa de homicídio entre 2001 e 2002 (de 67,6 para 47,6 a cada 100mil habitantes). O dado preocupante reside na população juvenil, especialmente de gênero masculino. O Mapa de Garantia dos Direitos Humanos (2004), baseado em dados do Infocrim (2004), aponta para a existência de uma “média” garantia de direitos para a população entre 15 e 29 anos no quesito “homicídio masculino”. Isso significa aproximadamente 104,90 mortes a cada 100mil pessoas. Somando a informação de que há uma taxa significativa de jovens casados e com filhos, podemos supor um cenário com representativo número de jovens viúvas e com filhos.¹⁷

Parece haver também uma vulnerabilidade que atinge especialmente as mulheres. Essa é uma das dimensões analisadas pelo mesmo Mapa, que analisa haver uma “garantia precária” na Cidade Tiradentes. Um dos indicadores dessa dimensão é a taxa de gravidez de meninas menores de 18 anos. A taxa, de 8,51%, é a segunda mais alta do município (só inferior a São Miguel Paulista).

Por outro lado, chama atenção a taxa de envolvimento de adolescentes com atos infracionais. Cidade Tiradentes apresenta a taxa mais baixa de todo o município, expressando um alto grau de garantia dos direitos¹⁸.

A tabela a seguir consolida esses dados:

¹⁷ De acordo com o Mapa da Juventude (2003), do Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, Cidade Tiradentes faz parte da Zona Homogênea 5, caracterizada como a de maior exclusão. Os jovens dessa zona casam (15,8% são casados, divorciados ou viúvos) e têm filhos cedo (17,8% têm filhos); essa também é a única zona em que foram identificados jovens viúvos (0,3%).

¹⁸ O baixo envolvimento de crianças e adolescentes com atos infracionais opõe-se às altas taxas de homicídio juvenil, podendo apontar para um possível corte etário entre as duas realidades.

Tabela 10 - Garantia dos direitos em Cidade Tiradentes / Juventude

| % (Cidade Tiradentes) | Grau de garantia dos direitos – Dimensão Criança e Adolescente |
|--|---|
| Taxa de envolvimento com atos infracionais por local de moradia | |
| 249,88 (por 100mil) | Alta garantia |
| Gravidez precoce (meninas com 17 anos ou menos) | |
| 8,51% | Precária garantia |
| Taxa de homicídio juvenil por local de moradia (15 a 29 anos) | |
| 104,90 (por 100mil) | Média garantia |

Fonte: SIM Direitos Humanos – Mapa de Garantia dos Direitos – Prefeitura do Município de São Paulo / Comissão Municipal dos Direitos Humanos, 2005.

Mais informações sobre as condições e dinâmicas de vida dos jovens de Cidade Tiradentes podem ser extraídas do Índice de Vulnerabilidade Juvenil (IVJ), elaborado pela Fundação Seade (2002). Segundo esse índice, Cidade Tiradentes enquadra-se no grupo 5 (mais de 65 pontos), ou seja, o grupo de maior vulnerabilidade do Município. Os indicadores utilizados para elaboração desse Índice encontram-se em anexo.

Os jovens também foram público estudado pelo Centro de Estudos de Cultura Contemporânea, através do Mapa da Juventude paulistana. A pesquisa identificou zonas homogêneas, que variavam de 1 a 5, sendo 5 a de maior exclusão. Cidade Tiradentes é o distrito com o 4º menor índice da pesquisa, o que o coloca na zona homogênea 5¹⁹.

2.1.9 Cidade Tiradentes segundo as pesquisas acadêmicas

Diante de um vasto rol de particularidades, Cidade Tiradentes passou recentemente a despertar a atenção de acadêmicos e institutos de pesquisa. Apresentaremos a seguir uma breve descrição dos trabalhos já realizados sobre o local, com o objetivo de situar a presente pesquisa no conjunto de temas abordados sobre a Cidade Tiradentes.

¹⁹ Nesta zona encontra-se a maior porcentagem de jovens fora da escola (43%). O índice de desemprego é alto: 68%. É também esta a única zona em que foram encontradas jovens viúvas. O jovem da ZH5 são predominantemente pardo ou negro (57%), têm menos tempo para atividades de estudo e lazer e se casam e tem filhos cedo. Os estilos musicais preferidos dos jovens desses locais são samba (49,7%), Pagode (47,2%), Axé (45,2%) e Rap (42,9%). As atividades de lazer mais praticadas são esportes (43,40%) e atividades domésticas (14,50%). Os setores de trabalho dos jovens dessa zona são em serviços (45,3%), comércio (29,3%) e indústria (16%).

No campo das pesquisas acadêmicas, ainda são poucos os estudos dedicados à análise específica da Cidade Tiradentes. Uma busca nos acervos das principais faculdades do município de São Paulo (USP, PUC, Mackenzie, FMU, FAAP, UNIP, Anhembi Morumbi, Senac, UNESP, UNIFESP e UNICAMP) revelou a existência de pesquisas com temáticas abrangentes que tomam Cidade Tiradentes, entre outros, como exemplo.

A temática ‘deslocamento urbano’ foi abordada por Cláudia Antico, em sua tese de doutorado “*Onde morar e onde trabalhar: espaço e deslocamentos pendulares na Região Metropolitana de São Paulo*” apresentada ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, sob a perspectiva de tê-lo como indicativo de desigualdades e heterogeneidade espacial na Região Metropolitana de São Paulo, especialmente quando se configuram como deslocamentos pendulares²⁰. Utilizando como fonte as Pesquisas Origem-Destino da Companhia Metropolitana de São Paulo (Metrô), a pesquisadora agrupou distritos em sub-regiões e buscou qualificar a população pendular. Detectou aumento dos deslocamentos pendulares durante o período compreendido entre 1987 e 1997 e identificou que a sub-região em que Cidade Tiradentes se insere (leste) apresenta mobilidade populacional diária predominantemente para distritos das regiões Sul e Centro (de 20 a 50mil pessoas diariamente), seguidas pelas regiões Sudoeste e Sudeste (acima de 50mil pessoas diariamente).

Por outro lado, ao se tratar de estudos específicos focados na Cidade Tiradentes, foram identificadas 8 pesquisas, sendo dois trabalhos de conclusão de curso, cinco dissertações de mestrado e apenas uma tese de doutorado, conforme quadro a seguir:

Como se pode observar, 4 trabalhos abordaram a questão da moradia como mote para o aprofundamento e inter-relação com outras áreas do conhecimento:

A dissertação “*Relações sociais em cidade Tiradentes : um estudo preliminar das relações entre educação e moradia*”, de Rômulo Pereira Nascimento, foi apresentada à Faculdade de Educação da USP em 1999 e objetivou analisar a relação entre educação e moradia na Cidade Tiradentes. O pesquisador, residente do distrito, foi pioneiro na produção acadêmica sobre o local. Durante o período compreendido de 1993 a 1998, investigou, a partir

²⁰ Deslocamentos diários realizados pela população ocupada residente na RMSP, entre o município de moradia e o de trabalho.

de observações e entrevistas, dados sobre promoção, retenção e evasão de oito escolas locais e estudou o cotidiano do bairro descrito pelos próprios moradores e órgãos da imprensa. Vale ressaltar que essa foi a única produção acadêmica desenvolvida na área da educação em Cidade Tiradentes.

Já os três trabalhos restantes abordaram a questão da moradia dentro do contexto histórico e político de construção de grandes conjuntos habitacionais. Duas produções foram realizadas na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, sendo uma em nível de mestrado e outra de doutorado. A dissertação “*Quatro COHABs da zona leste de São Paulo : território, poder e segregação*”, de Anderson Kazuo Nakano, foi apresentada em 2002 e analisou os conjuntos habitacionais de Sapopemba, Itaquera, José Bonifácio e Cidade Tiradentes. Priorizou a observação dos processos urbanos como disputas sociais por localizações na cidade, denotando jogos de poder que envolvem ações de controle e domínio sobre o espaço. Baseado em indicadores do Censo Demográfico, compara a realidade sócio-espacial das COHABs com outros distritos da zona leste e município de São Paulo, visando verificar a concentração de características sociais que revelem particularidades segregatórias. A outra pesquisa, também desenvolvida na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, dessa vez em nível de doutorado, resgata o processo histórico de produção dos conjuntos habitacionais para então abordar aspectos da relação da habitação social com a cidade. Denominada “*Cidade Tiradentes: a abordagem do poder público na construção da cidade; conjuntos habitacionais de interesse social da COHAB-SP (1965/1999)*”, a tese de Adriana Paula Slomiansky (2003) buscou analisar os espaços urbanos resultantes da implantação dos conjuntos habitacionais na Cidade Tiradentes. Identificou que os projetos dos conjuntos, dados os principais critérios em sua concepção arquitetônica e urbanística, provocaram dificuldades para sua inserção na cidade e desenvolveram padrões de ocupação indesejados em seu interior. Ao final, apresenta ‘parâmetros de intervenção para a melhoria das condições de habitabilidade nesse Complexo, visando a sua integração física e funcional à cidade de modo a melhorar a qualidade de vida da população residente e fomentar a sua participação como comunidade socialmente organizada’. O quarto e último trabalho acadêmico sobre moradia em Cidade Tiradentes, de Adriana Ferreira dos Santos, foi desenvolvido em 2002 como monografia de conclusão de curso na Faculdade de Serviço Social da UniFMU, intitulado “*O processo de periferização das grandes cidades : desvendando e reconstruindo a história habitacional da Cidade Tiradentes*”, cujo enfoque também residiu na temática habitacional.

Por outro lado, quatro pesquisas analisaram outros aspectos da Cidade Tiradentes, o que não exclui, evidentemente, a possibilidade de terem abordado a questão da moradia, dado que essa é a principal característica do distrito e que certamente produz influência sobre vários aspectos de sua dinâmica.

Uma delas foi realizada para o mestrado profissionalizante da Escola Paulista de Medicina da Universidade Federal de São Paulo, trata de mais uma temática que envolve Cidade Tiradentes como um dos objetos. A dissertação foi apresentada por Rosângela Gonçalves Martins Rizzo, em 2004, e foi intitulada “*Estratégia administrativa para atendimento oftalmológico do paciente usuário do Sistema Único de Saúde (SUS) nos bairros: Guaianases, São Mateus, Itaquera, Cidade Líder e Cidade Tiradentes*”. Como um dos resultados, a autora conclui que a oferta de profissionais da área de oftalmologia é insuficiente em todos os distritos estudados, especialmente em Cidade Tiradentes, em que não há atendimento oftalmológico básico, o que obriga moradores a procurar atendimento no centro da cidade.

A dissertação de mestrado “*Democratização do ar como exercício de cidadania- Estudo de caso das rádios comunitárias, Esperança 101,3 FM e Companheira 93,3 FM, na sua relação com os movimentos sociais de São Mateus e Cidade Tiradentes, na zona leste de São Paulo*”, de Adrián José Padilha Fernández, foi apresentada ao departamento de Jornalismo da Escola de Comunicações e Artes da USP, com o olhar dos meios de comunicação e especificamente das rádios comunitárias. Foi realizado um estudo de caso das Rádios comunitárias Esperança 101,3 FM, de São Mateus, e Companheiras 93,3 FM, de Cidade Tiradentes, em que se buscou demonstrar como essa prática comunicacional contribui para o fortalecimento do desenvolvimento local e consolidação do processo de participação democrática da comunidade.

“*Quando jovens se tornam agentes de direitos humanos -uma experiência de formação política IBEAC - Cidade Tiradentes*”, de Vera Maria Lion Pereira Rodrigues, foi outra dissertação de mestrado, defendida em 2001, na Faculdade de Serviço Social da PUC-SP. A pesquisa realizou um estudo de caso de uma experiência de formação política de jovens agentes de direitos humanos, desenvolvida pelo IBEAC - Instituto Brasileiro de Estudos e Apoio Comunitário, organização não governamental sediada em São Paulo, em parceria com a Secretaria de Estado dos Direitos Humanos do Ministério da Justiça.

Por fim, a monografia de conclusão de curso “*Práticas de lazer dos jovens em Cidade Tiradentes: identificação das carências e potencialidades*”, de minha autoria, tratou do tema “lazer” como aspecto central do desenvolvimento do distrito. O trabalho possuía o objetivo de mapear as práticas de lazer no distrito, utilizassem elas equipamentos específicos ou não específicos de lazer e, através do cruzamento dos resultados com o perfil do público entrevistado, identificar potencialidades de desenvolvimento de práticas alternativas de lazer.

2.2. A cara da metrópole - Do surgimento à periferização

O processo de urbanização no Brasil observou intenso crescimento a partir da segunda metade do século passado. De 33 milhões de habitantes em 1950, a população das cidades saltou para um número atual de 120 milhões de habitantes.

Em São Paulo, especificamente, esse processo vinculou-se à industrialização – até os anos 30-, caracterizada pela construção de vilas operárias próximas às fábricas. Com o contingente enxuto, era oportuno às empresas garantir um salário baixo aos operários e arcar com as despesas de habitação. Entretanto, com o crescimento da industrialização e a valorização dos terrenos no entorno das fábricas, a alternativa encontrada passou a ser repassar o ônus da moradia aos próprios empregados, e o da infra-estrutura urbana, ao Estado. Como resultado, a moradia passa a ser condicionada à lógica do mercado imobiliário, denunciando uma expansão urbana completamente desordenada.

A lógica imobiliária, por sua vez, sempre preteriu a região leste do município em relação à oeste (essas foram as duas zonas que foram primeiramente ocupadas). Conforme relata Villaça (1998, p.117), a ocupação da região leste implicava a transposição de um obstáculo representado pela barreira Tamanduateí-ferrovia-várzea inundável, além de, transposto o obstáculo, a paisagem ser fundamentalmente plana e com poucos atrativos naturais. Assim, essa região passou a ser ocupada em grande medida pelas camadas populares, representando um crescimento mais rápido do que da zona oeste.

Os fluxos da especulação imobiliária resultaram na criação das periferias urbanas, definidas como aglomerados urbanos, com reduzida infra-estrutura e distantes do centro, que abrigam uma grande quantidade de mão-de-obra a serviço de interesses econômicos. Kowarick (2000, p. 27) destaca a importância da substituição dos bondes pelos ônibus, desde

a década de 40, como elemento que contribuiu para o deslocamento moradia-emprego e para o conseqüente crescimento da periferização urbana.

Segundo o autor, a periferização ocorre conforme se encarecem os terrenos e reduz-se seu ônus social. Assim, estabelece-se uma dinâmica em que a classe pauperizada ocupa os espaços desprovidos de infra-estrutura urbana e os desocupa quando as melhorias chegam e os imóveis se valorizam, já que os valores passam a ser inacessíveis aos então locatários. Novos espaços, distantes e vazios, são buscados, alimentando um padrão de periferização do qual decorre um alto custo de urbanização. Conforme analisa Kowarick (1993, p. 45),

A periferia como fórmula de reproduzir nas cidades a força de trabalho é conseqüência direta do tipo de desenvolvimento econômico que se processou na sociedade brasileira das últimas décadas. Possibilitou, de um lado, altas taxas de exploração de trabalho e, de outro, forjou formas espoliativas que se dão no nível da própria condição urbana de existência a que foi submetida a classe trabalhadora.

O processo do qual fazem parte essas formas espoliativas é chamado pelo autor de espoliação urbana, caracterizada pela dificuldade de acesso, por parte da classe trabalhadora, a serviços de consumo coletivo.

Assim, passamos a ter um cenário que poderia retratar uma sociedade submetida passivamente aos rumos de nosso desenvolvimento econômico –pautados em grande medida nos interesses do mercado- à extorsão de bens, serviços e direitos, cuja mão de obra é remunerada com salários exíguos e passível de substituição a qualquer momento. Daí o surgimento do mito, citado por Kowarick (1993, p. 26), da existência, no Brasil, de uma sociedade civil amorfa. Ao superar essa concepção, o autor cita diversos momentos da história brasileira em que houve intensa mobilização das camadas populares²¹, ressaltando o interesse de grupos dominantes em reprimir iniciativas de participação popular.

Essa perspectiva –de superação do mito da sociedade amorfa- será adotada nesta pesquisa, para tanto buscando, no recorte da juventude de Cidade Tiradentes, conhecer as formas assumidas por essa sociedade.

Convém ainda ressaltar que a presente pesquisa pressupõe a idéia das periferias complexas e heterogêneas, reforçando posicionamento de Marques (2005, p.30), segundo quem, a maior parte dos estudos, ao tratar de periferia,

²¹ Cita, por exemplo, o período histórico marcado pelo populismo, em que as associações voluntárias participavam ativamente de debates públicos.

sugere a constituição de locais homogêneos e onde se acumulam problemas de forma quase completa, superpondo características negativas da ação do Estado e do ambiente urbano as características negativas do mercado de trabalho que advêm de um certo padrão de acumulação ou desenvolvimento econômico.

Sua argumentação se inicia na percepção de diversos tipos de pobreza existentes na periferia da Grande São Paulo. Baseado nos dados do Censo 2000, Marques (2005, p. 57) apresenta como a pobreza vem se expressando nessas regiões em um alto nível de detalhe (menor que o de setores censitários, mas maior que o de distritos e municípios), possibilitando assim a identificação de heterogeneidades. Para tanto, utilizou um sistema de informações que o permitiu desagregar informações e manipulou variáveis como renda, escolaridade, migração recente, taxas de desemprego, infra estrutura urbana, presença de pretos e pardos e taxas de crescimento demográfico²². Da análise dos resultados, foram gerados 10 grupos. A transcrição a seguir detalha os três primeiros grupos, considerados pela pesquisa como periferia:

Grupo 1: Inclui a população mais pobre, menos escolarizada e com mais alto desemprego da metrópole. A presença de mulheres de baixa escolaridade que são chefes de domicílio é praticamente idêntica a da média da região, o que sugere que esse grupo não é caracterizado pelo tipo de vulnerabilidade capturada por esse indicador. O grupo contém a mais expressiva população preta e parda e nordestina da metrópole, inclusive em termos recentes. A população do grupo apresenta a estrutura etária mais jovem da metrópole e as piores condições urbanas (36% sem rede de esgoto e 17,5% das pessoas morando em setores subnormais) e esta explodindo demograficamente (7,8% ao ano). O grupo incluía 3.1 milhões de habitantes em 2000. Denominação: “muito pobres em intensa expansão” ou “periferia de fronteira”.

Grupo 2: Composto de uma população muito pobre, muito pouco escolarizada. Merece destaque a presença de pretos e pardos e nordestinos, assim como uma estrutura etária muito jovem e submetida a alto desemprego. Em termos gerais, as características são similares as do grupo anterior, mas melhores. O grupo apresenta uma participação de mulheres chefes de domicílios com baixa escolaridade mais elevada que o grupo anterior. As condições urbanas são muito precárias (cerca de 25% dos domicílios não estão ligados a rede de esgoto) e a população do grupo esta em crescimento (2,7% ao ano). Vale destacar que a

²² Cf. para mais informações sobre a pesquisa: MARQUES, Eduardo. Espaço e grupos sociais na virada do século XXI. In: _____ e TORRES, Haroldo (orgs). **São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais**. Editora Senac. São Paulo, 2005.

presença de moradores de setores subnormais é inferior tanto a do grupo anterior quanto a do próximo grupo. O grupamento inclui 2,4 milhões de pessoas e foi denominado “muito pobres em área precária em crescimento” ou “periferia em crescimento”.

Grupo 3: A população desse grupo é muito pobre, muito pouco escolarizada, com presença relativa muito elevada de pretos e pardos, embora os nordestinos migrados recentemente estejam presentes apenas um pouco mais relativamente que a média da metrópole. O grupo tem a mais alta proporção de mulheres chefes de domicílio com baixa escolaridade da metrópole (14,2%) e muitas crianças e jovens, embora em proporção inferior a dos grupos anteriores. As condições urbanas são quase iguais as médias da metrópole, no que diz respeito ao acesso à rede de esgoto (16,3%, o que representa a segunda maior proporção). O grupo conta com uma população de cerca de 1,5 milhão e não apresenta quase nenhum crescimento (0,4% ao ano). É denominado de “muito pobres em área precária, mas consolidada” ou “periferia estabilizada”.

A tabela a seguir apresenta um resumo dos 10 grupos gerados pela análise da pesquisa:

Tabela 11 - Resumo dos Grupos Sociais

| Grupo | População | Características principais |
|--------------|------------------|--|
| 1 | 3.130.249,00 | Muito pobre, muito baixa escolaridade, muitos pretos e pardos, muitos migrantes nordestinos recentes, péssimas condições urbanas e altíssimo crescimento |
| 2 | 2.519.271,00 | Muito pobre, muito baixa escolaridade, muitos pretos e pardos, muitos migrantes nordestinos recentes, condições urbanas ruins e crescimento moderado |
| 3 | 1.516.073,00 | Muito pobre, muito baixa escolaridade, muitas mulheres chefes de domicílio com baixa escolaridade, condições urbanas médias e sem crescimento |
| 4 | 1.019.352,00 | Classe média-baixa pobre com baixa escolaridade, condições urbanas médias e alto crescimento |
| 5 | 1.735.361,00 | Classe média-baixa com poucos pretos, pardos e migrantes, condições urbanas boas e crescimento lento |
| 6 | 3.321.056,00 | Classe média-baixa com poucos pretos, pardos e migrantes, condições urbanas boas e sem crescimento |
| 7 | 1.468.915,00 | Classe média, poucos pretos, pardos e migrantes e sem crescimento |
| 8 | 826.933,00 | Classe média-alta com muito poucos pretos, pardos e migrantes e em esvaziamento |

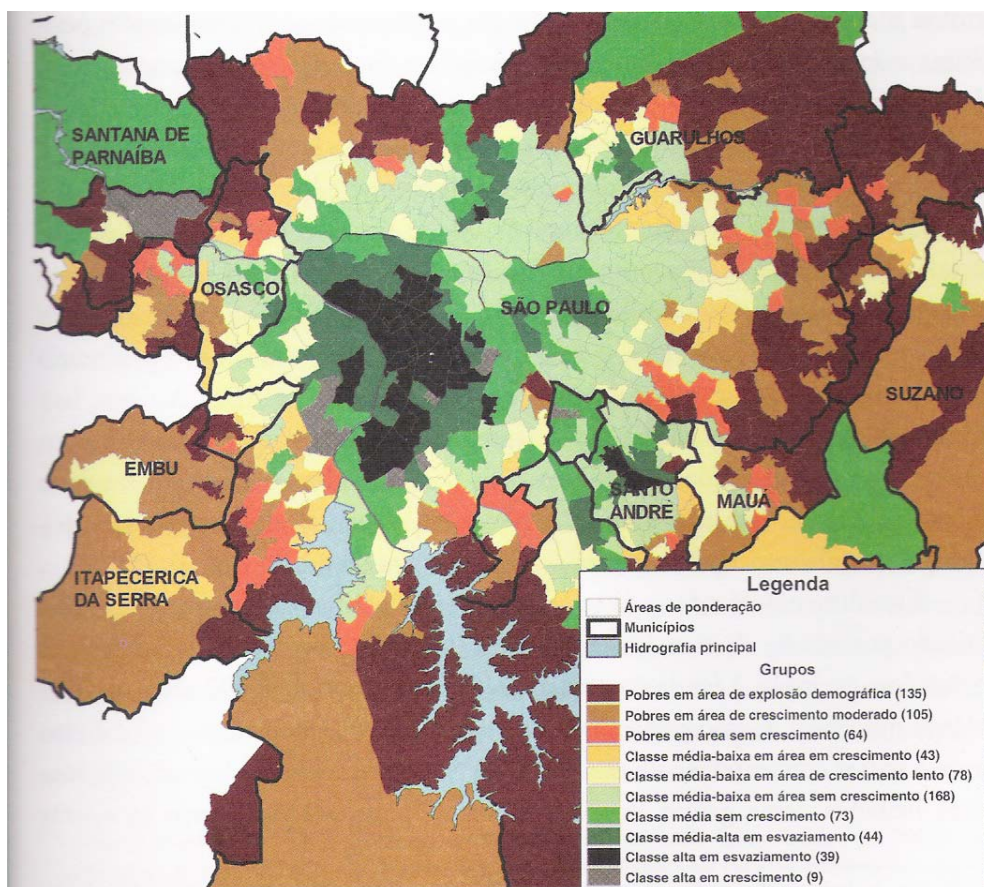
Continua

Características principais

| Grupo | População | |
|--------------|----------------------|--|
| 9 | 683.159,00 | Classe alta com muito poucos pretos, pardos e migrantes e em esvaziamento |
| 10 | 162.895,00 | Classe alta jovem com muito poucos pretos, pardos e migrantes e em crescimento |
| Total | 16.383.264,00 | |

Fonte: MARQUES, Eduardo. Espaço e grupos sociais na virada do século XXI. In _____; TORRES, Haroldo (orgs). **São Paulo**. Segregação, pobreza e desigualdades sociais. Editora Senac. São Paulo, 2005, baseado no Censo (2000).

Através do mapa a seguir, é possível identificar que características dos grupos 1 e 2 se alternam pelo território da Cidade Tiradentes, sendo que o grupo 1 predominava de forma mais intensa na década passada do que atualmente.



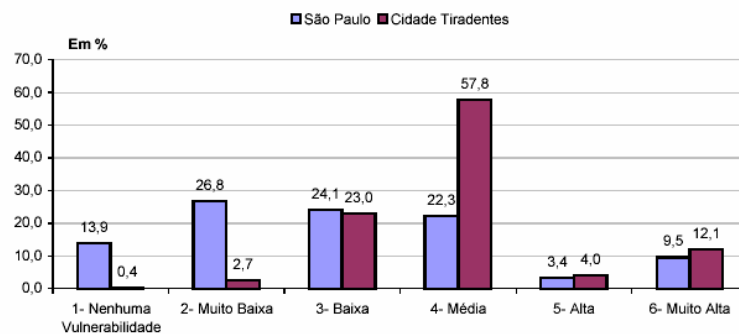
Fonte: MARQUES, Eduardo. Espaço e grupos sociais na virada do século XXI. In _____; TORRES, Haroldo (orgs). São Paulo. Segregação, pobreza e desigualdades sociais. Editora Senac. São Paulo, 2005, baseado no Censo (2000).

Figura 2 - Mapa de Distribuição dos Grupos Sociais_São Paulo

Complementando esse estudo, cabe retomar o índice criado pela Fundação Seade (Índice Paulista de Vulnerabilidade Social), que detalha as situações de vulnerabilidade dentro do território de cada Subprefeitura paulistana. Segundo esse índice, os grupos populacionais de Cidade Tiradentes submetidos a nenhuma, muito baixa ou baixa vulnerabilidade são inferiores à média paulistana; os de média vulnerabilidade são muito superiores e os de alta ou muito alta um pouco superiores, conforme o gráfico a seguir:

Gráfico 3 : Distribuição da população, segundo grupos do IPVS_Cidade Tiradentes

Distribuição da População, segundo Grupos do Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS
Município de São Paulo e Subprefeitura de Cidade Tiradentes
2000



Fonte: IBGE. Censo Demográfico; Fundação Seade.

O mapa a seguir apresenta espacialmente essa distribuição:

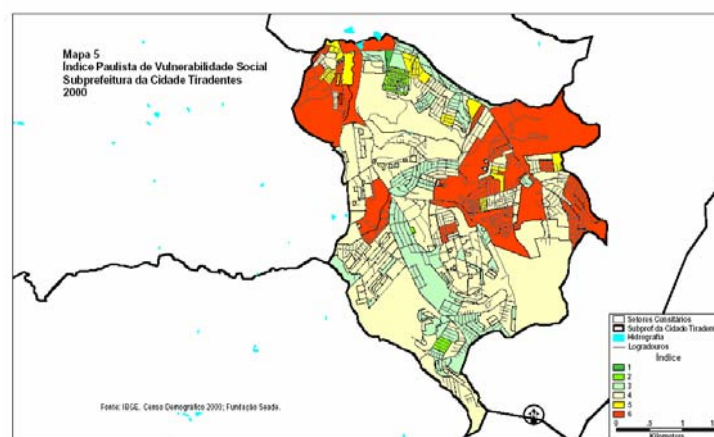


Figura 3 - Mapa Índice de Vulnerabilidade Social – Subprefeitura de Cidade Tiradentes (Fundação Seade)

É possível verificar, a partir desses dados, que a população distribuída entre o grupo de média vulnerabilidade é consideravelmente superior à de alta e muito alta vulnerabilidade, bem como é bastante superior ao percentual da população do município

enquadrada nesse grupo. O percentual de população nos grupos de alta e muito alta vulnerabilidade é apenas um pouco superior à média municipal –e está concentrado em alguns bairros a nordeste e noroeste do distrito-, enquanto o de muito baixa e nenhuma vulnerabilidade é quase inexistente, sendo muito inferior à média municipal. Assim, é possível concluir que, em oposição à imagem de grande vulnerabilidade que se relaciona à Cidade Tiradentes, cerca de 16% de sua população efetivamente conviva com uma alta e muito alta vulnerabilidade. Por outro lado, praticamente toda sua população convive com algum tipo de vulnerabilidade, sendo apenas cerca de 3% a população que consegue se afastar dessas condições. A grande maioria da população, em verdade, convive com uma baixa (23%) ou média vulnerabilidade (57,8%). Os indicadores que compõem o IPVS, bem como os resultados detalhados do índice em Cidade Tiradentes podem ser acessados nos anexos desta pesquisa.

2.3 A cara da periferia - Do “depósito” ao desenvolvimento humano. Deslocamento e permanência no território.

“Depósito Humano” foi a forma como os próprios moradores da Cidade Tiradentes apelidaram o local, ao conhecerem a realidade com que conviveriam logo após a aquisição de seus imóveis nos conjuntos habitacionais locais.

Sem a infra-estrutura urbana básica para servir toda a população que se estabelecia no local, nos primeiros anos da década de 80, o sentimento era de esquecimento ou, pior, de desprezo do Estado com relação à nova cidade que se formaria. Este tópico dedica-se a discutir em que medida o depósito humano foi construindo sua cara e seu desenvolvimento.

A população de Tiradentes é composta basicamente de migrantes, principalmente nordestinos atraídos pelo sonho da casa própria e a fuga do aluguel. Nesse sentido, nos valem de reflexões de Milton Santos (2002, p.328), para quem a mobilidade tornou-se uma regra, tanto para homens -na forma de turismo ou de imigração- quanto para produtos, imagens e idéias. A desterritorialização, ou desculturização, seria o pano de fundo desses processos.

Assim ocorre com os imigrantes: deixam para trás uma cultura herdada para encontrar com outra. Passam a fazer parte de um espaço que não ajudaram a criar, cuja memória lhe é estranha, que passa a abrigar uma certa alienação. Mas a alienação dá lugar à

necessidade de orientação: se as experiências vividas ficaram para trás, esses migrantes vêm-se obrigados a novas experiências, como analisa Santos (2002, p. 329):

Trata-se de um embate entre o tempo da ação e o tempo da memória. Obrigados a esquecer, seu discurso é menos contaminado pelo passado e pela rotina. Cabe-lhes o privilégio de não utilizar de maneira pragmática e passiva o prático-inerte (vindo de outros lugares) de que são portadores (...)

(...) O novo ambiente opera como uma espécie de detonador. Sua relação com o novo morador se manifesta dialeticamente como territorialidade nova e cultura nova, que interferem reciprocamente, mudando-se paralelamente territorialidade e cultura; e mudando o homem. Quando essa síntese é percebida, o processo de alienação vai cedendo ao processo de integração e de entendimento, e o indivíduo recupera a parte do seu ser que parecia perdida.

Em Cidade Tiradentes, havia uma diferença: o distrito não existia antes da construção dos primeiros conjuntos habitacionais. O espaço era basicamente rural e pouco habitado, o que pode ter contribuído para a superação da alienação inicial e a construção de uma nova identidade espacial.

“Quando eu cheguei aqui, não tinha nada. Era tudo só eucalipto e prédios”, conta seu Milton, antigo morador do bairro. “Não tinha supermercado, bancos, comércio... a salvação para os moradores dos conjuntos eram as peruas que estacionavam em frente aos prédios de manhã bem cedo vendendo pães, ovos, açúcar, remédios etc...isso tudo que você esta vendo aqui é recente, muito recente!”, complementa o morador, ao apontar para uma Cidade Tiradentes que começa a contar com uma infra-estrutura mais adequada, apesar de ainda insuficiente.

Esse novo momento foi imbuído de uma grande movimentação: os deslocamentos diários para os locais de trabalho, os deslocamentos em busca dos serviços básicos, como hospitais²³, bancos e supermercados, o surgimento de aproximadamente 200 associações de bairro e outras organizações sociais, os nascimentos de filhos e o crescimento das famílias.

A nova cara da Tiradentes passara então a ser composta por um cotidiano de muitas crianças e poucos adultos. Ao longo dos anos, as crianças viraram jovens e, hoje, quando Cidade Tiradentes completa 24 anos de existência, pode-se dizer que são esses jovens quem estão construindo a cara do distrito.

São jovens que se alternam quanto à sua relação com o “viver na periferia”. Nesse sentido, vale destacar a contraposição de duas visões acerca do “ser da periferia”, utilizadas

²³ O primeiro hospital de Cidade Tiradentes foi construído no último ano e deverá ser inaugurado em breve.

no editorial da Revista Sexta Feira, em seu número especial sobre Periferias. Diz o editorial que ser da periferia pode estar associado ora a um processo de sujeição, ora a um processo de subjetivação. De sujeição ao, conforme já discutido, estar à mercê de outras forças dominantes, orientadas pela lógica da especulação imobiliária e pela exploração sobre a mão-de-obra, através de baixíssimos salários; também ao ser objeto de políticas públicas insuficientes e assistencialistas, que seguem visões estigmatizadoras de privação e destruição. De subjetivação, por outro lado, ao referenciar-se em sujeitos de discursos e práticas, “recobrando uma posição central para uma dita periferia geográfica ou sociológica”.

Nesse sentido, Magnani (2006, p.30) retrata como o ser de periferia passa a ter significados, nos discursos de seus moradores, dotados de conotações propositivas. O discurso dos rappers, por exemplo, enfatizam, mais do que a carência, o pertencimento: “há aí uma certa visão propositiva, segundo a qual ‘ser da periferia’ significa participar de um certo ethos que inclui tanto uma capacidade para enfrentar as duras condições de vida, quanto pertencer a redes de sociabilidade, a compartilhar gostos e valores”.

Trata-se, sem dúvida, de posturas divergentes, que podem nos auxiliar a compreender a juventude de Cidade Tiradentes. Lá, os jovens em geral possuem mais vínculo com o distrito do que seus pais, pois esse é o local onde a maioria deles passou quase toda sua vida e que ainda passa grande parte de seu tempo cotidiano e de seu tempo de lazer. Os pais, por sua vez, já estabeleceram suas vidas centradas no trajeto casa-trabalho-casa, em função de seu local de trabalho, e que acaba por lhes reservar à Cidade Tiradentes basicamente as horas de sono.

Parece nos estar sendo apresentada uma dualidade *deslocamento x permanência* que requer atenção e cuidado. Temos, de um lado, um extenso grupo de adultos cujo deslocamento pendular lhes garante trabalho, renda, suficiência financeira; de outro, um extenso grupo de jovens cujo tempo disponível não é suficientemente conhecido nem socialmente legitimado, porém que vive e permanece na Cidade Tiradentes. Os tempos do trabalho em território externo e do tempo disponível em território interno se contrapõem e sugerem estigmas: o estigma do jovem vagabundo; da Cidade Tiradentes do atraso; do perigo do ócio; do elogio ao que é de fora. Contrapõem, também, o mundo adulto da responsabilidade e o juvenil da liberdade.

Capítulo 3 – Ser jovem na Cidade Tiradentes –Análise de questionário e de grupos focais

Duas fases compuseram a pesquisa de campo deste trabalho. A primeira consistiu na aplicação de questionários a 60 jovens, dentre alunos do curso de capacitação profissional de jovens do Capacitação Solidária, em parceria com a Instituição Grupo Ecológico e Cultural Tio Pac, jovens abordados na Praça do 65 / Telecentros, e estudantes da Escola Estadual Deputado Fernando Mauro. A segunda foi a realização de grupos focais com 20 jovens desses mesmos locais.

Neste capítulo, constarão as informações obtidas tanto na aplicação dos questionários quanto no grupo focal. O objetivo da combinação das duas técnicas, conforme já mencionado, foi o de complementar ou comparar informações, promovendo um entendimento mais completo das questões abordadas.

3.1 Questionário

O questionário utilizado para essa fase da pesquisa foi dividido em duas partes. A primeira buscava traçar um perfil pessoal dos entrevistados, com informações como idade, local de nascimento, estado civil etc. A segunda questionava sobre comportamentos e preferências desses mesmos jovens, atividades que fazem ou que gostam de fazer, envolvimento com ações coletivas e organizadas e projetos de futuro. A íntegra do questionário pode ser visualizada nos anexos desta dissertação.

A seguir, serão apresentados alguns dados colhidos com a análise do questionário:

A maior parte dos entrevistados (62,9%) era do sexo masculino, sendo que essa diferença pode ser atribuída principalmente ao local onde a pesquisa foi realizada. Na escola e no projeto social, houve um número equilibrado entre meninos e meninas respondentes. Entretanto, na Praça do 65 a situação foi diferente. Lá, o número de meninos era sensivelmente superior do que o de meninas. A presença de mais meninos do que meninas na praça e em outros espaços públicos de lazer será aprofundada adiante.

A idade média dos pesquisados foi de 17 anos. Neste quesito, é importante destacar que tanto para a aplicação dos questionários quanto para o desenvolvimento dos grupos

focais, procurou-se abordar jovens entre 15 e 19 anos. Assim, buscou-se trabalhar com a primeira fase da juventude, de forma que se evitassem distorções exageradas na análise das fases da juventude.

A maior parte dos entrevistados é paulistana, sendo que a maioria deles vive em Cidade Tiradentes desde que nasceu ou desde muito nova. Moram com os pais ou com outros parentes, na maior parte dos casos em apartamentos de conjuntos habitacionais. Cerca de 13% dos jovens já têm filhos (8, em números absolutos). A grande maioria dos jovens estuda (apenas 17% não estuda, sendo que metade deles já possui filhos) e a defasagem idade/série ocorre para 13% deles, sendo que ela varia de 1 a 2 anos. O trabalho é realidade atual para 15% deles, normalmente como bicos ou atividades que possam fazer nos finais de semana (faxina, auxiliar em salão de beleza e auxiliar em feiras livres foram exemplos citados). Cabe notar que essas atividades são realizadas sempre dentro da Cidade Tiradentes. Apesar da pouca representatividade de jovens que trabalham, mais da metade deles (60%) disse estar à procura de emprego e 46% relataram já terem tido experiências profissionais.

Com relação a seus pais, mais da metade de mães ou pais dos jovens entrevistados trabalham atualmente. A proporção é maior para as mães (60%) do que para os pais (55%), apesar de a diferença ser quase insignificante.

A religião faz parte da vida da maioria dos entrevistados (67% disseram possuir alguma religião), sendo que a distribuição entre meninos e meninas manteve-se proporcional à sua representatividade na amostra. Apesar da conversão à religião, menos da metade dos entrevistados efetivamente a pratica (43%), através da frequência em missas, participação em grupos organizados pela Igreja ou outras formas de participação, sem grandes diferenças entre meninos e meninas. A religião evangélica é a predominante (50%), seguida pela católica (45%) e por outras (5%).

Com relação à participação em projetos sociais, poucos jovens (16%) revelaram práticas de participação, ainda que parte das entrevistas tenha sido realizada em um projeto social. Isso significa que, mesmo aqueles que frequentam um curso planejado e executado por organizações sociais, com recursos do Fundo Municipal de Apoio aos Direitos da Criança e do Adolescente (FUMCAD), não se reconhecem como participantes de uma ação social. Esses, em verdade, assumem envolvimento com ações sociais na condição de beneficiários, e possivelmente essa relação limite-se a essa compreensão.

O questionário também abordou a questão da participação em grupos por considerar importante o conhecimento das formas e os motivos de associativismo e organização juvenil. Entretanto, a participação em grupos organizados, tais como times de futebol, grupos musicais ou de dança, não teve grande expressão. 34% dos entrevistados relataram participar de algum grupo organizado, sendo que os grupos relacionados a atividades culturais foram os mais citados (63%), seguido por esportivos (36%) e religioso (1%). Vale notar que dos entrevistados que relataram participar de algum grupo cultural, a grande maioria (81%) corresponde a meninos. A maior participação dos jovens em grupos ligados à expressão artística e cultural coincide com resultados do Mapa da Juventude Paulistana, elaborado em 2003 pelo CEDEC (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea). Aquele estudo mapeou 1.609 grupos que congregam 303.593 participantes. São grupos que se dividem em temas como ação social, etnia, portadores de necessidades especiais, lazer, religião, educação, manifestações artísticas, sexualidade, esportes e político partidário. Dentre os principais, 35,8% correspondem a grupos de manifestações artísticas, 14,4% a religião, 13,7% a lazer, 12,6% a ação social e 7,3% a esportes. Nesse estudo, também se destacou a grande presença de mulheres nas lideranças de movimentos sociais. Essas, tradicionalmente mais envolvidas na gestão da casa e da família, estariam mais propensas a reivindicar seus direitos. Entretanto, na presente pesquisa, esse dado não pôde ser confirmado.

A maior participação de meninos em grupos organizados repete-se nos resultados do Mapa da Juventude, ainda que em menor proporção do que o verificado na amostra de Cidade Tiradentes. A tabela a seguir revela que há um número muito maior de grupos com membros apenas do sexo masculino (500) do que feminino (64) e que grupos com maior número de integrantes homens também são superiores (383) ao de maior número de integrantes mulheres (274):

Tabela 12 - Grupos por Composição de Gênero - Mapa da Juventude de São Paulo, 2003

| Composição do grupo por sexo | Nº | % |
|-------------------------------------|-------------|------------|
| Fem=Masc | 370 | 23 |
| Masc>Fem | 383 | 23,8 |
| Fem>Masc | 274 | 17 |
| Só Masc | 500 | 31,1 |
| Só Fem | 64 | 4 |
| Não responderam | 18 | 1,1 |
| Total | 1609 | 100 |

Fonte: Mapa da Juventude Paulistana. CEDEC, 2003.

A rede de relações desses jovens é em grande medida constituída por outros jovens, seja da escola, cursos ou da rua. Porém, são os membros de suas famílias as pessoas com quem dispensam a maior parte de seu tempo. As atividades praticadas no tempo livre são variadas, porém as mais citadas foram jogar bola, assistir televisão e ficar em casa com a família. Quando questionados sobre o que gostariam de fazer em seu tempo livre que não fazem, trabalhar e freqüentar cursos foram as atividades mais citadas, sugerindo para uma demanda que supere a condição de moratória e os prepare para inserção no mercado de trabalho.

Por fim, o questionário abordou a questão do futuro e dos projetos de vida. Em cinco anos, a grande maioria dos jovens disse imaginar-se trabalhando e cursando uma faculdade. Além disso, ressaltam a independência como característica dessa nova vida: pagando as próprias contas e morando sozinho (a) ou com companheiro (a) foram as repostas mais freqüentes. A importância da família e da vida familiar reaparece com força. Esta questão também aparece nos grupos focais, quando há a expectativa de encontro com alguém que permita consolidar uma relação amorosa e construir uma família.

Apenas 5 jovens mencionaram que gostariam de estar morando em outro bairro em 5 anos, enquanto 20 relataram planejar morar no distrito nesse mesmo período e o restante não respondeu.

3.2 Grupos Focais

Para participar dos grupos focais, foi feito o convite a todos os 32 alunos da turma do curso de capacitação profissional; a cerca de 20 jovens que circulavam pela Praça do 65 e por dois Telecentros.; e a cerca de 15 estudantes da Escola Fernando Mauro. Desses, 15 se dispuseram a participar no primeiro grupo, porém apenas 8 compareceram no dia marcado; cerca de 10 confirmaram participar do segundo grupo, porém apenas 3 apareceram; e 9 se dispuseram e compareceram no terceiro grupo.

Assim, participaram das conversas 20 jovens, sendo 8 meninas e 12 meninos. Além da pesquisadora, um assistente de pesquisa auxiliou na condução das atividades.

Todos os presentes assinaram o termo de consentimento, assegurando sigilo nos nomes e uso das informações apenas para fins acadêmicos. Assim, as falas não serão identificadas, bem como as informações cedidas pelos alunos.

A conversa foi planejada para abarcar 6 temas: *cotidiano, amizade/família, lazer/cultura/entretenimento, escola, participação social/trabalho, futuro, o que é ser jovem na Cidade Tiradentes.*

Previamente ao debate, foram levantados alguns pontos a serem observados. Eles foram escolhidos por já haver uma suposição inicial da pesquisadora de que neles se poderiam identificar especificidades. São eles: diferenças relativas a gênero, como aparece a questão da violência, como é feito o uso do espaço, como é a relação com a família, identificar os locais de sociabilidade, identificar fluxos de deslocamento, identificar relação entre escola e projeto de futuro, identificar os principais temas que envolvem os jovens em grupos organizados, identificar projetos individuais e coletivos.

3.2.1 Cotidiano: a dimensão do presente

As questões sobre o tema “cotidiano” buscaram uma aproximação das atividades do dia-a-dia. Olhares especiais foram direcionados à identificação de diferenças entre meninos e meninas, à circulação e à utilização do espaço, público ou privado.

Os jovens começaram por relatar as principais atividades que preenchem seus dias, das quais destacam-se: frequentar cursos, namorar e trabalhar. Posteriormente, foram direcionadas perguntas relacionadas ao lazer, ócio e atividades domésticas, conforme detalhamento a seguir:

Atividades domésticas:

Neste tema, notou-se uma dualidade nos discursos, principalmente no dos meninos. Segundo grande parte deles, todos devem exercer serviços domésticos, independente do gênero. Questionados se essa é a forma de distribuição de tarefas em suas residências, a resposta na maioria dos casos foi negativa:

“Na minha casa quem faz quase tudo é minha mãe, mas isso porque meu pai trabalha fora. Quando minha mãe pede, eu ajudo”.

“Eu acho que a divisão tem que ser igual. Os dois têm que fazer tudo. Quando eu casar, vai ser assim”.

As meninas não acompanharam essa discussão de forma entusiástica. Pareciam, ao mesmo tempo em que desconfiavam da palavra dos meninos, concordar com uma

necessidade de mudança. Em suas casas, a divisão não é igualitária, mas nenhuma se aventurou reclamar sobre a forma como a divisão é feita, apenas descreveram como funciona:

“É normal, eu lavo louça, arrumo a casa...às vezes meu irmão limpa o banheiro”

A elas continua cabendo a parte mais central das tarefas domésticas. É interessante ver a mudança do discurso dos meninos, mas não foi possível saber se este discurso implica em uma transformação do cotidiano. Mesmo que essa mudança não seja efetiva, é possível verificar ao menos uma diferente postura dos familiares com relação à participação doméstica dos homens da casa. Isso foi registrado, por exemplo, pela pesquisas do Instituto Sou da Paz (2007) , segundo a qual os meninos vêm sendo mais cobrados pela responsabilidade doméstica.

Em outras pesquisas é possível ver que a participação dos jovens nas atividades domésticas é esporádica, de forma coerente com o discurso da “ajudar” a mãe. Isso se reforçou na presente pesquisa. Os meninos, quando relatam praticar atividades domésticas, as justificam como forma de ajuda à mãe. Não houve casos em que os meninos tenham relatado assumir a responsabilidade por alguma dessas atividades. Em outras palavras, as meninas são as responsáveis, mas os meninos podem ajudar.

A pesquisa do Instituto Sou da Paz (2007) detectou que jovens homens e mulheres definem seu tempo livre de forma diferenciada. Para eles, o tempo livre é aquele pós trabalho e estudo. Para elas, é o tempo que sobra após o cumprimento das tarefas domésticas, além, é claro, do tempo pós estudo e trabalho. Entre essas tarefas inclui-se também o cuidado com familiares, idosos ou crianças.

Dessa forma, o tempo liberado das meninas é inferior ao dos meninos, contribuindo para diferentes formas de utilização dos espaços públicos de lazer²⁴. Eles estão mais presentes nesses espaços do que elas, que se encontram mais nos espaços domésticos.

²⁴ Entre os fatores que contribuem para uma desigual participação nos espaços público de lazer, o Instituto Sou da Paz detectou: “as tarefas domésticas e seu papel de cuidadora familiar; o temor à gravidez e à violência; a impossibilidade de negociação com os meninos no uso dos equipamentos por falta de mediação e regras para o uso, prevalecendo a “lei do mais forte”; equipamentos ou projetos inadequados que são rejeitados por reproduzirem estereótipos de gênero”.

Religião:

A participação regular de atividades religiosas não apareceu com grande expressividade, apesar de todos os participantes relatarem serem adeptos de alguma religião, tanto nos resultados levantados pelos questionários como nos grupos focais. Normalmente a conversão à religião está ligada à influência dos pais, porém parece estar sendo contestada pelos filhos. Alguns jovens relataram já terem tentado participar de algumas atividades propostas pela Igreja, porém que desistiram por não terem encontrado identificação com o projeto, ainda que as religiões exerçam um importante papel de sociabilidade e de agregação social (NOVAES, 2000) entre os jovens brasileiros.

Certamente essa amostra não representa fielmente a realidade da Cidade Tiradentes, onde o número de igrejas é muito grande, especialmente as evangélicas, e vem crescendo em larga escala nos últimos anos.

O Censo de 2000 revela que há, entre a juventude brasileira, uma leve redução da proporção de jovens adeptos de alguma religião em comparação à população brasileira como um todo, conforme revela a tabela a seguir:

Tabela 13 - Religião declarada (IBGE, 2000)

| Religião Declarada | População brasileira | Jovens - 15 a 24 anos |
|---------------------------|-----------------------------|------------------------------|
| Católica | 73,6 | 73,6 |
| Evangélica | 15,4 | 14,2 |
| Espírita | 1,3 | 1,1 |
| Umbanda e Candomblé | 0,3 | 0,3 |
| Outras religiosidades | 1,8 | 1,7 |
| Sem declaração | 0,2 | - |
| Sem religião | 7,3 | 9,1 |

Fonte: IBGE, 2000.

A hipótese envolvida nesses dados reside no processo de desinstitucionalização religiosa, em que as pessoas

“deixam de encontrar nas grandes religiões tradicionais narrativas plausíveis que respondam à suas necessidades de sentido, e passam a ter uma experiência do sagrado sem a mediação de instituições religiosas. Assim, essas instituições perdem gradativamente a capacidade de atrair e vincular adeptos” (RODRIGUES, 2007).

O que não faz que gostaria?

Nos grupos focais, as atividades mais citadas que não são praticadas, apesar de terem vontade, são relacionadas a cursos (os mais citados foram desenho, grafite, dança e inglês) ou a trabalho, principalmente no grupo de alunos do curso de capacitação. Eles parecem almejar sempre mais cursos, sem tanto importar o tipo de curso, contanto que contribua para sua formação pessoal e profissional, conforme será mais detalhado no item *cursos*. Entre os outros grupos, entretanto, cursos foram citados com menor frequência. As atividades relacionadas a lazer se destacaram nesse tema:

“Eu gostaria de jogar bola aqui na escola, mas não podemos”

“Eu queria que tivesse um clube decente ...aqui (na escola) não dá pra jogar bola direito”

Destacando a importância do relacionamento amoroso:

“Eu gostaria de ter uma namorada”

“Eu queria que tivesse mais mulher na escola”

“Eu queria que a escola distribuísse camisinha”

Ou aquelas ligadas ao desejo de ter acesso ao símbolo da “inclusão”:

“Eu gostaria que tivesse um shopping center em Cidade Tiradentes”

Essas foram algumas das respostas que se destacaram, sendo que a relacionada ao shopping center foi recorrente em um dos grupos:

“O que eu mais queria que tivesse aqui é shopping”.

“Você acha que eu vou comprar roupa aqui, tá louco...tem que comprar no shopping...”

O shopping Center é o local mais freqüentado por jovens das regiões metropolitanas brasileiras, segundo pesquisa **Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas** (IBASE, Polis, 2005). A pesquisa apontou que esse foi o local mais citado por jovens de todas as classes sociais, conforme a tabela a seguir:

Tabela 14 - Lugares mais freqüentados por jovens das Regiões Metropolitanas (%)

| Lugares mais freqüentados por jovens das Regiões Metropolitanas (%) | | | | |
|--|-------|---------------|----------|---------------|
| Lugares | Total | Classes A e B | Classe C | Classes D e E |
| Shoppings | 69,2 | 82,4 | 72,3 | 53,8 |
| Cinemas | 51,2 | 75 | 52,4 | 29,3 |
| Parques e praças | 47,8 | 50,9 | 46,2 | 47,8 |
| Teatros | 15,1 | 24,6 | 14 | 8,8 |
| Centros Culturais | 13,7 | 20,3 | 13,3 | 8,6 |
| Museus | 11,6 | 17,7 | 11,4 | 7,2 |
| Nenhum desses lugares | 13,1 | 6,4 | 10,8 | 22,2 |

Fonte: Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas. Polis-IBASE, 2005.

Os shoppings representam espaço de encontro de pares e também de segurança, conforto e legitimação social. Dentre as opções identificadas na pesquisa acima citada, são, juntamente com parques e praças, os únicos locais em que é possível se freqüentar sem gastar dinheiro e teria, portanto, um aspecto democrático, importante para jovens com baixo poder aquisitivo.

Circulação e o espaço da rua:

A circulação para além dos limites do distrito acontece basicamente em duas situações: quando há alguma relação de parentesco (incluindo namoradas ou namorados) que vivem fora do bairro ou quando se opta por fazer passeios especiais, dos quais destacam-se participar de cursos ou passear em equipamentos como o Shopping Aricanduva, o Parque do Carmo e o SESC Itaquera. A falta de um shopping em Cidade Tiradentes foi sentida principalmente no grupo de alunos da escola estadual. Segundo eles, as roupas vendidas em Cidade Tiradentes são mais caras e mais feias do que as comercializadas fora do distrito.

Perguntados se os únicos lugares para se divertir eram fora de Cidade Tiradentes, os jovens reagiram:

“Não, aqui na Tiradentes tem vários bares. O problema é que você não pode ficar até tarde, nem ir sozinho/a”.

Há também muitos shows, mas é preciso saber escolher em quais ir. Segundo os jovens, aqueles que são organizados pelo governo sempre acabam em pancadaria. Os shows

que dão certo são os organizados pelos “manos” que mandam na região (referindo-se aos chefes do tráfico de cada bairro).

Houve uma voz, isolada, que relatou sair semanalmente da Cidade Tiradentes para freqüentar shows no centro da cidade.

Dessa forma, a circulação dos jovens de Cidade Tiradentes acontece primordialmente dentro do próprio distrito. Lá, freqüentam, além da escola e ocasionalmente cursos e locais de trabalho, também a casa de amigos, sedes de organizações sociais e o próprio espaço da rua. Este último, um espaço estigmatizado, que faz frente à gama de “situações de risco” que expõem os jovens, segundo discursos dos pais e dos próprios jovens. Se a casa, a ONG, a escola e o trabalho são vistos como espaços protegidos e que levam ao “bom caminho”, a rua é tudo aquilo de oposto nessa escala de valores.

Diz o ditado popular que “cabeça vazia é oficina do diabo”; dizem as mães que “as políticas públicas têm que tirar o jovem da rua”...

As concepções não são necessariamente complementares, porém é possível apreendermos uma grande relação entre ambas. Ao lograr que os jovens não devem permanecer nas ruas, o discurso aponta para uma rua marginalizadora, onde estão as más companhias, onde surge o convite ao crime, onde as cabeças estão vazias. A cabeça vazia, ou o ócio, dá lugar a pensamentos ruins e a atividades ilícitas.

A mesma rua, entretanto, pode ser a rua da paquera, do bate-papo com os amigos, da sociabilidade, da liberdade. Não são lugares diferentes. As ruas são as mesmas, mas os jovens não. Eles não são um grupo homogêneo, passivo frente às maldades do mundo exterior. Os jovens são sujeitos, e como tal, têm desejos, preferências, gostos, morais, valores, necessidades, projetos. Assim, vejamos o dizem os jovens sobre a rua.

A rua é tida como legítimo espaço de sociabilidade para parte dos jovens entrevistados.

“Eu gosto de ficar na rua porque fico conversando com meus camaradas...”

Ressalvam, porém, que seu uso não pode ser diário, pois isso não é bem visto pelos outros: *“Pensam que você é vagabundo”*.

Lá encontram os amigos, batem papo...também é lá que são feitos os convites para o emprego no tráfico. Meninas, assim como meninos, batem papo na rua. Entretanto, em dois grupos a discussão gerou intenso debate. De um lado, as meninas afirmando que ficam à toa

na rua, assim como os meninos. De outro, os meninos confrontando-as, dizendo que na verdade elas ficam pouco tempo, pois os pais não permitem que fiquem mais. Ficou evidente, nesse aspecto, uma dualidade entre o desejo e a necessidade da criação de uma imagem sobre elas mesmas que não podiam sustentar frente à realidade assistida por meninos.

A rua é, afinal, um dos poucos locais de sociabilidade. Nesse sentido, vale considerarmos a contribuição etnográfica da antropologia urbana, que, segundo Magnani (1984), categoriza dois tipos de espaços.

O primeiro, o espaço da casa, do lar. Lá são exercidas atividades de lazer ligadas à família fundamentalmente. O segundo é o espaço fora de casa, subdivididos na “vizinhança” e “fora da vizinhança”, sendo que o primeiro engloba locais de encontro, como bares, partidas de futebol de várzea e salões paroquiais. São locais freqüentados pelas mesmas pessoas que compartilham o uso dos mesmos equipamentos públicos, que estabelecem uma rede de relações, a trama do cotidiano. Esse território é denominado por “pedaço”:

O termo na realidade designa aquele espaço intermediário entre o privado (a casa) e o público, onde se desenvolve uma sociabilidade básica, mais ampla que a fundada nos laços familiares, porém mais densa, significativa e estável que as relações formais e individualizadas impostas pela sociedade.

(MAGNANI, 1984 p. 116).

O espaço fora do pedaço, por sua vez, é o espaço do desconhecido, do incerto, do público. O autor defende a importância do diálogo entre o pedaço e o fora do pedaço como substancial para a plenitude do direito à cidade. Defende o acesso aos equipamentos, instituições e serviços que transcendem os limites da vida cotidiana do bairro, ao passo que constata que, “no pedaço ou fora dele, há uma progressiva diminuição dos espaços destinados ao exercício do lazer da população de baixa renda”.

Por outro lado, houve jovens, especialmente no segundo grupo focal, que entendem a rua apenas como trajeto de deslocamento:

“Não há porque ficar parado na rua, a não ser que seja em praças ou lugares do tipo. Mas a rua não é lugar de fazer amigos ou permanecer sem fazer nada”

“Não tem porque ficar na rua, não tem o que fazer na rua, então ficamos em casa ou na escola”.

Ainda que apenas como trajeto, e não espaço de sociabilidade, a rua também se constitui como espaço de vulnerabilidade, especialmente se você for jovem, homem e negro.

Alguns alunos declararam já terem sido parados pela polícia quando estavam andando na rua e dois deles foram maltratados nessas ocasiões. Relatam:

“A tática é andar com caderno debaixo do braço ou com a namorada. Se não andar com caderno, você está lascado”.

Pesquisa de Rubens Adorno (2001), com estudantes dos cursos de qualificação profissional do projeto Capacitação Solidária, confirma essa realidade em outras periferias metropolitanas. O autor analisa que os jovens têm que sempre estar provando que são do “bem”, já que a visão cindida do bem e do mal continuam em voga e orientam os julgamentos em relação a eles. Assim, relata, por exemplo, o depoimento de um instrutor de curso com relação a seus alunos, em Recife:

“A realidade é discriminadora; quem mora na área é discriminado até para ter um emprego. Quando os jovens recebiam a bolsa-auxílio, morriam de medo, porque numa batida policial não poderiam aparecer como dinheiro, pois seriam suspeitos. Os coordenadores do projeto tiveram que fazer uma declaração, pois muitos chegavam machucados porque apanhavam da polícia”.

Cursos:

As atividades praticadas cotidianamente relacionam-se frequentemente à participação em cursos. Além do próprio curso de capacitação profissional²⁵, a maioria dos alunos presentes freqüenta a escola e alguns participam de outros tipos de cursos, na maioria das vezes fora de Cidade Tiradentes. Em geral, têm a agenda preenchida com esse tipo de atividade. Essa foi a realidade descrita por participantes do primeiro grupo focal, justamente aquele de jovens estudantes de um curso de qualificação profissional.

Nos outros dois grupos, entretanto, a questão dos cursos surgiu mais como uma demanda do que uma realidade. No grupo formado por estudantes de uma escola estadual, três alunos relataram participar de cursos extras. Questionados sobre o que achavam do curso, eles responderam somente cursá-lo em função da bolsa auxílio e da merenda servida. Essa é uma questão enfrentada por diversas organizações e Programas que promovem cursos de qualificação profissional. De fato, a bolsa auxílio, ainda que baixa, é aguardada com ansiedade pelos jovens. Para alguns, significa a primeira fonte de renda, com a qual se é

²⁵ Dados do MEC-INEPE, em conjunto com o DIEESE (2007), revelam que há, no Estado de São Paulo, a oferta de 17.057 cursos de qualificação social e profissional, representando 51,7% de toda a oferta do país.

possível exercer o consumo autonomamente. Comprar roupas –às vezes de marca-, CDs de cantores que admiram e outros itens escolhidos por eles próprios tem um significado especial identitário e de reforço à auto-estima. Em outras ocasiões, a bolsa compõe o rendimento familiar, ficando comprometida com as despesas domiciliares. Pesquisa realizada pelo Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Unicamp (NEPP), com egressos de cinco regiões metropolitanas do Programa Capacitação Solidária, em 2001, destaca alguns relatos sobre a bolsa auxílio:

“Entrei pelo dinheiro; hoje, faria de graça.”

“A bolsa ajudava em casa

“A bolsa foi importante, mas o que queria mesmo era aprender, crescer e mostrar o que aprendi).

Segundo pesquisa da Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, o valor da bolsa auxílio é gasto da seguinte forma entre seus alunos:

- 44,70% - ajudar em casa
- 29,20% - gastos pessoais
- 6,40% - comprar material
- 6,30%- economizar
- 5,90% - pagar estudos
- 3,90% - reformar moradia
- 3,20% - não responderam ou outros

Os jovens, ao discorrerem sobre os planos para o futuro, apontaram desejo de cursar uma faculdade. Houve aqueles que não mencionaram a faculdade, porém que já haviam determinado a profissão que seguiria. Entretanto, em raros casos as carreiras desejadas coincidiam com os tipos de cursos que estavam fazendo, no caso daqueles que freqüentam cursos de qualificação profissional. Essa não é uma realidade atípica para as organizações que promovem esse tipo de curso. Normalmente focados no desenvolvimento de múltiplas habilidades, frequentemente a área da capacitação não é o escopo principal desses programas.

Os cursos do Serviço Civil Voluntário, por exemplo, iniciativa do Ministério do Trabalho e Emprego e Ministério da Justiça, baseados no antigo Plano Nacional de

Qualificação do Trabalhador (PLANFOR), dedicam 200 horas (de um total de 600) para temas relacionados a direitos humanos, cidadania e serviços comunitários, além de 300 horas que objetivam contribuir para a elevação da escolaridade e apenas 100 horas específicas para a qualificação profissional. Essa distribuição visa a alcançar os seguintes objetivos propostos pelo Programa:

- Elevar a escolaridade dos/as jovens participantes, para que completem, pelo menos, o nível fundamental– direito constitucional do cidadão - propiciando estímulo e apoio para que prossigam estudos no nível médio e superior.

- Desenvolver nos/nas jovens valores de cidadania, participação, solidariedade, não discriminação; respeito à diversidade social e ao meio ambiente.

- Qualificar e encaminhar os/as jovens para oportunidades concretas de trabalho e geração de renda, de acordo com as características regionais, estimulando a criatividade, a iniciativa e o espírito empreendedor.

O Plano Nacional de Qualificação (PNQ), substituto do PLANFOR e gerido pelo Ministério do Trabalho e Emprego como política pública de qualificação, busca, através da universalização do direito à qualificação, contribuir para:

- I – A formação integral (intelectual, técnica, cultural e cidadã) dos/as trabalhadores/as brasileiros/as;

- II – Aumento da probabilidade de obtenção de emprego e trabalho decente e da participação em processos de geração de oportunidades de trabalho e de renda, reduzindo os níveis de desemprego e subemprego;

- III – Elevação da escolaridade dos trabalhadores/as, por meio da articulação com as Políticas Públicas de Educação, em particular com a Educação de jovens e adultos;

- IV – Inclusão social, redução da pobreza, combate à discriminação e diminuição da vulnerabilidade das populações;

- V – Aumento da probabilidade de permanência no mercado de trabalho, reduzindo os riscos de demissão e as taxas de rotatividade ou aumento da probabilidade de sobrevivência do empreendimento individual e coletivo;

- VI – Elevação da produtividade, melhoria dos serviços prestados, aumento da competitividade e das possibilidades de elevação do salário ou da renda;

VII – Efetiva contribuição para articulação e consolidação do Sistema Nacional de Formação Profissional, articulado ao Sistema Público de Emprego e ao Sistema Nacional de Educação.

A formação integral é novamente priorizada na concepção das diretrizes do programa de qualificação. Por ela podemos entender a formação intelectual, técnica, cultural e cidadã (PNQ) ou pela associação entre os conhecimentos gerais e específicos de uma habilidade e o desenvolvimento da sociabilidade, da auto-estima, da comunicação, valorizando e reforçando a importância do vínculo com a escola formal: a qualificação como espaço de inter-relação entre trabalho, educação e cidadania (PCS):

É necessário que se considere a qualificação profissional como uma formação que privilegie as habilidades polivalentes, que prepare o cidadão para situações mutantes e dinâmicas, e não a que o prenda a ocupações fixas. Uma proposta de qualificação profissional hoje deve supor um permanente exercício e crítica, de criatividade e de responsabilidade individual e coletiva, num processo de construção de uma nova pedagogia do trabalho que não se restrinja mais à transmissão de “modos de operar”. (...) Estas (competências múltiplas) devem ser desenvolvidas tanto na área cognitiva (capacidade de análise e síntese, de raciocínio lógico, de avaliação rápida e consistente de problemas, de elaboração criativa de soluções inovadoras), como nas relações pessoais (comunicação clara e direta, disponibilidade para trabalhar em grupo e contornar diferenças) e de competências no âmbito do conhecimento técnico.

(Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária, 2004)

Neste sentido, as avaliações dos cursos do Programa Capacitação Solidária (que formou até hoje aproximadamente 130 mil jovens) são positivas. A pesquisa do Núcleo de Estudos de Políticas Públicas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) revelou as seguintes características dos egressos do Programa entre 1998 e 2000:

Tabela 15 - Características dos egressos do PCS (1998 – 2000)

| dimensão profissional | |
|---|-------|
| trabalhavam antes do curso | 30% |
| trabalhavam durante o curso | 42% |
| trabalhavam logo após a conclusão do curso | 65% |
| estavam em ocupações relacionadas com o curso | 73% |
| dimensão educativa | |
| estudavam antes do curso | 84,8% |
| estudavam durante o curso | 82,8% |
| estudavam após o curso | 71% |
| têm mais gosto/vontade de estudar | 51% |
| melhoraram o rendimento escolar | 51% |
| vão buscar mais capacitação | 49% |
| vida social e familiar (visão das Organizações capacitadoras -OCs) | |
| mais auto-estima e autoconfiança | 87% |
| cidadania e responsabilidade | 79% |
| maior integração na família, bairro, grupo | 72% |
| menos agressividade | 56% |

Fontes: NEPP, 2001.

Isso significa um grande alcance nas dimensões profissional, educativa, social e familiar. Além disso, desconstrói a idéia de que as áreas de ocupação são diferentes das áreas específicas dos cursos. Neste caso, a metodologia do Programa Capacitação Solidária prevê a realização de uma vivência prática, ao fim do curso, que busca prover ao jovem uma possibilidade de vivência da prática de trabalho na área da capacitação. Para isso, são realizadas parcerias entre a organização executora e empresas e instituições locais. Muitas vezes, terminado o prazo da vivência prática, o jovem permanece na instituição, agora como empregado.

Em que pese o significado da oferta de programas de qualificação profissional aos jovens brasileiros, Zaluar (1994b) alerta para a tendência de concepção de cursos que privilegiam a carência material desse público. São cursos para os quais “qualquer coisa é melhor do que nada”, em que não há primazia pela qualidade nem pela efetiva demanda da área de capacitação, provendo a seu público uma “*cidadania limitada*”. São, dessa forma, iniciativas que têm os jovens como seres excluídos e carentes, não necessariamente jovens sujeitos de direitos.

Ao analisar os cursos do Serviço Civil Voluntário, Leão (2004, p. 301) os caracteriza como um mecanismo de gestão da pobreza juvenil:

Concebidos a partir de uma visão da juventude como etapa de transição à vida adulta –seres incompletos, ainda não plenamente desenvolvidos – e como “excluídos”, tratava-se de uma ação para os jovens, sem canais que promovessem a sua participação e organização autônoma.

Todavia, os jovens encontram nos cursos de qualificação um grande alento ao “combate à ociosidade” e à “vagabundagem”, duramente criticadas pelos pais, vizinhos e renegada por eles próprios:

“A gente tem que fazer curso para fugir do mau caminho, não ficar com a cabeça vazia”

“Fazer curso é importante para ser alguém na vida”

“Eu faço um monte de curso. O que aparecer na minha frente eu estou fazendo...”

Assim, o “ocupar o tempo” e o estabelecimento de vínculos com pessoas “do bom caminho” (membros da organização social e outros colegas que também buscam se qualificar) são fortes motivos impulsionadores para a inscrição nesses cursos. Dessa forma, nem sempre o curso freqüentado é exatamente na área que lhe interessa, porém certamente cumpre com essas outras expectativas.

A participação em cursos extra curriculares lhes confere ainda uma nova rede de sociabilidade, aprovada pelos pais e adultos em geral. Junto a ela, reforça-se a construção de uma identidade ligada a uma moratória muito específica: o investimento na preparação profissional e pessoal através de variados tipos de cursos. Essa escolha é aprovada socialmente não só por contribuir para a formação do jovem, mas também –e talvez possamos dizer, principalmente – por afastá-lo de tudo aquilo que representa um grande risco a seu futuro: o ócio, a vagabundagem e as más companhias.

Essa visão parece carregar muito do que historicamente foi concebido com relação ao lazer, ao tempo livre e ao ócio. Afinal, o trabalho fora por muito tempo grande referência para a compreensão das sociedades e, principalmente, do ócio e do lazer. Estes, em verdade, só eram reconhecidos se relacionados àquele. As primeiras teorizações que cumpriam o elogio ao lazer vêm de 1880, com Paul Lafargue (1977, P. 30) e sua publicação “Direito à preguiça”:

(...) trabalhem, trabalhem, proletários, para aumentar a fortuna social e as vossas misérias individuais, trabalhem para que, tornando-vos mais pobres, tenham mais razão para trabalhar e para serem miseráveis. Eis a lei inexorável da produção capitalista.

Nela, relata ainda a dificuldade enfrentada ao tentar convencer o proletariado de que:

o trabalho desenfreado a que se entregou desde o começo do século é o mais terrível flagelo que assola a humanidade, de que o trabalho só se tornará um condimento do prazer da preguiça, um exercício benéfico para o organismo humano, uma paixão útil ao organismo social, quando for sabiamente regulamentado e limitado a um máximo de três horas por dia.

“O Elogio ao Lazer” e “O elogio ao Ócio”, do começo do século XX, escrito por Bertrand Russel, vieram reforçar as árduas críticas ao culto ao trabalho da sociedade moderna, propondo uma diminuição organizada do mesmo, que consumiria todas as energias ativas da população, resultando em práticas excessivamente passivas de lazer.

Essas abordagens protagonizaram um embate entre trabalho e lazer, como se dois valores opostos: um só se justifica em função do outro, e o outro interfere a qualidade daquele. Assim, trabalho e lazer estiveram por muito tempo vinculados de forma rígida e estática. Alguns autores contemporâneos vêm defendendo que este não é o cenário a que assistimos hoje.

Um dos primeiros teóricos a contribuir para a desconstrução dessa idéia foi John Neulinger. Ele propõe uma abordagem psicológica do lazer, diferentemente da abordagem tradicional, que analisa o tempo dividido em partes e as atividades correspondentes como critérios de classificação do lazer. A visão subjetiva de Neulinger, por sua vez, considera o estado de espírito, cuja classificação se dá em torno de experiências e tem como critérios variáveis psicológicas, resultando em associações ao lazer e também ao não-lazer. Nesse modelo, diferentemente dos modelos tradicionais, o trabalho não é usado como variável independente, estando sempre vinculado a outras variáveis. Os dois elementos básicos para o entendimento do lazer são a liberdade (percebida ou não percebida) e a motivação (intrínseca, ou seja, determinado por motivação própria; extrínseca, ação motivada por fatores externos, como a propaganda; e a combinação entre as duas, intrínseca/extrínseca). Da combinação entre esses dois elementos, o autor chega a seis classificações do estado de espírito para o lazer:

- lazer puro (tido como o ideal, combinação da liberdade percebida e motivação intrínseca. Neste caso, as atividades de lazer foram satisfeitas num tal grau que não chegam a representar uma fuga).
- lazer trabalho (liberdade percebida e motivação extrínseca/intrínseca. Neste caso, a pessoa trabalha, porém com liberdade percebida, e a motivação pode ser tanto intrínseca como extrínseca, variando assim o nível de satisfação);

- lazer emprego (liberdade percebida e motivação extrínseca. atividade livremente assumida, com satisfação advinda não da atividade em si mas de suas conseqüências.);
- trabalho puro (liberdade não percebida e motivação intrínseca; decorrente da atividade assumida sob obrigação, portanto faltando o sentido de liberdade. Entretanto, existe a satisfação sentida);
- emprego trabalho (provém da atividade assumida sob obrigação, portanto sem a percepção da liberdade, mas provendo satisfações intrínsecas e extrínsecas);
- emprego puro (no contraponto do lazer puro, decorre da atividade assumida sob obrigação, sem liberdade sentida e sem motivação intrínseca do indivíduo).

Camargo (2002) analisa que

A implicação mais importante de uma conceituação psicológica do lazer é que não há mais necessidade de se lutar contra a ética do trabalho para estabelecer uma nova ética positiva do lazer. Uma vez que o lazer não é definido em oposição ao trabalho, também não é o oposto de um valor positivo. Não existe mais uma luta entre lazer e trabalho e sim uma coexistência. O lazer mudou de um conceito residual, algo inerte e negativo, para algo muito vivo, poderoso e certamente positivo. Tornou-se um estado da mente trazido por uma sensação de liberdade e por um sentimento de desenvoltura, ambos valores positivos na sociedade.

A grande mudança é a de que o lazer passa a ter significado por si só. Lalive D'Épinay (1992, apud MAGNANI, 2007) credita essa desvinculação entre lazer e trabalho a uma mudança de ethos, qual seja, a de que a realização pessoal não passa mais necessariamente pelo trabalho – ao menos não pelo trabalho remunerado. Dessa forma, o lazer passa a integrar as formas de realização pessoal através de práticas que podem recuperar energias, prover diversão ou ainda estimular o desenvolvimento da personalidade. Entre as juventudes de Cidade Tiradentes, porém, é explícito o conflito que compromete a vivência desse lazer como valor independente, uma vez que o afastamento do ócio da vagabundagem constituem os discursos sobre o ideal de comportamento juvenil.

3.2.2 Lazer: cultura, sociabilidade e amizade

A análise dos questionários e de algumas pesquisas (Mapa da Juventude Paulistana e Perfil da Juventude Brasileira) nos deu algumas dicas sobre como os jovens vivem o lazer e a cultura em Cidade Tiradentes. Apontou, principalmente, para uma forte

diferenciação entre o lazer de meninos e de meninas, indicando para uma desigual utilização dos espaços públicos de lazer.

A pequena presença de meninas em espaços públicos de lazer em Cidade Tiradentes, como a Praça do 65, já havia sido observada na pesquisa que antecedeu esta dissertação, realizada para minha monografia de conclusão de curso, em 2002/03. Naquela ocasião, houve dificuldade para a equipe de campo entrevistar meninas por haver poucas em espaços públicos. Por outro lado, a realização da pesquisa em escolas compensou essa dificuldade, já que o número de meninas era bastante superior. Questionados sobre os locais em que aproveitam seu tempo livre, a assertiva se confirmou, com meninas mais no espaço doméstico e meninos no espaço público. Da mesma forma, outras pesquisas revelam que essa situação repete-se em outros distritos periféricos do município de São Paulo, como a pesquisa **Juventude, Gênero e Espaço Público** (Instituto Sou da Paz, 2007), que identificou que a frequência das meninas a espaços externos é muito pequena se comparada ao tempo que passam no espaço doméstico. É lá, na casa, que ocorrem as atividades de lazer das meninas. As principais atividades relacionam-se a assistir televisão, jogar vídeo game e navegar na Internet. Fora de casa, o lazer ocorre primordialmente nas proximidades da casa (próximo ao portão de casa) ou em lugares fechados, como shoppings centers, boliche e as discotecas.

O **Mapa da Juventude Paulistana** (CEDEC, 2003), por sua vez, revela que as atividades esportivas são muito mais praticadas por meninos (65,2%) do que por meninas (25,9%), em todas as Zonas Homogêneas. As atividades praticadas por meninas relacionam-se mais a festas, passeios e atividades domésticas, bem como à participação em cursos e atividades religiosas. Todavia, comparativamente às outras zonas homogêneas, e aparte a distinção de gênero, a ZH5, da qual Cidade Tiradentes faz parte, possui percentual de jovens muito maior que realiza atividades domésticas (14,5% contra 10,5% da ZH1) e muito menor de jovens que participa de atividades culturais (5,4% contra 14,30% da ZH1).

A mesma pesquisa apontou o medo da violência urbana como fator inibidor da circulação de meninas em espaços públicos. O medo maior é de serem vítimas de violência sexual, e o medo se intensifica no período noturno, quando as ruas são pouco iluminadas, seja pela falta de manutenção do poder público ou pela depredação de alguns grupos locais, que se beneficiariam com a escuridão do ambiente.

A imagem da rua como local de insegurança e palco de atos infracionais, freqüentada por marginais e transgressores, origina, de um lado, repulsa de pais e parte de jovens preocupados não só com as possibilidades de envolvimento com a marginalidade,

como também com a má imagem dessas pessoas difundida pelo bairro. Por outro lado, é acolhida por outro grupo de jovens, sejam aqueles que de alguma forma desejam demonstrar seu caráter transgressor, como aqueles que encontram nesses lugares meios de sociabilidade, construção identitária e autonomia. No caso das meninas, entretanto, a pesquisa do Instituto Sou da Paz aponta para uma grande sujeição a processos de controle social que as impedem de exercer sua circulação pelo espaço público da mesma forma que os meninos. O controle se expressaria, principalmente, por meio da regulação, por parte dos pais, mas também das próprias jovens, do tempo que passa na rua, sendo que o maior cuidado é o de evitar a gravidez indesejada.

Outro fator que inibiria a presença de meninas nos espaços públicos refere-se à desigual distribuição de afazeres domésticos. As meninas em geral se encarregam de mais atribuições domésticas do que os homens. Nesse sentido, a pesquisa **Perfil da Juventude Brasileira (2003)**, traz informações complementares. Seus dados indicam que, além da questão de gênero, é importante também considerar o corte etário. As atividades de lazer realizadas em espaços externos à casa, por exemplo, são mais frequentes para os jovens mais velhos e para as meninas mais novas.

As discussões dos grupos focais reiteraram essas constatações, porém a dinâmica das conversas revelou um forte embate entre discursos. O conflito reside na aceitação ou não, por parte das meninas, de participarem menos das atividades de lazer realizadas em locais públicos e mais das atividades domésticas. Nesse sentido, ficou clara a insatisfação de algumas meninas (em dois grupos focais) em aceitarem essa condição. Não reclamam de serem responsáveis por atividades domésticas, mas pressionam os homens e participarem mais; relatam ficar na rua tanto quanto os meninos, enquanto eles dizem que isso é o que elas gostariam, mas que nenhuma tem permissão dos pais. Assim, apesar de não ter ficado clara uma mudança de comportamento, ficou evidente que, para alguns grupos de meninas, a resignação está perdendo lugar no atual quadro de distribuição de atividades domésticas e de fruição do tempo livre. Mesmo assim, não se deve desconsiderar que o tempo livre delas continua sendo menor do que o dos meninos.

Ainda que haja uma grande diferença no tempo passado dentro do espaço doméstico no tocante ao gênero, as discussões dos grupos focais demonstraram que tanto meninos quanto meninas passam grande parte do tempo dentro de casa:

“Eu vou pra escola, volto, durmo, almoço...”

“Eu venho pra escola de manhã, volto, almoço, durmo o dia inteiro, acordo pra assistir Malhação e depois durmo de novo.”

“Vou pra escola, volto, almoço, durmo, jogo vídeo game, assisto filme e depois durmo de novo...”

Eu leio, estudo...passo a maior parte do tempo em casa...

Atividade muito citada entre os jovens do grupo focal realizado na escola, dormir acaba ocupando um grande número de horas diárias em suas rotinas. Interessante notar que na pesquisa do Perfil da Juventude Brasileira, essa atividade não é sequer citada como uma das atividades de lazer praticadas e preferidas pelos jovens. Ela também não foi citada entre os jovens do grupo focal do curso de capacitação. Esses, pelo contrário, faziam sempre questão de relatar como suas agendas são preenchidas com atividades o dia todo.

Por outro lado, o espaço que a televisão assume em suas rotinas foi citado em todos os grupos. O tempo que passam em casa é dividido entre atividades domésticas, principalmente para meninas, dormir e assistir televisão. De fato, minha monografia de conclusão de curso havia demonstrado que assistir televisão é a atividade mais praticada por jovens entrevistados em Cidade Tiradentes e o é também em outras regiões brasileiras, conforme confirmado pelo Perfil da Juventude Brasileira. Segundo essa pesquisa, assistir à televisão (91%), ouvir rádio (89%), encontrar os amigos (82%) e ajudar em tarefas em casa (80%) são as atividades mais realizadas pelos jovens.

O encontro com pares teve grande destaque na pesquisa do **Perfil da Juventude Brasileira**. Em Cidade Tiradentes, poderíamos dizer que essa importância é ainda maior. Isso porque grande parte dos jovens moradores vive ali há muitos anos, desde a infância, criando vínculos afetivos fortes com vizinhos e amigos do prédio, da escola ou da vizinhança em geral. Questionados sobre as pessoas com quem possuem maior convivência, os amigos vieram logo após a família. São eles também os mais citados quando a pergunta foi o que mais gostam da Cidade Tiradentes:

“Aqui eu tenho muitos amigos e tem pouca violência”

“Eu gosto das amizades”.

“Eu gosto das mulheres de Cidade Tiradentes”.

“Os meus amigos, porque eu conheço eles desde que eu nasci!”

A maior parte dos participantes relatou que as principais amizades, em geral, são construídas nos cursos, na escola e, em alguns casos, no prédio. Para os alunos do curso de

capacitação profissional, as melhores amizades foram construídas no próprio curso: *“aqui existe amizade de verdade. Na escola também tem, mas é bem menos”*.

Já para o grupo de alunos da escola, as principais amizades são feitas na escola. Porém, duas vezes relataram outro tipo de experiência. São jovens que já trabalharam para o tráfico que, ao saírem, tiveram dificuldades de adaptação, sendo a perda de amizades a principal delas:

“Quando você tem dinheiro, você tem amigo pra caramba. Depois, quando você sai do tráfico, todo mundo desaparece. Ou seja, eu não tenho amigos”.

Suas ações representam algo fortemente combatido pelos discursos, tanto de mães quanto de jovens: o da marginalidade. Após perderem os “amigos de ocasião”, eles continuam a carregar a imagem de “ladrão”, “traficante” e outros, passando a tornarem-se as tão citadas “más companhias”.

Dayrell (2005, p.324) aponta a importância dos pares e das atividades de lazer na construção de identidades individuais e coletivas:

Uma série de estudos sinaliza que o grupo de pares, o lazer e a diversão aparecem como elementos constitutivos da singularidade da condição juvenil das camadas populares, sendo em torno dessas atividades que se desenvolvem preferencialmente as relações de sociabilidade e a busca de novas referências na estruturação de identidades individuais e coletivas.

Nesse contexto, vale compreendermos o significado da sociabilidade para os jovens a partir da contribuição de Georg Simmel. Para ele, a sociabilidade é um mundo artificial, composto de indivíduos que não têm outro desejo senão o de criar uma pura interação com os demais. Não se entraria, portanto, na sociabilidade, como homens completos, mas como homens despojados de fins, metas e intenções, premissa para a vivência da associação através da arte e do jogo (MARTINDALE, 1971, p. 282). Esse desejo de sociabilidade seria motivado por um “impulso de sociabilidade” (motivação intrínseca), que levaria os homens ao desejo da interação pelo simples prazer da interação. Um fenômeno de caráter lúdico e autônomo, cuja característica essencial seria o desprendimento de todos os laços com os conteúdos intencionais da vida social.

A existência dessa vivência, segundo o sociólogo alemão, seria diretamente proporcional à quantidade de pessoas envolvidas. Quanto menor o número de pessoas envolvidas, a começar pela díade, maior a possibilidade da sociabilidade ser instaurada e mantida. (COSER, 1971, p.188). Uma tendência que, todavia, não impediria que a

sociabilidade pudesse se concretizar em associações ordenadas por conteúdos intencionais específicos, como as interações existentes em coletividades advindas de associações institucionais, como entidades econômicas, religiosas, políticas.

Essa característica de desprendimento da sociabilidade remeteria, para Simmel²⁶ a vivência de um mundo simbólico para além dos encargos, conflitos, exigências e atritos característicos da vida social moderna. Um mundo artificial que teria dois aspectos primordiais: a) sua natureza democrática, na medida em que pressuporia a participação espontânea e voluntária de indivíduos, permitindo que a obtenção da satisfação advinda do impulso da sociabilidade seja compatível com a satisfação deste por parte de todos os outros; b) sua natureza igualitária, pois pressuporia uma posição de igualdade entre seus participantes, em que os elementos puramente pessoais e materiais deveriam estar ausentes na interação através da auto-regulação dos indivíduos. Destaca também a necessidade de confiança entre os pares para que essa relação aconteça.

Esses dois aspectos da sociabilidade simmeliana marcam, pois, seu caráter de “jogo social”, cuja característica distintiva seria sua capacidade de permitir que os indivíduos concretos, de forma lúdica, construíssem uma rica experiência de vida para seus participantes. De fato, um princípio fundamental, sem o qual a sociabilidade inexistiria como princípio formativo central, tornando-se, no melhor dos casos, mera superficialidade mediadora (Simmel, 2006, p.72). A sociabilidade trataria de uma vivência essencial para a formação da individualidade e, conseqüentemente, de percepção da liberdade pessoal.

A sociabilidade encontra nas ações ligadas ao campo da cultura possibilidade plena de realização, especialmente entre os jovens. Além de elemento aglutinador, as ações culturais estimulam a construção de uma identidade juvenil e representam, através de sua expressão simbólica, legítima forma de comunicação entre os jovens. O Mapa da Juventude Paulistana (CEDEC, 2003), revelou ser a arte e cultura os principais motes mobilizadores de grupos em todas as regiões da Região Metropolitana de São Paulo, conforme analisa Faria (2003):

Dos grupos pesquisados em todas as regiões, quase 40% deles trabalham com arte e cultura. Se considerarmos os grupos religiosos, de ação social, de direitos humanos, etc. que também trabalham com arte e cultura, esse número aumenta ainda mais. Os jovens descobriram que através da arte podem encontrar projetos de vida, visões de mundo, praticar sociabilidades diferentes daquelas apontadas naturalmente pela vida cotidiana.

²⁶ Simmel, op. cit, p. 70

Nesse sentido, Dayrell (2002) sugere a produção de “novos espaços, novos tempos e novas formas de sua produção e formação como atores sociais” a partir do significado do consumo e da produção cultural para jovens. Buscando compreender essa importância no processo de socialização e de constituição do sujeito jovem, especialmente no tocante ao envolvimento a práticas culturais ligadas ao funk e ao rap, identifica que essas práticas constroem referências na vivência da condição juvenil, provendo um sentido a vidas cujo contexto é desprovido do mesmo. Assim, o exercício da criatividade, a experimentação de estilos, a ampliação dos circuitos e das redes de trocas e a fruição da sociabilidade desinteressada descrevem como operam essas práticas culturais nas vidas dos jovens.

Em Cidade Tiradentes, existe uma forte tradição de produção cultural, sendo reconhecida principalmente através das posses de hip hop, como o Núcleo Cultural Força Ativa e a Aliança Negra. Em 2005, estudo do Programa Fábricas de Cultura, através de parceria com o Instituto Cultural Pombas Urbanas, localizado na Cidade Tiradentes, identificou um grande potencial de produção cultural em Cidade Tiradentes. Na presente pesquisa, a participação dos jovens em atividades culturais não se revelou tão grande quanto se esperava, porém é certamente o principal motivo para organização de grupos. Nos grupos focais, apenas dois alunos revelaram participar de grupos de rap (meninos) e uma menina demonstrou interesse em participar. Um desses jovens ensaia periodicamente com seu grupo e está atrás de patrocínio para poderem se apresentar em shows:

“Aqui é muito difícil. Se você não conhece alguém que te ajuda a conseguir shows, aí você não faz nada. Você vai ajudar a gente, né?”

Já no grupo dos questionários, o envolvimento cultural foi um pouco mais expressivo. Dos 60, 11 participam de algum movimento em grupo, sendo a maioria movimentos culturais.

A associação dos jovens em torno da produção cultural em Cidade Tiradentes normalmente revela-se informalizada e desvinculada de instituições. Resultam, normalmente, da combinação de amigos que compartilham interesse na área de música e dança primordialmente e que então criam grupos ou bandas. As apresentações normalmente ocorrem em eventos pequenos, na própria Cidade Tiradentes, ou em outros bairros próximos. Nesse sentido, ainda são poucas as iniciativas governamentais que estimulem a produção cultural interna. Uma das mais recentes e exitosas consiste na criação do Festival Canta Tiradentes,

que está em sua segunda edição e que abre espaço para artistas locais apresentarem suas produções.

Assim como são restritas as possibilidades de apresentação da produção cultural de Cidade Tiradentes, também são restritas as possibilidades de consumo de bens culturais:

“Quando tem show aqui, ao invés de trazerem artistas locais, só trazem aquelas coisas que passam nas rádios. Eu já escrevi para a Subprefeitura reclamando disso!”

3.2.3 Família: instituição em crise?

A família foi citada pelos participantes de todos os grupos como fundamental em suas vidas. Apenas uma menina relatou ter muitos problemas com os pais, sobre quem recaiu a culpa por ela ter entrado para o tráfico, aos 13 anos de idade.

Ainda que se esperasse que houvesse pouco tempo de convivência entre o jovem e a família, a realidade que se apresentou foi outra. Normalmente, a pessoa com quem o jovem passa a maior parte de seu tempo é algum membro da família. Os pais frequentemente trabalham fora, muitas vezes no centro da cidade, o que reduziria as possibilidades de grande tempo de convivência entre pais e filhos. Entretanto, as situações que foram apresentadas retrataram: 1. pai ou mãe estão desempregados ou não trabalham fora; 2. além dos pais, vivem na mesma casa irmãos, às vezes tios, primos, avós.

Conforme o Censo Demográfico do IBGE (2000), a média de ocupação domiciliar em Cidade Tiradentes é uma das mais altas do município: 3,83, ainda que este venha diminuindo (o Censo de 1991 detectara ocupação média de 4,02 moradores por domicílio). Dessa forma, mesmo que os pais trabalhem fora, há uma grande convivência dos jovens com outros membros da família. Embora estejamos considerando, nesta análise, o convívio do jovem com membros familiares que vivem em co-residência, vale a ressalva de que a família extrapola os limites residenciais. Segundo Burke (2000, p. 80), a família²⁷:

Não é apenas uma unidade residencial, mas também [...] uma unidade econômica e jurídica [...] é uma comunidade moral, no sentido de um grupo com o qual os membros se identificam e mantêm envolvimento emocional [...]. Essa multiplicidade de funções coloca problemas porque as unidades econômica, emocional, residencial e outras podem não coincidir.

²⁷ Cf. também BURKE, Peter. Sociologia e História. Edições Afrontamento. Porto, 1980.

Os relatos que retratam o forte significado assumido pela família para os jovens são reforçados por mais dados do Projeto Juventude. Questionados sobre as instituições que mais confiam, a família foi citada pela grande maioria (83%) como instituição que confiam totalmente, seguida por professores (51%), igrejas e padres católicos (30%) e outros parentes (28%). Além disso, membros da família são as principais referências aos jovens, em especial as mães, conforme a mesma pesquisa:

Tabela 16 - Pessoas que se constituem como referência a ouvir em assuntos importantes (por sexo, %)

| Pessoas a quem recorre | Total | Homens | Mulheres |
|-------------------------------|--------------|---------------|-----------------|
| Mãe | 59 | 58 | 60 |
| Pai | 15 | 19 | 11 |
| Esposa/Companheiro | 6 | 4 | 8 |
| Avó(o) | 3 | 5 | 1 |
| Amigo | 3 | 1 | 5 |
| Padre/pastor | 3 | 2 | 3 |
| Namorado (a) | 2 | 2 | 2 |
| Professor (a) | 2 | 1 | 2 |
| Tio (a) | 2 | 1 | 2 |
| Irmão (ã) | 2 | 2 | 1 |

Fonte: Perfil da Juventude Brasileira. Instituto Cidadania, 2005.

Tabela 17 - Pessoa a quem dá mais atenção ao que diz (%) – Regiões Metropolitanas

| Pessoa a quem dá mais atenção ao que diz | % |
|---|----------|
| Mãe | 63 |
| Pai | 13 |
| Professor | 2 |
| Padre ou pastor | 2 |
| Cônjuge | 5 |

Fonte: Perfil da Juventude Brasileira. Instituto Cidadania, 2005.

Abramo (2005, p. 60) considera que o resultado expressa a importância da família “como estrutura central para poder viver a vida enquanto jovem, como referência afetiva, como referência ética e comportamental e para o próprio processo de amadurecimento”. Convém ressaltar que as responsabilidades e o papel social da família mantêm-se forte tanto em países desenvolvidos como em países que não chegaram a estabelecer um Estado de Bem-Estar e um sistema de políticas sociais mais consistente, como é o caso do Brasil (Carvalho e Almeida, 2003).

No tocante à importância da figura materna, Zaluar (1994a, p. 97) nota que a família matrifocal é presente com grande significado na organização social dos trabalhadores pobres:

(nota-se uma) diminuição da importância da figura masculina em favor da expansão do papel feminino.(...) Nela a figura do pai é distante e, ao contrário da mãe, pouco íntima, sendo em alguns casos transitória e substituível, enquanto a mãe tem importância crucial no estabelecimento e reforço de suas redes de relações, na transmissão dos valores morais do grupo e, acima de tudo, na atividade que os possibilita afastar-se da fronteira que separa a miséria da pobreza, qual seja, o controle do orçamento doméstico ou a gerência financeira da casa.

Dessa forma, vale questionarmos se a família como instituição socializadora realmente está se enfraquecendo ou apenas se transformando em relação a seus arranjos e relações. Afinal, essa instituição vem notadamente passando por transformações, especialmente a partir da década de 90. A família conjugal tradicional, cuja formação compreende um casal e seus filhos não emancipados, vem perdendo espaço para outros tipos de formação.

Carvalho e Almeida (2003) apontam os seguintes fenômenos como tradutores das modificações nas famílias tradicionais: aumento da proporção de domicílios formados por "não-famílias", não apenas entre os idosos (viúvos), mas também entre adultos jovens que expressariam novo "individualismo"; a redução do tamanho das famílias; a fragilização dos laços matrimoniais, com o crescimento das separações e dos divórcios; o incremento da proporção de casais maduros sem filhos; e a multiplicação de arranjos que fogem ao padrão da típica família nuclear, sobretudo de famílias com apenas um dos pais, e em especial das chefiadas por mulheres sem cônjuge. Outros fenômenos associam-se a eles, tais como o declínio do poder patriarcal e de controles religiosos e comunitários tradicionais; mudanças nas relações de gênero; exercício mais aberto e livre da sexualidade, não necessariamente vinculada à noção de reprodução; e maior inserção da mulher no mercado de trabalho. Concluem os autores:

À primeira vista, essa nova realidade pode dar a impressão de que as famílias estão desestruturadas, ameaçadas, ou, até mesmo, em vias de extinção. Uma leitura mais cuidadosa e acurada, porém, deixa patente sua plasticidade e sua enorme capacidade de mudança e de adaptação às transformações econômicas, sociais e culturais mais amplas, bem como sua persistente relevância, notadamente como espaço de sociabilidade e socialização primárias, de solidariedade e de proteção social.

(CARVALHO; ALMEIDA, 2003)

Apoiados nessa constatação, têm sido crescentes os autores que defendem que a família seja instância prioritária na reformulação de políticas e programas sociais. Todavia, não só ela ainda não é bem conhecida dos gestores públicos como sua centralidade como fator de proteção social ainda sofre de generalizações e acepções conservadoras com relação a seus arranjos.

O papel da família como agente socializador e como referência identitária tem sido confirmado por pesquisas que abrangem diversas classes sociais. Contudo, a assertiva parece ressoar com maior intensidade nas camadas mais pobres da população. A explicação pode residir, conforme defende Elias (1994), no estreitamento de laços de parentesco naqueles locais onde o Estado não consegue atuar de forma efetiva. Segundo o autor, a família passa a substituir o Estado no papel de mediador e de protetor nos momentos necessários. Os jovens com muita frequência valorizam as histórias de vida dos pais e seus esforços na proteção de sua geração, viabilizando canais de troca no espaço doméstico.

O espaço doméstico assume, assim, forte significado nessas sociedades, em que o Brasil está incluído, desempenhando papel de regulação social e ancorando o público e suprindo muitas de suas funções. Dessa forma, conforme analisa Gonçalves (2005):

(...) o desejo de diferenciação do jovem se confronta com os anseios de regulação e controle próprios da ordem social instituída e adulta, ganhando contornos típicos numa sociedade em que a regulação se exerce a partir do doméstico. Diante da tibieza das instituições, cabe à família, e àqueles que lhe são próximos, promover em primeira instância a regulação da conduta.

Os relatos ouvidos em Cidade Tiradentes reforçam essa análise. A família está presente de forma absoluta na vida de grande parte dos jovens, seja na proteção e sustento material, como na transmissão de valores e construção identitária. As relações domésticas, neste caso, são compostas também pela rede de amizades, conforme veremos a seguir.

3.2.4 Escola: um caminho a se trilhar

Dos três grupos entrevistados, apenas um foi realizado em uma escola. Ainda assim, apenas uma das jovens, dos três grupos, não frequenta a escola. De fato, a cobertura educacional em Cidade Tiradentes é extensa, especialmente no nível fundamental, em que o número de vagas é superior à demanda. Por outro lado, a análise geral revela que o número de

vagas ainda está bastante aquém da demanda (há 81 equipamentos educacionais, que atendem a 75.520 pessoas, frente à demanda de 163.365 pessoas).

A opinião dos jovens com relação à escola não variou muito entre os três grupos. A maior parte dos que frequentam dizem não gostar, associam-na a um local repressor, com pouco diálogo, inóspito e pouco acolhedor. Relataram atitudes dos professores que humilham alunos, com pouca tolerância.

No primeiro grupo focal, compreendeu-se que o curso de capacitação promovia uma liberdade que não encontravam na escola:

“Na minha escola tem muita regra. Lá não pode nada. Ouvei dizer de uma escola onde os alunos podem até se servir” (referindo-se à refeição provida pela escola).

“Aqui no curso a gente é tratado que nem gente”.

“Se deixassem a gente usar a quadra, todos os alunos que ficam só zoando a escola iriam jogar bola e parar de fazer essas coisas” (referindo-se a ele próprio como um desses alunos).

O cuidado, com os alunos, os equipamentos escolares e com a própria instituição também foi mencionada pelos jovens:

“Aqui ta tudo caindo aos pedaços, ninguém cuida”

“Os bagunceiros não são punidos. Outro dia mesmo a escola foi pintada e hoje já está toda feia”

Esses discursos eram constantemente contrastados com o fato de um pequeno grupo desses jovens serem, eles próprios, os bagunceiros que mereceriam punição. Agiam como se estivesse testando a escola, para ver até onde podem ir e qual tipo de punição recebem:

“Aqui na escola não tem diálogo, as diretoras só gritam com a gente”

Os gritos não ecoam, somente estimulam as ações de vandalismo. Enquanto falam, reclamando da sujeira da escola, das paredes mal pintadas e das carteiras sujas, estão rabiscando as carteiras, tirando um pedaço de madeira da mesma e jogando contra outros colegas.

Além disso, não viam, na escola, alguma figura que pudesse ser referência, diferentemente do que acontece no curso de capacitação:

“Aqui (nos cursos de capacitação) nós temos liberdade. Aqui tem amizade, com os colegas, com os professores, com o coordenador da ONG...”

Os dois casos dos jovens que trabalhavam para o tráfico demonstraram a importância da figura referência. Um deles não tinha um bom relacionamento com os pais e não frequentava a escola. No curso, conheceu professores que tiveram um histórico parecido, que passaram a ser modelos de vida para eles. Mesmo assim, frequentemente demonstrou oscilar entre a tentação de voltar ao tráfico (diz que é sempre convidada a retornar, apesar de ter sofrido agressões quando decidiu se desligar).

Ainda que alvo de duras críticas, a educação é o tema mais apontado pelos jovens quando questionados, pela pesquisa do **Perfil da Juventude Brasileira**, sobre os três temas que mais lhes interessam atualmente. Com uma média de 38%, vem seguida por emprego (37%) e cultura e lazer (27%). Há de se destacar que esse interesse é acentuado entre as meninas, para quem educação é tema de interesse para 42%, seguido por emprego, com 32% (para os meninos, o tema esporte supera o interesse por educação, com 36%).

Entretanto, segundo essa pesquisa²⁸, a figura do professor como referência a alguém que se deve ouvir em assuntos importantes não é significativa, representando apenas 2% do total dos jovens entrevistados. Como já visto anteriormente, a mesma pesquisa revelou que entre pai, mãe, professor, padre e cônjuge, o professor é a quem menos os jovens dão atenção quando se trata de assuntos que interessam a eles. É de se questionar, assim, se estão sendo trazidos para sala de aula discussões que efetivamente interessam aos jovens e como está a figura do professor das escolas que frequentam. Nos grupos focais em Cidade Tiradentes, ao serem questionados sobre assuntos que gostariam de discutir na escola, as seguintes respostas foram ditas:

“Sexo!”(em coro)

“Tinha que distribuir camisinha aqui. Ninguém fala do assunto aqui”

“Eu queria discutir violência”

“Qualquer assunto, mas o professor tem que saber ensinar. Outro dia a professora de ciências trouxe um sapo e a gente abriu o sapo inteiro pra entender como é lá dentro. Foi massa. Mas nenhum professor faz isso”.

²⁸ Cf. pag. 92- Tabela 16 - Pessoas que se constituem como referência a ouvir em assuntos importantes (por sexo, %)

Nesse sentido, vale analisar os caminhos que as escolas têm tomado para se adaptar às demandas juvenis e a atrair os jovens para os estudos. Segundo Adorno (2001, p.75):

No Brasil, o que se verificou nos últimos anos é que as escolas privadas procuraram se abrir, realizando um esforço para se sintonizar com o universo cultural dos jovens e oferecer propostas e estratégias pedagógicas de envolvimento dos alunos. Já a escola pública, salvo algumas exceções, mostrou uma tendência para o fechamento, para afastar-se e censurar as formas de lazer e as modas que seduzem o mundo jovem.

Iniciativas de escolas públicas que foram na contramão apresentaram bons resultados. Os jovens entrevistados citaram, por diversas vezes, experiências em outras escolas da região em que existe uma abertura maior para o “jovem fazer o que gosta”. A abertura das quadras durante a semana e aos finais de semana foi o exemplo mais citado. Apenas no segundo grupo focal houve jovens que relataram gostar da escola e frequentá-la bastante, isso porque a quadra é aberta e eles podem, além de jogar bola, encontrar os amigos, bater papo, paquerar. Essa pode ser entendida como a potencialização da escola como espaço de encontro e sociabilidade, de produção da subjetividade, de aprendizagem de relacionamento grupal, de convívio com a diferença (DAYRELL, 1996). Fica em aberta a questão, principal, da escola como instituição de aprendizagem, de transmissão do conhecimento acumulado pela humanidade. Aparentemente esta função principal da escola não é vista/ reconhecida pelos jovens entrevistados. Esta observação pode ser relacionada com a demanda por cursos: os cursos ofereceriam conhecimentos, não as escolas. Não é possível, assim, dizer que os jovens recusam conhecimento, atividades de formação: apenas que não reconhecem a escola como um espaço que possa suprir esta demanda.

Porém, ao abrir a possibilidade de maior participação ou inclusive mais ênfase em atividades de lazer, a escola passa a dar passos para propiciar aos jovens condições para que se constituam como sujeitos em uma base de liberdade, confiança e autonomia, estes traços característicos das atividades promovidas no tempo de lazer, sempre e quando não abram mão do que lhes é característico, ou seja, o trabalho de ensinar/aprender. Estas demandas sugerem como as escolas podem se atualizar no contexto contemporâneo, trabalhando a associação entre processo educativo e outras esferas da experiência humana, como defende Sposito (2002): “sem abandonar a especificidade das práticas e dos saberes escolares, é preciso compreendê-los como parte da dinâmica da produção cultural dos grupos sociais que estão na escola, mas criam, inventam modos de vida em outros espaços e momentos da vida social”.

Para tanto, destaca a necessidade de se passar a compreender as interações cotidianas que acontecem no espaço escolar, dentro ou fora da sala de aula, e possibilitar o diálogo com outros momentos da produção cultural, para além dos muros da escola. Trata-se de compreender os jovens como sujeitos sócio-culturais, levando em conta a dimensão da “experiência vivida” (DAYRELL, 1996, p. 140), através da qual criam, eles próprios, uma cultura própria, uma maneira de significar o mundo e interagir com ele:

O desafio que está posto para o novo projeto político pedagógico que vem sendo gestado é desenvolver uma educação com e junto aos jovens, fazendo da escola um espaço de acolhimento, problematização e ampliação das questões e dilemas vivenciados nesta idade da vida. É fazer da escola um espaço de formação humana, no qual os espaços e tempos, o conhecimento e o conjunto das relações sociais que aí ocorrem sejam orientados na perspectiva do jovem, contribuindo para o desenvolvimento de suas potencialidades e habilidades, na construção de identidades positivas e no exercício de elaboração de projetos de vida.²⁹

3.2.5 Trabalho: “Quando você diz que é de Cidade Tiradentes...”

O trabalho não é realidade para a maior parte dos jovens entrevistados. Quando o é, é na forma de “bicos”, ou trabalhos pontuais, principalmente para as meninas, que às vezes fazem faxina, cuidam de crianças ou fazem a mão no salão de beleza. Para o grupo do curso de capacitação, resta pouco tempo que poderia ser dedicado a um trabalho. Nesse grupo, apenas uma pessoa relatou trabalhar, mesmo assim, apenas nos finais de semana. Retomando os dados produzidos pela análise dos questionários, temos que 15% dos jovens entrevistados trabalham, na maioria das vezes em atividades dentro da Cidade Tiradentes.

Além disso, 60% estão procurando emprego. Ainda que esse percentual seja elevado, as discussões dos grupos focais revelaram que esse pode ser mais um discurso do que propriamente uma realidade. Isso porque, quando tentava aprofundar o tema, questionando de que forma e onde têm procurado emprego, as respostas foram evasivas, sugerindo a possibilidade de esses jovens estarem mais reproduzindo um discurso correto, do que se espera deles, do que efetivamente relatando o que fazem e gostariam de fazer. Segundo Leite (2003, p. 139), ‘trabalhador’ é, no imaginário e no discurso popular - inclusive dos jovens - uma categoria chave para distinguir o verdadeiro ‘cidadão’, o que não se confunde com o ‘marginal’, o ‘vagabundo’, o ‘parasita social’”. Até aqui vimos o quanto os jovens

²⁹ Id., 2002.

estão, a todo momento, reafirmando a necessidade de não serem julgados como vagabundos e, assim, como o discurso do trabalho romperia com esse estigma.

Questionados se já haviam tido alguma experiência profissional na vida, a grande maioria respondeu positivamente, ainda que nas respostas dos questionários esse número represente apenas 46% das respostas. Alguns tiveram empregos fixos, como cobrador de ônibus, babá, atendente de telemarketing, auxiliar de escritório, assistente de cabeleireira, vendedor. Entretanto, foram todos empregos de curta duração. Pouco se mencionou sobre a dificuldade do primeiro registro. Este tem se demonstrado, entre os jovens brasileiros, um grande obstáculo no ingresso ao mercado de trabalho. Algumas possibilidades podem explicar a ausência dessa queixa. A primeira delas baseia-se na idade em que tiveram o primeiro emprego, podendo esta estar distante da que possuem os jovens entrevistados. Segundo pesquisa do **Perfil da Juventude Brasileira**, significativos 20% dos jovens entrevistados disseram ter conseguido o primeiro emprego aos 13 anos de idade, 13% aos 14 anos, 13% aos 15 anos, 15% aos 16 anos, 12% aos 17 anos e 14% aos 18 anos. 11% foram empregados com mais de 19 anos de idade. Outra possibilidade reside no fato de que, dos jovens que relataram já terem trabalhado, quase todos o fizeram na Cidade Tiradentes, através de indicação de parentes ou amigos, principalmente em empregos informais³⁰ e temporários, de forma que não houve muita dificuldade em se obter a vaga. Assim, possuem experiência profissional, mas não possuem registro em carteira de trabalho.

Todavia, a **Pesquisa de Emprego e Desemprego do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - SP** (DIEESE, 2005) revela que a presença de jovens³¹ na população economicamente ativa é significativa (aproximadamente 25,7%, em âmbito nacional). Por outro lado, também é significativa a porcentagem de jovens desempregados. Do total de desempregados, 46,4% são jovens³². O desemprego atinge com maior força as jovens mulheres. Na Região Metropolitana de São Paulo, o desemprego juvenil corresponde a 32,6%, sendo que a distribuição por gênero não é equitativa: 29,2% para homens e 36,3% para mulheres. Também atinge de forma contundente os mais pobres. Esses, além de estarem em menor número na população economicamente ativa (PEA), são o grupo que mais sofre com o desemprego, conforme revelam as tabelas a seguir:

³⁰ Segundo o Ministério do Trabalho e Emprego (RAIS 2000), a Cidade Tiradentes absorve apenas 2.274 postos formais de trabalho, em sua grande maioria (93%) através de estabelecimentos de pequeno porte (até 20 funcionários).

³¹ A PED considera idades entre 16 e 24, já que 16 anos é a idade mínima permitida para que o trabalho.

³² Segundo a PED (2004), o desemprego juvenil chega a ser quase duas vezes superior do que o verificado para o total da população de 16 anos e mais.

Tabela 18 - Taxas de participação da população com idade entre 16 e 24 anos segundo grupo de quartis do rendimento familiar mensal – Região Metropolitana de São Paulo – 2004

| Participação da população de 16 a 24 anos na PEA- RMSP | |
|--|------------|
| 1º quartil | 4º quartil |
| 68% | 79,2% |

Fonte: Convênio DIEESE Seade, MTE FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

Obs: a) Inflator utilizado:ICV-DIEESE-SP. Valores de Maio de 2005

b) Grupo 1º quartil= 25% das famílias com menor renda familiar

Grupo 4º quartil= 25% das famílias com maior renda familiar

Tabela 19 - Taxas de desemprego dos jovens com idade entre 16 e 24 anos, segundo grupo de quartis do rendimento familiar mensal – Região Metropolitana de São Paulo – 2004

| Desemprego de jovens 16 a 24 anos - RMSP | | | |
|--|------------|------------|------------|
| Grupo de famílias | | | |
| 1º quartil | 2º quartil | 3º quartil | 4º quartil |
| 58,5% | 39,3% | 28,9% | 22,1% |

Fonte: Convênio DIEESE Seade, MTE FAT e convênios regionais. PED – Pesquisa de Emprego e Desemprego

Obs: a) Inflator utilizado:ICV-DIEESE-SP. Valores de Maio de 2005

b) Grupo 1º quartil= 25% das famílias com menor renda familiar

Grupo 2º quartil= 25% das famílias com renda familiar imediatamente superior ao Grupo 1

Grupo 3º quartil= 25% das famílias com renda familiar imediatamente superior ao Grupo 2

Grupo 4º quartil= 25% das famílias com maior renda familiar

Também podemos verificar uma clara associação entre os processos de inserção no mercado de trabalho e escolaridade. Dados do PNAD (Pesquisa Nacional de Amostra de Domicílios) de 1981 e 2001 foram comparados por Camarano et al (2003), que classificaram os jovens entrevistados em quatro grupos: só estudam, estudam e trabalham, só trabalham e nem estudam nem trabalham. O resultado aponta para duas tendências: tem havido um aumento da frequência à escola e uma redução da proporção de jovens apenas ocupados³³. Isso significa que a associação entre emprego e escola tem sido cada vez maior, podendo

³³ As jovens mulheres, entre 20 e 24 anos, compreendem uma exceção. O percentual de mulheres que é só ocupada verificou um leve acréscimo, apontando para a maior participação feminina no mercado de trabalho. Também é importante destacar que a proporção de jovens mulheres que não estudam nem trabalham reduziu, apesar de ainda ser significativa (28% para a média entre 15 e 24 anos).

apontar para uma relação de dependência entre os dois processos. A tabela detalhada pode ser conferida a seguir:

Tabela 20 - Distribuição proporcional dos jovens brasileiros por ocupação e frequência à escola, segundo grupos de idade – Brasil, 1981

| | Estuda e é ocupado | | É só ocupado | | Só estuda | | Nem estuda nem é ocupado | |
|-----------------|--------------------|------|--------------|------|-----------|------|--------------------------|------|
| | 1981 | 2001 | 1981 | 2001 | 1981 | 2001 | 1981 | 2001 |
| HOMENS | | | | | | | | |
| 15-17 | 19,7 | 26,1 | 38,9 | 10,6 | 32,7 | 56,0 | 8,7 | 7,3 |
| 18-19 | 16,8 | 24,4 | 56,4 | 34,8 | 16,2 | 27,5 | 10,6 | 13,2 |
| 20-24 | 11,4 | 15,8 | 74,0 | 60,4 | 5,9 | 9,8 | 8,7 | 14,0 |
| 15-24 | 15,4 | 20,9 | 58,0 | 39,2 | 17,4 | 28,1 | 9,1 | 11,8 |
| MULHERES | | | | | | | | |
| 15-17 | 9,8 | 15,3 | 22,3 | 5,6 | 43,2 | 64,7 | 24,7 | 14,4 |
| 18-19 | 12,0 | 16,5 | 28,4 | 20,0 | 24,0 | 34,2 | 35,6 | 29,2 |
| 20-24 | 8,6 | 13,2 | 34,0 | 35,3 | 8,7 | 13,6 | 48,7 | 37,9 |
| 15-24 | 9,7 | 14,5 | 28,8 | 23,0 | 23,6 | 33,6 | 37,8 | 28,8 |

Fonte: IBGE/PNADs de 1981 e 2001

Os jovens entrevistados reclamaram muito da dificuldade para menores de 18 anos de encontrar emprego. Esse é um empecilho que, quando associado ao fato de residirem na Cidade Tiradentes, dificulta ainda mais a conquista de uma vaga de trabalho:

“Tem muita discriminação por causa da nossa idade. É difícil arranjar emprego com menos de 18 anos, por isso que menor de 18 anos vai roubar. Tem que ter alternativas para jovens de 16 anos, e até para menores de 16”.

“Quando você diz que é de Cidade Tiradentes, tudo muda...”

Se por um lado é difícil se conseguir um emprego formal com menos de 18 anos, as possibilidades de emprego no sistema que alimenta o tráfico de drogas são grandes e com bons salários. A esse tema nos dedicaremos no próximo item.

3.2.6 A bica: um lugar seguro?

Durante o planejamento dos grupos focais, um dos princípios norteadores era o de não direcionar questões que por si só reforçassem o estigma carregado pela Cidade Tiradentes de distrito violento, perigoso e pobre. Assim, não havia nenhuma questão que abordasse a questão do tráfico de drogas.

Isso posto, vale relatar que logo no primeiro grupo focal, realizado com participantes de um curso profissionalizante, essa questão emergiu na apresentação dos jovens e voltou a ser discutida em diversos outros momentos, sempre por iniciativa dos próprios jovens.

É visível como o sistema do tráfico faz parte da vida desses jovens, através de uma convivência às vezes harmoniosa, às vezes de distanciamento e algumas poucas vezes de envolvimento empregatício:

“Eu não tenho nada contra e nada a favor, não me afeta nada”

“Eu acho bom porque nós estamos sempre protegidos”

“Se você tem a cabeça boa, não tem problema nenhum”

“Tem muita tentação. Dependendo de como você é, você pode se dar mal”

No primeiro grupo, duas pessoas já haviam trabalhado para o tráfico, porém ambas já o abandonaram. Um deles ficou por pouco tempo, fazendo questão de frisar a todo momento que teve a “cabeça boa” para sair e procurar um curso de capacitação. A outra havia entrado nesse emprego aos 13 anos de idade e hoje já ocupava um cargo de gerência.

Elas contaram como entraram (foram convidados pois eram conhecidos como pessoas que não tinham nenhuma outra atividade e que “estavam à toa na vida”), como viveram durante esse tempo e como saíram. Tinham bons salários e muito prestígio entre os amigos. O dinheiro os possibilitava exercer o consumo de modo pleno, através da compra de produtos de marcas boas e caras; possibilitava, ainda, ajudar amigos e familiares; conquistar “amigos (as) e namorados (as)” ; enfim, garantir um determinado status social. Ao mesmo tempo, presenciaram cenas violentas, extorsões, mortes, chantagens. Saíram incentivados por amigos ou familiares, porém tiveram muitas dificuldades para a adaptação à nova realidade. De repente, não tinham mais amigos; um deles teve o apoio da família, a outra, pelo contrário, passou a ser rejeitada; desapareceram o status e a referência.

“Quando eu sai, perdi o chão”

“Entreí nessa vida porque a minha família não me dava apoio”

“Quanto mais dinheiro você ganha, mais você quer gastar”

“Tudo que vem fácil nessa vida vai embora fácil”

Os relatos sobre a vida durante o período em que estiveram envolvidos com o tráfico de drogas, ou a bica, como chamam, foram detalhadamente contados. Ao lado deles, o coordenador pedagógico da organização social, que os incentivava a falar e parecia ter se tornado a referência que os jovens buscaram ao abandonar seus respectivos empregos. Foi ele, junto ao diretor da organização, que convidou uma das jovens a freqüentar o curso e abandonar o tráfico. A menina, mãe de uma criança de 3 anos, reproduz o discurso da organização, porém com freqüência demonstra que sua saída não é tão certa e definitiva, já que a bolsa auxílio paga pela organização não chega a 5% do que ela recebia como gerente do tráfico. Ela oscila entre um discurso e uma tentação; uma promessa de uma nova realidade e uma antiga realidade, que apesar de recheada de aspectos negativos, já conhecia e sabia que pagava suas contas e lhe garantia um status que havia perdido. O outro jovem, mais falante e seguro quanto a sua saída do tráfico, faz questão de contar e repetir como era sua vida durante esse período. Contou sobre a dualidade de condições que o emprego lhe promovia, com um discurso repleto de auto-punição logo seguido da compensação, que viria ao conseguir, por méritos próprios, abandonar o emprego. Tanto o fato de ter participado dessa atividade quanto o de ter conseguido abandonar são contados com muito orgulho, vangloriando-se, como se contasse vantagem aos demais pares.

Os outros participantes do grupo, por sua vez, dividiram-se entre aqueles que reforçavam a idéia da força do tráfico e da necessidade de se “driblar o caminho errado” e aqueles que não pareciam ter muito contato com essa realidade e que estavam apenas procurando o caminho melhor para suas vidas. Para ambos, entretanto, o caminho a ser seguido era a busca por cursos de qualificação extra escolar. Alguns acumulam cursos, preenchem o dia todo com essa atividade; outros já pensam qual curso irão fazer quando finalizarem o presente; seja para fugir do “mau caminho” ou para “ser alguém na vida”, essa parece ser a alternativa encontrada que congrega esses diferentes perfis de jovens.

Nos outros dois grupos, porém, a conversa seguiu caminhos diferentes. No segundo grupo, esse tema foi levantado por um jovem quando quis descrever o quão segura a Cidade Tiradentes havia se tornado. Atribuindo ao tráfico a proteção que seus habitantes recebiam, o jovem mencionou o assunto de forma muito discreta, já que não possui nenhum outro tipo de contato com a atividade. No mesmo grupo, nenhum outro jovem demonstrou qualquer relação com a atividade ilegal seja ela de medo ou de atração pelos empregos que geram. Até mesmo quando questionados sobre o “ficar à toa na rua”, defendido no grupo anterior como a forma de ser convidado ao tráfico, os jovens desse grupo não pareceram se

incomodar: *“Não tem porque ficar na rua, não tem o que fazer na rua, então ficamos em casa ou na escola”*.

No último grupo, realizado em uma escola estadual, a conversa já ia acabando sem que o assunto tivesse sido levantado por qualquer das partes. Como esse tema já havia sido discutido nos dois grupos anteriores, levantei a pergunta, questionando-os sobre o que pensam sobre o tráfico e deixando-os a vontade caso desejassem relatar alguma experiência que já tenham vivido relacionada ao mesmo. Nesse momento, um certo clima de tensão foi sentido, com alguns jovens se abstendo de falar qualquer coisa, com uma nítida preocupação de que há certas coisas que não podem ser ditas. Uma das meninas presentes relatou que nasceu e cresceu em meio ao tráfico, o que lhe abriu muitas portas, pois se sente muito segura. Um outro rapaz analisou que o tráfico é o principal responsável pela situação de tranquilidade que a Cidade Tiradentes vive hoje. Mais uma vez, a palavra “segurança” foi usada para descrever o distrito. Neste grupo, assim como no anterior, não houve relatos de jovens que tenham trabalhado ou que ainda trabalhem para o tráfico. Isso certamente não significa que essa não seja uma realidade desses jovens, porém observou-se uma desconfiança muito maior nos dois últimos grupos do que no primeiro. Aquele parecia ser um grupo “protegido” pela organização social, de forma que seus alunos se sentissem mais à vontade para falar sobre uma realidade delicada, que ela já conhecia e que estava se propondo a combater. Na escola, entretanto, o assunto parecia ser tabu, e havia o medo de serem delatados e punidos pela própria instituição.

Muito interessante notar, ao longo dos discursos flagrados nos grupos focais, o sentimento de segurança exposto pelos jovens participantes. Dos três grupos realizados, apenas um ressaltou a dificuldade que tem em lidar com a ação do tráfico e da polícia, com destaque para esta última. Mesmo assim, esse sentimento foi expresso por metade dos participantes, sendo que a outra metade revelou não ter problemas quanto a essa situação.

As falas *“eu gosto daqui porque me sinto seguro”*; *“aqui é bom porque não tem violência, é tranquilo”* podem ser melhor interpretadas quando combinadas com outras:

“A Cidade Tiradentes é isolada, então se formou um povo muito unido”;

“Antes não era assim. A Cidade Tiradentes mudou muito. Antes ninguém se conhecia, era muito perigoso. Hoje não tem mais perigo”;

“O tráfico coloca ordem na Cidade Tiradentes. Antes não tinha ordem nenhuma, parecia uma guerra. Se uma pessoa mata a outra, a família da outra, querendo revidar, mata

também. Hoje não é mais assim, quem manda é o tráfico, eles que decidem quem pode matar e morrer”.

Paralelamente, vale destacar o que foi notado nos três grupos participantes das reuniões focais. Os jovens que nasceram no distrito, ou que vivem nele há pelo menos 10 anos, possuem nitidamente uma relação de maior afetividade do que os outros.

Existe uma identidade entre os moradores da Tiradentes com o distrito que revela duas situações distintas: a que congrega e a que discrimina.

A primeira é aquela construída ao longo de 24 anos, que compartilha a esperança, os projetos, as descobertas, as dificuldades, as conquistas e a discriminação. Ela é a responsável pelo sentimento de segurança e de comunidade.

A outra é aquela de quem vê de fora. Há um olhar homogeneizante e estigmatizador resultante das informações que são difundidas pela grande mídia, a maioria delas verdadeiras, porém rechaçadas com uma dose de sensacionalismo que ignora a vida comunitária, a produção cultural e a organização social, por exemplo. O estigma criado, se por um lado é duramente combatido pelos moradores, por outro penetra discretamente nos discursos dos mesmos.

3.2.7 Futuro: “Eu quero ser advogado”

Quando o assunto foi “futuro”, houve muita agitação na conversa. Existem muitos planos para o futuro na mente desses jovens. Planejam cursar uma faculdade, constituir uma família e seguir profissões tradicionais, como empresário, veterinária, músico, enfermeira, procuradora...

Todos, sem exceção, já tinham uma profissão em mente. É curioso que o tipo de curso de capacitação que freqüentam não tem nada a ver com as áreas que pretendem seguir, mesmo assim falam com empolgação de quanto o curso está sendo importante em suas vidas. Além disso, não se referem ao curso superior como uma realidade próxima, ainda que as carreiras desejadas exijam graduação e que os jovens não hesitem em declarar de pronto que elas fazem parte de seu futuro profissional.

Entre os projetos de futuro, também apareceu a questão da mudança de residência. O acolhimento a Cidade Tiradentes é normalmente maior entre aqueles que vivem a mais tempo no bairro. Para os mais recentes, a adaptação é difícil, pois sempre há a referência para comparação e, somado a isso, têm de lidar com um estigma que não fazia parte de suas vidas.

Assim, quando questionados como se viam daqui a 5 anos, os temas mais presentes, em respostas espontâneas, foram:

- sair ou continuar em Cidade Tiradentes
- estar morando com os pais ou constituir uma família
- estar ou não estudando

Essas são, segundo os jovens entrevistados, as questões que mais importam para definir seu futuro. Estudo e família são questões centrais. No mesmo patamar, aparece a possibilidade de sair ou permanecer em Cidade Tiradentes, como se isso representasse para esses jovens uma promessa de uma nova vida, que só seria conseguida vivendo em outro bairro, ou uma reafirmação identitária, sugerindo que o permanecer em Cidade Tiradentes traz consigo elementos constituintes de uma moratória social que os agrada e satisfaz.

Capítulo 4 – As juventudes em Cidade Tiradentes: compreendendo suas moratórias

Este capítulo é dedicado à análise de questões que emergiram nos debates focais e que foram selecionadas por contribuírem para a qualificação das moratórias sociais vividas pelas juventudes de Cidade Tiradentes. Neste capítulo, entendemos que a compreensão dessas juventudes passa pela desconstrução de que a moratória é apenas um período de espera e de suspensão de responsabilidades, em oposição à moratória dos jovens de classe média e alta, em que a preparação profissional dá a tônica a esse período.

“As formigas trabalham no inverno para poderem descansar no verão. A juventude é assim também. Temos que estudar agora para ser alguém amanhã”.

Essa foi a metáfora utilizada por uma jovem entrevistada ao definir o que é ser jovem. A mesma menina, porém, ao definir o que é ser jovem em Cidade Tiradentes, atentou para a necessidade de se ter muito cuidado para não se envolver com o tráfico, sem mencionar o papel da formiguinha utilizado outrora.

Cabe aqui retomarmos o conceito da moratória social, tido como:

La moratoria social alude a que, con la modernidad, grupos crecientes, pertenecientes por lo común a sectores sociales medios y altos, postergan la edad de matrimonio y de procreación y durante un período, cada vez más prolongado y tienen la oportunidad de estudiar y de avanzar en su capacitación en instituciones de enseñanza que, simultáneamente, se expanden en la sociedad. Este tiempo intermedio abarca a grupos numerosos que van articulando sus propias características culturales.

(MARGULIS; URRESTI)

O discurso da jovem retrata realidades controversas: a do investimento na formação e em capacitações; e a da moderação, do cuidado. Ambas fazem parte de realidades de jovens brasileiros, ainda que, em Cidade Tiradentes, a segunda prevaleça sobre a primeira. O gozo da juventude como moratória social não se realiza da mesma forma a todos, apresentando especificidades muito próprias, que não por isso deixam de caracterizar as

juventudes. Para resolver essa questão, Margulis e Urresti propõem um conceito complementar, denominado “moratória vital”.

A moratória vital seria extensível a todos os jovens e estaria relacionada a uma vitalidade corporal, uma potencialidade energética e uma disponibilidade para a vida resultante de um excedente ou um capital temporal. Concluem os autores: “De este modo, tendrá más probabilidades de ser joven todo aquel que posea ese como condición general (dejando de lado, por el momento, consideraciones de clase capital temporal o género)”.

Relacionado diretamente a essa moratória, estaria uma forma de estar no mundo carregada de sensação de invulnerabilidade e imortalidade, resultando em comportamentos que desafiam o perigo e o risco.

Seria a partir dessa moratória que, em um segundo momento, passariam a aparecer as diferenças sociais e culturais no modo de ser jovem, dependendo da classe e das “lutas pelo monopólio de sua definição legítima, que implica a estética com que se supõe que se haverá de revestir, os signos exteriores com os que se representará” (MARGULIS; URRESTI).

Dessa forma, os autores propõem uma articulação desses dois conceitos de moratória para dar conta do entendimento da juventude “não só como uma palavra”.

Fixando essa análise às juventudes de Cidade Tiradentes, temos que redimensionar as possibilidades da realização da moratória social. Se ela, como sugerem Margulis e Urresti, propõe um tempo livre socialmente legitimado, um estado de vida em que se postergam as demandas e em que não há cobrança da sociedade, dessa forma não se aplicaria, nesses padrões, aos jovens de Cidade Tiradentes.

Em Cidade Tiradentes, os conflitos estão sempre rondando as decisões e comportamento das juventudes. Há aqueles para quem a moratória é realmente uma espera, como uma espera para superar uma condição de vulnerabilidade reforçada por serem jovens, pobres, muitas vezes negros, mulheres e de Cidade Tiradentes:

Eu não gosto de ser jovem porque pensam que você é vagabundo. A gente parece bandido porque é negro e pobre.

Convivem com a discriminação em dimensões variadas e o julgamento os afeta de maneira importante. São jovens estigmatizados, ou, nas palavras de Goffman (1975, p. 14): “Um indivíduo que poderia ter sido facilmente recebido na relação social cotidiana possui um traço que pode se impor à atenção e afastar aqueles que ele encontra, destruindo a possibilidade de atenção para outros atributos seus”.

Segundo o autor, os estigmatizados podem responder a essas situações de diversas maneiras: através da tentativa de corrigir diretamente o que considera a base objetiva de seu “defeito” (como exemplo, cita as cirurgias plásticas para “corrigir” as deficiências físicas); através da tentativa de correção da condição de maneira indireta, dedicando grande esforço individual ao domínio de áreas de atividade consideradas fechadas (como exemplo, o aleijado que aprende a nadar, montar ou jogar tênis); através do uso de seu estigma para “ganhos secundários”, como desculpa pelo fracasso a que chegou por outras razões (destacando a possibilidade de vitimização); através da percepção das privações como benção, crendo que o sofrimento pode ensinar a ele sobre a vida e sobre as outras pessoas; e, finalmente, através da reafirmação das limitações dos normais (que não apenas por poderem ver e ouvir, por exemplo, estariam realmente vendo e ouvindo). Em Cidade Tiradentes, foi perceptível a absorção do estigma nos discursos dos próprios jovens, como se aceitassem o julgamento e se convencessem dessa suposta verdade.

Cabe aqui questionarmos: como os jovens enfrentam essa condição e que moratória constroem para seu período de juventude? Vejamos algumas respostas, trazidas por eles próprios:

4.1 “Ser alguém na vida”

Essa é a recomendação mais ouvida pelos jovens entrevistados. Alguns a reproduzem, e listam as formas empenhadas para que essa nova condição se realize, como se não fossem alguém na vida atualmente. O “ser alguém na vida”, afinal, está relacionado mais a um êxito profissional e a um alcance material do que propriamente a uma condição pessoal.

O sucesso profissional, entretanto, costumeiramente está vinculado com as características pessoais do profissional, em que se considera não somente sua qualificação, mas também suas características pessoais, como habilidades para relacionamentos interpessoais e outras de comunicação, respeito, ética etc.

Focados na qualificação profissional, esses jovens correm em busca de melhorarem sua formação profissional. Cursos de informática, inglês e espanhol são os mais citados. Mas há também aqueles que buscam cursos que preparam para uma profissão, muito embora, como aqui visto, a maioria desses cursos objetivam, complementarmente ao desenvolvimento de uma habilidade específica, a promoção do desenvolvimento pessoal e social dos jovens.

Ser alguém na vida é fazer algo a mais do que simplesmente finalizar os estudos. É planejar ter uma profissão reconhecida, tendo sido as profissões tradicionais as mais citadas pelos jovens: enfermagem, medicina, advocacia, administração e engenharia. Não são contempladas, nessa gama de profissões, atividades profissionais ligadas a arte e cultura, mesmo que os jovens participem de alguma atividade e queiram seguir carreira profissional. Na verdade, essas atividades são vistas como apenas complementares, pois não se justificam por si só como “boas profissões”.

Para aqueles que já têm em mente a profissão que desejam seguir, a faculdade seria o próximo passo. Em tese, seria. Entretanto, o que se revelou foram outras preocupações antes da faculdade:

“Depois que eu terminar o ensino médio eu vou fazer outro curso. Eu não estou preparado pra entrar em uma faculdade”

“Eu vou fazer cursos depois que me formar pra poder trabalhar junto e ganhar dinheiro. Depois eu vou ter dinheiro pra pagar a faculdade e aí largo o trabalho e os cursos”

Esses jovens criam estratégias de se manterem ocupados e aprimorarem sua qualificação antes de enfrentar um curso universitário. Mesmo para os mais velhos, que já estão no terceiro ano do ensino médio, a realidade universitária parece muito distante. É como se entre a escola e a faculdade houvesse um grande *gap* que devesse ser ocupado. Esse “buraco” pode representar a falta de recursos financeiros para pagar uma faculdade (já que a maioria não demonstrou ser a universidade pública parte de seus planos) ou a falta de amadurecimento pessoal para tanto. Vêm a faculdade como um desafio “de adulto”, como uma nova fase que exigirá maior dedicação e compromisso, chegando a indicar o começo do fim da juventude, e não o auge dela, como ocorre entre jovens das classes média e alta brasileiras. O fim do colégio e o início da faculdade não são processos subsequentes.

4.2 Uma experimentação diferenciada: liberdade, alegria e transgressão

A experimentação é característica marcante do tempo da juventude. Não apenas a experimentação do tempo livre, embora esta seja certamente a mais significativa, mas também a experimentação no campo profissional e no campo dos estudos. Frequentar “todos os cursos que aparecerem na frente”, como ouvido nos grupos focais, pode representar uma busca incessante pela qualificação desenfreada, mas também pode representar uma exploração das possibilidades de qualificação, para posterior escolha e auxílio no futuro profissional.

No âmbito do tempo livre, essa experimentação esbarra em visões polarizadas que assumem uma rígida divisão entre o tempo o produtivo e o ocioso; o legitimador e o estigmatizador; o que salva e o que marginaliza. Entretanto, antes disso, importa a existência de uma complexa rede de relações e de produção que envolve esses jovens e que contribui para sua formação identitária individual e coletiva. Importa, portanto, o reconhecimento da realização do tempo livre, através de, por exemplo, ações de lazer e sociabilidade, para o entendimento da construção de identidades juvenis. Nesse sentido, três espaços de sociabilidade destacaram-se entre os discursos: a rua, as quadras e a casa.

A rua é o espaço público por excelência, onde há o desconhecido, o incerto, o risco, a transgressão, a liberdade, as “más companhias”. É tida como a porta de entrada para a marginalidade, onde os jovens são “aliciados”. Apesar do forte estigma, é o espaço onde muitos dos jovens revelaram gostar de estar. Não só isso, como fazem questão de dizer que ficam na rua até tarde, principalmente os meninos. Há um certo orgulho em mostrar aos outros que fazem parte dessa rede de sociabilidade, que vivem situações perigosas, que recebem convites do tráfico. É lá que vivem de modo intenso sua moratória vital, aquela que provê uma potencialidade energética associada ao sentimento de imortalidade e invulnerabilidade. Mesmo entre os jovens que se dedicam a cursos de qualificação profissional, a rua foi citada como espaço legítimo de sociabilidade, o que nos leva a pensar no contraponto que a imagem da rua faz a uma moralidade predominante que valoriza as instituições, primordialmente a escola e a família. Para esses jovens, esses padrões parecem não estar dando conta do “viver a juventude”.

As quadras, ainda que mais associadas ao espaço público do que o doméstico, encaixam-se em categoria diferente daquela ocupada pela rua. Elas estão, com muita frequência, vinculadas a alguma instituição, sejam elas escolas ou clubes. Foi citada por alguns jovens como principal espaço de lazer, e por outros como grande demanda de lazer e de “contenção da transgressão”. Além de propiciarem a prática esportiva, as quadras promovem também possibilidade de sociabilidade. Apesar de serem os meninos os que mais utilizam as quadras, as meninas também as freqüentam para assistir aos jogos e encontrar os pares. Diferentemente das ruas, as quadras são reconhecidas como espaço legítimo de fruição do lazer, pois “ocupa a cabeça, distrai e afasta das más companhias”.

Ainda assim, é a casa o lugar tido como o mais seguro e é ela também onde os jovens passam a maior parte do tempo. A sociabilidade da casa é exercida com a família, denotando a grande importância que dão para a família e em especial para a figura da mãe.

Entretanto, as atividades de lazer que mais são praticadas dentro de casa são assistir televisão e dormir, minimizando intensamente as possibilidades de interação social nesses momentos.

As práticas culturais e o envolvimento em grupos juvenis também foram bastante mencionados pelos jovens entrevistados, ainda que menos do que se esperava. Em Cidade Tiradentes, as atividades culturais são em grande medida promovidas pelos próprios moradores, principalmente jovens, que se reúnem em torno de um mote, como a criação de grupos de música, dança ou teatro, por exemplo, ou de associações culturais formadas e geridas por eles próprios. As posses de Hip Hop de Cidade Tiradentes, por exemplo, são tradicionais e apresentam um grande envolvimento político.

Viver a juventude está associado, segundo esses jovens, a liberdade, alegria e um pouco de transgressão, conforme veremos adiante. A liberdade pode ser entendida por dois vieses: o primeiro, da possibilidade de experimentação, de escolhas, da conquista de autonomia; a segunda, da redução da responsabilidade, o que intensifica a própria fruição da liberdade.

A pesquisa “O perfil da juventude brasileira” reforça esse dado. Questionados sobre as melhores coisas de ser jovem, “não ter preocupações ou responsabilidades” (45%) e “aproveitar a vida e viver com alegria” (45%) foram os mais citados.

O que torna atraente a possibilidade de fruição da liberdade é justamente o fato de que as experimentações são de processos vivenciados por adultos, porém de uma forma diferenciada. O menor compromisso e responsabilidade justificam a diferenciação: sexo, trabalho, relacionamentos amorosos, participação cultural são atividades que fazem parte da vida dos jovens, mas de maneira menos rígida e mais fluída, explorando a possibilidade de experimentação que subsidiará, no futuro, as escolhas de “adulto”. Isso é possível, entre outros motivos, por uma maturidade mental e física, além da emancipação precoce em aspectos emocionais e afetivos.

Assim, a moratória social construída por esses jovens tem, segundo Abramo (2005, p. 69):

(...) menos o sentido de suspensão e espera para poder realizar melhor as coisas no futuro, quando forem adultos; e mais a noção de uma possibilidade de vivência e experimentação diferenciada (uma vivência em todas as esferas do mundo adulto, mas de maneira singular): sexualidade, estudo, trabalho e diversão, mas com menos compromissos e encargos do que quando se casa e tem filhos, com vínculos menos definitivos (como namorar sem compromissos), com mais alegria e liberdade, em função de um maior vigor e disponibilidade para a experimentação e menor número de constrangimentos.

4.3 Ser jovem na Cidade Tiradentes é ter liberdade com moderação

Embora o conceito de liberdade tenha sido mencionado repetitivamente como uma das principais características do tempo juvenil, as restrições a essa liberdade também foram igualmente mencionadas.

A questão central deste trabalho foi encaminhada aos jovens como primeira atividade do grupo focal. Ela significou, de um lado, um aquecimento para a discussão que ocorreria em seguida e, por outro, deu a palavra aos jovens para a pergunta que guia esta pesquisa. Cada jovem recebeu uma folha de papel em branco. De um lado, foi pedido que eles escrevessem o que é ser jovem, na opinião deles. Depois, no outro lado da folha, o que é ser jovem na Cidade Tiradentes. Dezesesseis pessoas responderam essa atividade. As respostas estão transcritas a seguir:

Quadro 2 – O que é ser jovem / o que é ser jovem em Cidade Tiradentes

| O que é ser jovem | O que é ser jovem na Cidade Tiradentes |
|---|--|
| Curtir a vida, sair, conhecer novas pessoas e novos horizontes. Não que não necessite de responsabilidade, mas na juventude é bem menor. | Jovem aqui não tem curtidão nem lazer. |
| Ser jovem é saber preparar o seu futuro, como diz o professor Ricardo: “As formigas, povo sem força, preparam sua comida para o inverno”. Estamos no verão (juventude) e temos que preparar o nosso inverno futuro, estudando e curtindo, para que tenhamos uma boa relação com as pessoas. | Ser jovem na Cidade Tiradentes é bom e ruim. É bom porque temos muitos amigos, e ruim porque se você não tem uma boa cabeça, se envolve em tráfico. Por isso não gosto da Cidade Tiradentes. |
| Jovem para mim é estudar e se divertir. Liberdade, não ser criticado. Ter uma oportunidade de se expressar e ser respeitado. | Na Cidade Tiradentes os jovens não tem muito recurso. |
| Ser jovem para mim é curtir a vida de maneiras diferentes e certas. | Ser jovem na Cidade Tiradentes é ser discriminado pelo que dizem daqui. |
| VIVER! Ser jovem é curtir a vida do jeito que ela é, ser feliz com a vida, com a família e os amigos. | Ser jovem na Tiradentes é arrumar uma pessoa ideal para se viver bem sem apelar pro crime. |
| É ser feliz, ter harmonia e prosperidade. | Ser competente, ter amor à natureza. |
| Liberdade | É ser livre para fazer suas escolhas, mas sem “moscar”, vacilar na frente da polícia, se não você “roda”. |
| Liberdade, diversão, rebeldia. | Não ter muitos lugares para passear, ter cabeça para arrumar amizades, pensar muito |

| | |
|---|---|
| | no futuro para não se estragar mais tarde. |
| Liberdade e paz | Preconceito |
| Buscar meus objetivos, conquistar um futuro melhor, ser alegre, ter responsabilidade, saber o que pode e o que não pode e ter Jesus no coração. | Significa sermos diferentes como pessoas |
| É muito legal, pois você tem saúde e alegria | É muito legal para quem joga bola. |
| Cultura | Mudança |
| É ter liberdade, mas tem regras e regras foram feitas para serem quebradas. | É uma pessoa interessante. Muitos criticam, mas todos querem ser igual. |
| Significa você poder fazer o que quiser, ter liberdade. | Ser jovem é liberdade. |
| Aproveitar a vida e fazer coisas que você jamais faria com a idade avançando. | Ser jovem em Cidade Tiradentes para muitos é já estar namorando e com filhos. |
| Juventude, alegria, força, felicidade, saúde. | Significar ser feliz e muito alegre. |

Dentre o total das repostas, destacam-se a “liberdade” e “curtição” como características de ser jovem. Entretanto, quando a pergunta é o que é ser jovem na Cidade Tiradentes, essas mesmas características são podadas. Liberdade e curtição devem ser fruídas “com moderação”, ou seja, com atenção, cuidado, apenas para aqueles que “têm boa cabeça” ou que encontram as pessoas certas para estarem ao seu lado. Mesmo assim, ainda é necessário atenção para lidar com a polícia, pois mesmo com a “boa cabeça, você pode rodar”. A idéia de felicidade e alegria também é forte. Ela reforça o que já fora expresso por jovens entrevistados pela pesquisa Perfil da Juventude Brasileira, segundo os quais a perda da alegria representa o fim da juventude para 14% deles. É, segundo os jovens, um momento em que se têm muitas coisas: saúde, alegria, força, futuro, liberdade, amizades, perspectivas. Um momento de construção, de promessas. Quando se analisa o quadro sobre como é ser jovem na cidade Tiradentes, as coisas ficam um pouco mais restritas. Aparentemente esse “ter muitas coisas” encontra restrições, as expectativas são moderadas, o que não se tem aparece, evidencia-se a contradição entre o que lhes é prometido e o que lhes é oferecido. O maior

acesso de jovens à rede pública de ensino, por exemplo, expõe claramente essa contradição, conforme analisa a Unesco (2004):

Por um lado permite aos jovens tomar consciência das oportunidades e possibilidades existentes na sociedade, mas por outro, muitas vezes não lhes dá condições para aproveitá-las. O resultado é uma frustração, que desanima jovens e os empurra ao abandono e à deserção escolar, especialmente aqueles provenientes dos estratos mais pobres e excluídos.

As falas reforçam a idéia da moderação através dos seguintes fatores:

- Falta de espaços de lazer – a falta de locais para lazer impede os jovens de “curtirem” o quanto gostariam. Os bares e eventos, como shows, devem ser bem escolhidos, e só se deve ir em horários apropriados e bem acompanhados.
- Apelo do tráfico – parte dos jovens relata que o apelo do tráfico é realmente muito forte, e alguns comportamentos os expõem mais a ele. Ficar sem trabalhar e estudar, por exemplo, atrai convites para o emprego no tráfico. Um código para o convite é ficar “à toa” na rua. Outra forma de ser convidado é por intermédio de amigos. Por isso, dizem, “é preciso ‘ter a cabeça boa’ para escolher as amizades”.

Nesse grupo, houve um discurso que rebateu nas falas de alguns jovens recorrentemente. Trata-se da necessidade de se fazer algo para combater o apelo do tráfico:

“Eu gostaria de fazer mais coisa pra ocupar a minha cabeça, pra não pensar em coisa ruim”

- Discriminação – ser de Cidade Tiradentes é motivo de discriminação. O distrito é associado à violência e tráfico de drogas. O peso recai com ainda mais força sobre os jovens, associados à marginalidade. Homens e negros sofrem ainda mais, conforme relata o grupo. A discriminação não é apenas externa, mas é alimentada pelos próprios moradores: *“Não podemos ficar conversando na rua que já somos tachados de vagabundos”*.

O cuidado faz parte da moderação. Ele deve ser uma constante, presente para auxiliar a “escolha das companhias” ou para não despertar desconfiança na polícia; para precaver-se de situações discriminatórias ou para auxiliar o usufruto do tempo livre. É também interessante notar que três falas refletem um sentimento de “ser diferente” ou de “ser visto como diferente”, este último representado por atitudes discriminatórias que sofrem os jovens de Cidade Tiradentes. Afinal, em que medida esses jovens são diferentes, como argumenta um entrevistado, e em que medida são tratados como diferentes?

4.4 O gênero como condicionante

Trabalhar, estudar, praticar esportes, ficar à toa na rua...se almejarmos compreender a dinâmica das juventudes de Cidade Tiradentes, é necessário especial atenção ao que a diferenciação de gênero nos apresenta.

Já vimos, até aqui, uma série de possibilidades comportamentais dos jovens de Cidade Tiradentes em variadas esferas: como lidam com o tempo livre, com o mundo do trabalho, dos estudos, da cultura, do tráfico, da violência...vimos também como lidam com o julgamento e com a visão estigmatizadora com que convivem se adentrarem em algum dos critérios que os tornariam jovens estigmatizados. Em muitas dessas análises, o gênero surgiu como critério condicionante do comportamento, em dimensões variadas, conforme analisaremos a seguir.

Em primeiro lugar, vale observarmos que tanto estudos sobre juventude quanto aqueles focalizados na discussão sobre relações de gênero carecem de dedicação à compreensão dos modos de viver a juventude de jovens meninas, especialmente no tocante a seu envolvimento com culturas ou subculturas juvenis³⁴ (WEELER, 2005, p. 108).

Para compreendermos essa dinâmica torna-se necessário observar como as relações de gênero expressam as desiguais relações de poder entre homens e mulheres resultantes da construção social de seus papéis. A partir de uma diferença biológica, são criadas imagens dos papéis de homens e mulheres, em torno das quais se desenrolam relações desiguais nos âmbitos, citados por Diaz e Cabral (1999, p.1), da sexualidade, reprodução, trabalho e esfera pública (dimensão da cidadania).

A sexualidade é vivida de formas diferentes por estar, para a mulher, mais relacionada à reprodução, e não o prazer. Os homens, por sua vez, são preparados para “viver o prazer da sexualidade através do seu corpo, já que socialmente o exercício da sexualidade no homem é sinal de masculinidade.”

No âmbito da reprodução, ainda que a capacidade de gerar um filho possa representar uma forma de poder das mulheres, ela acaba por limitar outras possibilidades em suas vidas, como por exemplo no âmbito profissional. Não é incomum as empresas selecionarem seus funcionários de acordo com o sexo ou com a idade ou pretensões reprodutivas.

³⁴ A autora denomina essa falta de estudos sobre o tema como “invisibilidade feminina nas (sub)culturas juvenis.

Vinculada a essa dimensão, é possível verificar, no âmbito da divisão sexual do trabalho, a atribuição das responsabilidades domésticas, em que se inclui o “cuidar” dos filhos, já que elas são as responsáveis pelo trabalho reprodutivo (gravidez e amamentação). A essa prática tradicionalmente se associa a diversas limitações, como a menor possibilidade de educação, de acesso à informação e à formação profissional.

Finalmente, na dimensão pública, Diaz e Cabral (1999, p. 3) destacam a inexpressividade das mulheres em altos cargos de empresas ou em posições de tomada de decisões, ainda que estejamos assistindo a uma mudança de cenário. Tidas como responsáveis pelo lar, elas são marginalizadas no espaço público, assumindo o homem o trabalho produtivo e as decisões da sociedade.

Também no espaço público se expressam desigualdades na utilização e apropriação dos espaços por homens e mulheres. No tocante aos espaços públicos de lazer, conforme pudemos verificar e auxiliados pela pesquisa do Instituto Sou da Paz (2007), há uma nítida desigualdade na ocupação do espaço público e na circulação de jovens homens e mulheres. No espaço público, eles exercem sua sociabilidade de forma intensa, muitas vezes através do envolvimento em grupos ou em outras atividades de lazer e esporte. O envolvimento em grupos, entretanto, revelou ser predominantemente realizado por meninos, reafirmando análise feita pelo Mapa da Juventude Paulistana (CEDEC, 2003), segundo o qual grupos formados exclusivamente por homens são muito superiores (500) do que aqueles formados apenas por mulheres (64). Nesse sentido, e corroborando com essa observação, o documento do Instituto Sou da Paz conclui:

“Temos observado que os grupos culturais, de esporte e de lazer, ao mesmo tempo em que possuem um enorme poder agregador e emancipatório, reproduzem as desigualdades sociais, quando não contemplam estratégias específicas para garantia da equidade.”

A reprodução da desigualdade tem início cedo, ainda antes de se tornarem jovens e explorarem suas possibilidades identitárias. Na infância, é comum se estimular os meninos brincadeiras com bola ou carrinho, ou brincadeiras cujo contexto sejam guerras. Nelas, eles aprendem a lidar com situações em que são eles quem detém o poder, enquanto as meninas brincam de casinha, “mamãe e filhinha”, “panelinha” etc.

Os meninos são expostos desde cedo a situações que alimentam ideais de “masculinidade”, a todo momento sendo colocados à prova e cobrando, também de seus

pares, o comportamento adequado para tal masculinidade, comprometendo suas escolhas, desejos e até sexualidade, que passa a se tornar um instrumento de competição.

Outros autores, como Oliveira (2002), alertam para a necessidade de se conceber a masculinidade em seu sentido múltiplo (masculinidades), já que os homens não são um todo homogêneo. Nesse sentido, Muszkat (2006, p. 32) nota uma diferenciação conforme a inserção de classes, e observa que

Nas camadas populares, os valores masculinos hegemônicos são mantidos como algo que confere aos homens vantagens outorgadas por sua condição de gênero, ao mesmo tempo em que sua condição de dominação em outras esferas sociais mais amplas são esparsas.

Oliveira (2002) reforça tal análise, avaliando a importância do valor simbólico promovido pela valorização do masculino nas camadas populares.

Assim, podem se associar a essas concepções de masculinidades, além de um exercício mais livre da sexualidade, maior exposição a situações de risco e de enfrentamento a uma ordem estabelecida. Sobre isso, Zaluar (1994) sugere o entendimento das armas como símbolos fálicos, quase como extensão do corpo masculino, um instrumento de exercício de força e poder que imprime respeito deste em relação aos pares e à vizinhança.

É possível compreender, sob essa perspectiva, a recorrente discussão, nos grupos focais, sobre o tráfico de drogas. Ele representa uma esfera desafiadora, que reafirma masculinidades, e está presente cotidianamente na vida de alguns jovens (ainda que, para grande parte deles, sua existência não tenha relevante importância). Assim, ao mesmo tempo em que o tráfico de drogas promove uma imagem de lugar “para quem é macho”, ou enaltece a virilidade daqueles que compartilham desse mundo, uma outra moralidade penetra suas vidas e seus discursos: aquela, sobre a qual já nos debruçamos com maior profundidade nesta pesquisa, que busca o “caminho do bem”, que se ancora na moral do trabalho como possibilidade de mobilidade social e dignidade.

Os jovens vivem entre os contornos dessas representações, hora de um lado, hora de outro, emoldurando discursos conforme interpretações em cada momento de vida, expressando de maneira legítima suas identidades plurais e mutantes (HALL, 2001). Nesse sentido, é discutível se o espaço ocupado pelo tráfico de drogas em Cidade Tiradentes é tão grande quanto se apresentou ou se se faz presente justamente por seu significado na esfera dos discursos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender as juventudes de Cidade Tiradentes a partir das formas como vivem essa fase em diversas esferas de sua vida. Reconhecendo a grande importância que o tempo livre assume nessas trajetórias, buscou aprofundar-se nas formas como vivenciam esse tempo e como elas se relacionam com outras esferas de suas vidas para, assim, construir moratórias sociais muito próprias de cada juventude.

Iniciou apresentando um panorama dos estudos sobre juventude, identificando que ela tem crescido acentuadamente nos últimos 10 anos, o mesmo período em que se nota também um significativo aumento do número de jovens no Brasil. Através desse panorama, é possível identificar as principais preocupações que afligiam pesquisadores em cada década estudada: na década de 80, “aspectos psicossociais de adolescentes e jovens”; na de 90, “jovens, mundo do trabalho e escola”; mais recentemente, adolescentes em processo de exclusão social e “temas emergentes”, como mídia e juventude”, “grupos juvenis” e “jovens e violência”. É recente, portanto, a compreensão das juventudes a partir de suas vivências nas esferas culturais e de lazer, enquanto outras temas ainda carecem de dedicação acadêmica, tais como as temáticas relacionadas a raça, etnia e gênero.

Esta pesquisa localiza-se na gama de estudos que buscam ampliar o conhecimento dos jovens para além da instituição escolar, propondo-se a contribuir para um melhor conhecimento de nossas juventudes em sua integralidade. Para tanto, revê o debate conceitual sobre o tema e acolhe a necessidade de tratá-lo sempre no plural, sendo as juventudes o objeto de nossa pesquisa. Refuta a idéia de que a juventude seja uma fase de exclusiva vinculação à fase adulta, propondo um entendimento dela como uma fase independente, que por si só merece ser conhecida. Assim, ela pode significar a preparação para a vida adulta, mas não apenas isso. É nessa etapa que os jovens sentem maior liberdade e possibilidade de experimentação, por já possuírem características que afirmam sua maturidade e, por outro lado, por ainda poderem abdicar de responsabilidade e compromissos. As análises são, ao longo de toda a pesquisa, reforçadas ou questionadas por outras pesquisas existentes, em âmbito nacional, municipal ou, em alguns casos, no próprio âmbito da Cidade Tiradentes. Nesse sentido, o Perfil da Juventude Brasileira indica, por exemplo, que 32% dos jovens brasileiros entrevistados consideram que a juventude termina quando atingem a maturidade e passam a assumir responsabilidade.

Introduzindo o conhecimento das juventudes de Cidade Tiradentes, o estudo ressalta a existência de uma nova condição juvenil. Ela aponta para um alongamento da juventude, à medida que a emancipação financeira, e portanto familiar, tem tendido a estender-se por mais do que os habituais 24 anos considerados pelo IBGE como faixa etária limite para enquadramento nessa categoria. Por outro lado, outros processos que tradicionalmente estiveram associados à vida adulta têm chegado mais cedo às vidas dos jovens, como a chegada do primeiro filho. Assim, as mudanças comportamentais têm pressionado uma revisão nos critérios de definição da juventude, fazendo dela uma fase que compreende jovens com ou sem filhos, que saíram das casas dos pais ou não, estudantes ou não etc. Enfim, nem idade nem processos, mas sim a associação de ambos para descrever as juventudes contemporâneas.

A nova condição juvenil também se caracteriza por uma grande autonomia individual, especialmente no uso do tempo livre e do ócio. Essa esfera assume especial importância ao propiciar aos jovens possibilidades de escolhas e de conhecimentos de suas preferências, gostos e vontades. É, em teoria, um tempo de liberdade, sendo essa uma característica exaltada pelos jovens como “uma das melhores coisas de ser jovem”. Durante esse tempo, exercem atividades de lazer, sendo o ócio uma delas. Afinal, consideramos como atividades de lazer todas aquelas que cumprem primordialmente uma das três funções: descanso, divertimento ou desenvolvimento pessoal. Atentemos ao risco de se adotar um viés extremamente utilitarista para a definição de uma prática que deve ter a liberdade como princípio. Porém, aceitamos a adoção desse conceito por ele dar conta da mais estigmatizada das atividades, o ócio, e também de outras mais aceitas socialmente, como os jogos e a participação cultural.

Essas são, em Cidade Tiradentes, atividades muito praticadas, porém cada uma com um significado social que não necessariamente garante a liberdade pressuposta. Isso porque, em Cidade Tiradentes, o lazer não parece ser prioridade das políticas públicas. Ainda que uma das principais demandas do distrito, apresenta-se através de poucos equipamentos, tornando necessário o improvisado de equipamentos não específicos de lazer. Assim, quadras de escola, casas de amigos ou parentes e ruas tornam-se espaços de fruição do lazer.

A carência de equipamentos intensifica um problema freqüentemente enfrentado pelos jovens, especialmente por aqueles que possuem um extenso tempo liberado. Trata-se de dificuldade em se vivenciar esse tempo de maneira aceita e legitimada socialmente.

O uso dos espaços revela muito de como vivem os jovens. Eles vivem a todo o momento o estigma de viverem em Cidade Tiradentes, estigma esse que vem de fora, mas que é freqüentemente acolhido e alimentado pelos próprios moradores. O estigma, segundo Goffman (1968, p. 14), destrói as possibilidades de atenção para outros atributos do estigmatizado. Assim, os comportamentos variam entre o fortalecimento desses outros atributos (“tenho que me qualificar para superar a condição de ser jovem na Cidade Tiradentes”); o desejo e a tentativa de “correção” do fator estigmatizador (mudar de Cidade Tiradentes é muito citada, mas também há outros fatores associados, como para os negros, jovens e mulheres. No caso dos jovens, a superação dessa condição pode ser uma alternativa, ainda que pouco verificada, e configurar uma moratória da espera); a sujeição a um processo de vitimização (“sou de Cidade Tiradentes, por isso não consigo emprego nem estudo”); e outros.

Assim, o uso do espaço relaciona-se à forma de enfrentamento ao estigma e a um discurso dominante, e também à tentativa ou a recusa ao cumprimento de imagens socialmente construídas. Dessa forma, ficar na rua é atividade mal vista, que se refere ao ócio, ao nada para fazer, à vagabundagem. Por outro lado, é também local de exploração da liberdade, de experimentação, de sociabilidade e de vivência de riscos. A pesquisa apontou grupos de jovens que não vêem porquê ficar na rua, não a têm como espaço de lazer ou sociabilidade; por outro lado, apontou também grupos de jovens que gostam e que frisam que despendem grande parte de seu tempo cotidiano nas ruas do bairro. O discurso da rua parece agradar certos grupos, como forma de desafiar uma moralidade e de reafirmar sua liberdade de escolha e fruição de uma sociabilidade específica nessa fase de vida. Nesse sentido, foi expressiva a briga das meninas, com os meninos, para convencê-los de que elas também ficam na rua. Ao desejarem fazer parte do mundo do público, do incerto e do risco, elas apontam para a necessidade de vivenciar a juventude em todas as suas dimensões, retirando do homem a exclusividade que o ethos da masculinidade lhes conferia.

As meninas deram sinal, em muitos momentos, de que querem reduzir as desigualdades de gênero. Se isso ainda não é realidade, tem havido ao menos uma pressão para mudança. Elas têm pressionado os homens da casa por maior participação masculina nas tarefas domésticas. Eles aceitam a cobrança, mas têm dificuldade de colocar em prática uma participação equitativa. Por outro lado, por mais que a participação masculina seja maior, a concepção das responsabilidades domésticas continua sendo atribuída às meninas. Eles podem ajudar, mas elas é que são as responsáveis.

Enquanto este é o cenário dominante, as meninas continuam tendo um tempo liberado muito inferior ao dos meninos. Durante esse tempo, ocupam espaços e desenvolvem atividades bastante diversas dos meninos, sendo desenvolvidas primordialmente nos espaços privados e institucionalizados.

A maior participação feminina na vida doméstica tem sido reproduzida por gerações. A mulher, a partir de seu papel como reprodutora, assume os cuidados pelo filho de maneira mais intensa que o homem. Como a ela também são atribuídas as tarefas domésticas, acaba por representar um papel fundamental na vida familiar, muito embora sua presença tem sido reduzida em função de uma maior participação no mercado de trabalho. Nesse contexto, os jovens relataram com expressividade a importância que a família assume em suas vidas, com atenção especial à figura da mãe (dado esse reforçado por muitas pesquisas que buscaram conhecer as juventudes brasileiras). Em Cidade Tiradentes, deve-se notar que a ocupação por domicílio tem uma média bastante superior a de outros distritos e à média paulistana, denotando uma grande convivência entre jovens e outros familiares. A instituição familiar não parece estar em crise, mas deve-se considerar os novos arranjos que a constituem na contemporaneidade.

Apesar de refutarmos a idéia de crise da família, aceitamos que ela não exerce hegemonia sobre a constituição do sujeito juvenil. Nesse sentido, o estudo mostrou como o envolvimento de jovens com ações culturais e de lazer desempenham papel fundamental nesse processo, e como Cidade Tiradentes, apesar de ser um distrito com intensa produção cultural, ainda não propicia condições para a realização de uma plena cidadania cultural.

As escolas, por sua vez, ainda não conseguiram se adaptar às demandas para grande parte dos jovens. Elas não estão falando a língua das juventudes, cerceando a participação e a expressão de grupos que só a frequentam “por causa do lanche” ou “por causa dos amigos”, ainda que o alcance da escola seja bastante extenso em termos quantitativos na Cidade Tiradentes. Os assuntos que os alunos desejam discutir passam longe do conteúdo programático escolar, sendo esses assuntos que “transgridem”, que devem ser tratados em qualquer outro lugar, menos na escola. Afinal, sexo, camisinha e violência devem ser assuntos, aos olhos dessas escolas, que não fazem parte de uma educação escolar, como se não fizessem parte da vida de seus alunos.

Por outro lado, o diploma escolar é requisito mínimo para a consecução de tantos sonhos narrados pelos jovens. Seguir uma profissão, normalmente profissões tradicionais,

como medicina, enfermagem, advocacia e engenharia, faz parte dos projetos de vida de muitos deles. Apesar disso, e embora já estejam próximos a finalizar o ensino médio, a entrada em uma universidade não é plano para um futuro próximo para a maioria deles. A faculdade está, no imaginário desses jovens, mais vinculada ao mundo adulto do que o juvenil. Por hora, e mesmo após a finalização do ensino médio, os planos mais ouvidos relacionam-se à participação em cursos extracurriculares e em cursos de qualificação profissional. Verificou-se uma incessante busca por aprimoramento da qualificação e discursos que reforçavam a importância desse aprimoramento para os jovens de Cidade Tiradentes de forma especial.

Assim como as juventudes não são homogêneas, as moratórias vividas por cada uma são muito particulares. Podemos apreender, a partir da pesquisa realizada, que existem componentes que perpassam todas elas, porém de maneiras e em intensidades variadas. Nesse sentido, observamos que a forma como reagem a discursos estigmatizadores e àqueles moralizadores presta fundamental importância no desenho dessas moratórias.

A liberdade e a alegria fazem parte das moratórias através da experimentação e da fluidez que incorporam em suas ações. Elas são postas em prática em diferentes esferas das vidas. Para alguns, a experimentação de “o máximo de cursos possível”, para outros, ela se realiza no âmbito da sexualidade, do trabalho ou das amizades. Em outros grupos, a transgressão é componente importante na construção da moratória. É frequentemente representada pelos desafios, que estimulam a adrenalina e possibilitam a vivência de situações “no limite”, ou de situações que fazem uso da potencialidade energética, representada através da moratória vital própria dos jovens. Nesse sentido, vimos que os jovens meninos, estimulados pela afirmação da masculinidade, estão mais propensos a envolver-se em atividades transgressoras, mas as meninas estão cada vez mais demonstrando interesse nessa participação.

Ainda que componente quase que “universal” às possibilidades de moratória, a liberdade em Cidade Tiradentes tem uma característica que a diferencia daquela vivida por muitos jovens do país. Lá, a liberdade é moderada, não é tão livre assim. Assim, as experimentações também pedem precauções, e exige-se do jovem uma capacidade de discernimento para “não cair no mau caminho”.

Diante de todas essas possibilidades e restrições, viver a juventude em Cidade Tiradentes é um exercício de lidar a todo momento com decisões, escolhas e julgamentos. Daí

concluimos que existem mais do que dois grandes grupos separados entre os que desejam ficar e os que desejam sair da Cidade Tiradentes. Existem jovens que constroem moratórias em torno das condições dadas, seja buscando qualificação, envolvendo-se em movimentos sociais para reivindicação de direitos e melhora do local, vivendo de forma intensa sua sociabilidade e vinculando-se progressivamente ao território. Existem também jovens cuja moratória consiste na espera da superação da condição juvenil, para quem o ficar na Cidade Tiradentes é apenas parte do cenário; e também aqueles para quem a superação do estigma e de tudo que o acompanha reside na mudança de local, onde possa ter mais oportunidades de estudo, trabalho e lazer e onde possa viver a juventude com liberdade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABAD, Miguel. Crise política às políticas de juventude. In: FREITAS, Maria Virginia e PAPA, Fernanda de Carvalho (orgs). **Políticas Públicas**. Juventude em Pauta. São Paulo: Cortez Editora / Ação Educativa / Friedrich Ebert Stiftung, 2003.
- ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis**: punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Página Aberta/ANPOCS, 1994.
- _____. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, n.5/6, 1997. Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), 1997.
- _____. Condição Juvenil no Brasil Contemporâneo. In: **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, 448 pp., 2005.
- ABRAMOVAY, Miriam e CASTRO, Mary Gacia. “**Por um novo paradigma do fazer políticas** – Políticas de, para, com juventudes”. Brasília: UNESCO, 2003.
- ADORNO, Rubens de C. F. **Capacitação Solidária**: um olhar sobre os jovens e sua vulnerabilidade social. São Paulo: AAPCS, 2001.
- ANTICO, Claudia. **Onde morar e onde trabalhar**: espaço e deslocamentos pendulares na Região Metropolitana de São Paulo. 2003. Tese (doutorado). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas. UNICAMP. Campinas, 2003.
- ASSOCIAÇÃO de Apoio ao Programa Capacitação Solidária. **Metodologia de monitoramento e avaliação de projetos de cursos de qualificação social e profissional voltados a jovens**. Disponível em <<http://www.pcs.org.br/cdpnq/html/aapcs.htm> > Acesso em 15/04/2006.
- BARBOSA, Maria Ligia de Oliveira, OLIVEIRA, Márcia Gardênia Monteiro de, QUINTANEIRO, Tânia. **Um Toque de Clássicos** - Marx, Durkheim e Weber. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1995.
- BARROS, Nilza Ferrari & LAURENTI, Carolina. Identidade: Questões conceituais e Contextuais. **Revista de Psicologia**, Londrina, v.2, n.1.2000. Universidade Estadual de Londrina.
- BAUMAN, Zigmunt. **Identidade**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- BICUDO, Maria Aparecida Viggiani & ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (orgs). **Pesquisa Qualitativa em Educação**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994.
- BOTTOMORE, Thomas. **Introdução à sociologia**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.
- BOURDIEU, Pierre. **Questões de Sociologia**. Rio de Janeiro: Editora Marco Zero, 1983

- BRENNER, Ana Karina, DAYRELL, Juarez & CARRANO, Paulo – Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In: **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo, Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, 448 pp., 2005.
- BURKE, Peter. **História e teoria social**. Tradução Klaus Brandini Gehardt; Roneide Venâncio Majer. São Paulo: Unesp, 2000
- CAMARANO, Ana Amélia ET AL. **A transição para a vida adulta: novo ou velhos desafios: Mercado de Trabalho. Conjuntura e Análise**, n.21. Brasília, 2003. IPEA. Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br/pub/bcmt/mt021.html>> Acessado em 7/01/2008.
- CAMARGO, Luiz O. Lima. **O que é lazer?** Coleção: Primeiros Passos (172). São Paulo: Brasiliense, 1986.
- _____. **Uma Política de Lazer**. Trabalho apresentado no V Congresso Mundial de Lazer. São Paulo: SESC, 1998.
- CARDOSO, Ruth; SAMPAIO, Helena (orgs). **Bibliografia sobre a juventude**. São Paulo: EDUSP, 1995.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues . Comunicação juvenil e lazer: notas de pesquisa sobre redes de sociabilidade na cidade de Angra dos Reis. In: **I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação**, 1998, São Paulo. Anais do I Congresso Internacional sobre Comunicação e Educação. São Paulo : Revista de Ciência e Tecnologia. Centro de Pesquisa e Tecnologia (CPTec) do Centro Univ. Sales. SP, 1998.
- _____. e SCHEINVAR, Estela. Aproximações aos jovens do Brasil – Um olhar panorâmico. In: **Revista de Estudos sobre Juventude**, ano 9, num. 22. Delegación Cuauhtémoc, 2005.
- CARVALHO, Inaiá Maria Moreira e ALMEIDA, Paulo Henrique de. Família e Proteção Social. In: **São Paulo em Perspectiva**. Volume 17, nº 2. São Paulo, 2003.
- CASTELLANI, L. F. Lazer e qualidade de vida. In: MARCELLINO, Nelson C. (Org.). **Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras**. Campinas, SP: Autores Associados, 1996, pp. 7-23.
- COHEN, Albert. **Transgressão e Controle**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1968.
- COSER, Lewis. **Masters of sociological thought: ideas in historical and social context**. New York : Harcourt Brace Jovanovich, 1971.
- COSTA, Rogério da. Sociedade de Controle. **São Paulo em Perspectiva**, Volume 18 , nº1. São Paulo, 2004.
- DA MATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997

- DAYRELL, Juarez. **Múltiplos Olhares sobre educação e cultura**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.
- _____. Juventude, grupos culturais e sociabilidade. In: **Revista de Estudos sobre Juventude**, ano 9, num. 22. Delegación Cuauhtémoc, 2005.
- _____. O Projeto político pedagógico da escola e os desafios da educação da juventude. In: **Congresso Nacional de Reorientação Curricular**, 2., 2002, Blumenau. Anais do Congresso Nacional de Reorientação Curricular, 2., 2002, Blumenau.
- _____. **A música entra em cena**. O rap e o funk na socialização da juventude. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- DEBERT, Guita Grin. **A reinvenção da velhice**: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento. São Paulo: Edusp, 1999.
- DIAZ, Margarita e CABRAL, Francisco. Relações de gênero. **Cadernos afetividade e sexualidade na educação: um novo olhar**. Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte; Fundação Odebrecht. Belo Horizonte, 1999.
- DOMINGUES, José Mauricio. **Sociologia e modernidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.
- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. 3ª ed. Série: Debates Ciências Sociais. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.
- ERIKSON, Erik H. **Identidade – Juventude e Crise**. Rio de Janeiro: Zahar Edições, 1976.
- EXPEDIÇÃO **São Paulo 450 anos**. Secretaria Municipal da Cultura. Instituto Florestan Fernandes. São Paulo, 2004. CD ROM.
- FARIA, Hamilton. Juventude e Cultura. In **Encontro Estadual de Políticas Públicas de Juventude**. Associação de Apoio ao Programa Capacitação Solidária. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- FERNANDES, Florestan (org). **Comunidade e Sociedade no Brasil**. Leituras básicas de introdução ao estudo macro-sociológico do Brasil. Companhia Editora Nacional – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1972.
- FERNANDEZ, Adrian J. P. **Democratização do ar como exercício de cidadania** (Estudo de caso das rádios comunitárias, Esperança 101,3 FM e Companhia 93,3 FM, na sua relação com os movimentos sociais de São Mateus e Cidade Tiradentes, na zona leste de São Paulo). Tese (Doutorado). Escola de Comunicações e Artes -USP. São Paulo, 1999.
- FERREIRA, Genovan. **A praça, a rua...a tv de rua**: usos do espaço, permanências do lugar. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas -USP. Departamento de Geografia. São Paulo, 1999.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

- FRANCH, Monica. Nada para fazer? Um estudo sobre atividades no tempo livre entre jovens de periferia no Recife. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.2, jul./dez. Recife, 2002
- GEBARA, Ademir. Norbert Elias e a Teoria do Processo Civilizador – Contribuição para a análise e a pesquisa no campo do lazer. In: BRUHNS, Heloisa (org). **Temas sobre Lazer**. Campinas: Autores Associados, 2000.
- GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar ed., 2002
- GIL, Antonio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4ª. ed. São Paulo: Atica, 1994.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma**. Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1975.
- GOHN, Maria da G. **Movimentos sociais e luta pela moradia**. São Paulo: Loyola, 1991.
- GOLDANI, Ana Maria. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.1, jan./jun. 2002.
- GONZAGA, Amarildo Menezes. A pesquisa em educação: um desenho metodológico centrado na abordagem qualitativa. In: **Pesquisa em Educação: Alternativas investigativas com objetos complexos**. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- GONÇALVES, Hebe Signorini. Juventude brasileira, entre a tradição e a modernidade. **Tempo Social**. Revista de Sociologia da USP. vol.17 nº 2, Nov 2005. São Paulo, 2005.
- GORE, Jennifer. Michel Foucault e educação: fascinantes desafios. In: SILVA, Tomaz T. (Org.). **O sujeito da educação: estudos foucaultianos**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GUIMARÃES, Eloísa. Juventude (s) e periferias urbanas. **Revista Brasileira de Educação**. mai./jun./ago./set./out./nov./dez., no. 6, São Paulo: ANPED, 1997, p. 199-208.
- HACK, Cássia. **Lazer e mídia em culturas juvenis: uma abordagem da vida cotidiana**. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2005
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva; Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- HIRAO, Silvia Eri. **Práticas de lazer dos jovens em Cidade Tiradentes: identificação das carências e potencialidades**. TCC. Escola de Comunicações e Artes – USP. São Paulo, 2003.
- INFOCENTROS. **Portal Acesso SP**. Disponível em <<http://www.saopaulo.sp.gov.br/acoes/acessasp.htm>> Acesso em 31/10/2007.
- KOHAN, Walter Omar. Infância. **Entre educação e filosofia**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003

- KOWARICK, Lucio. **Escritos Urbanos**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- _____. **A espoliação urbana**. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1993.
- JACQUES, Maria da Graça Côrrea. Identidade. In: _____ et al. **Psicologia social contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 159-167.
- LAFARGUE, Paul. **O direito à preguiça e outros textos**. Biblioteca do socialismo científico. Lisboa: Editorial Estampa, 1977.
- LEFEBVRE, Henri. **A revolução Urbana**. Tradução Sergio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- LEÃO, Geraldo Magela Pereira. **Pedagogia da cidadania tutelada: lapidar corpos e mentes**. Tese (Doutorado). Faculdade de Educação – Universidade de São Paulo. São Paulo, 2004.
- LEITE, Elenice. Políticas e Estratégias de Formação e Inserção Laboral dos Jovens. **Encontro Estadual de Políticas Públicas – Programa Capacitação Solidária**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2003.
- LEMOS, Carmem Lia Nobre. **Práticas de lazer em São Paulo – Atividades gratuitas no Sesc Pompéia e Belenzinho**. São Paulo: PUC-SP, 2005.
- _____. MADEIRA, Felícia Reicher. In: **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006.
- MAGNANI, José G. C. **Festa no pedaço: cultura popular e lazer na cidade**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- _____. Trajetos e trajetórias: uma perspectiva da antropologia urbana. In: **Revista Sexta Feira – Periferia**. São Paulo: Editora 34, 2006. 264p.
- _____. **O lazer na cidade**. Disponível em <<http://www.n-a-u.org/Magnanilazer.html>> Acesso em 10/10/2007.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. O entendimento do lazer. In: _____. (Org). **Políticas públicas setoriais de lazer: o papel das prefeituras**. Coleção: Educação Física e Esportes. Campinas, SP: Autores Associados, 1996, p. 1-6.
- _____. **Lazer e educação**. 9ª ed. São Paulo: PAPIRUS, 2002.
- _____. **Lazer e humanização**. Campinas: PAPIRUS, 1983.
- MARGULIS, Mario; URRESTI, Marcelo. **La juventud es más que una palabra**. Disponível em: <<http://www.colombiajoven.gov.co/injuve/instit/clacso/index.htm>> Acessado em 14/12/2007.
- _____. **La construcción social de la condición de juventud**. Disponível em: <<http://www.colombiajoven.gov.co/injuve/instit/clacso/index.htm>> Acessado em 04/12/2007.

- MARICATO, Ermínia. **Brasil, cidades**: alternativas para a crise urbana. Petrópolis: Vozes, 2001.
- MARQUES, Maria O. da S. Escola noturna e jovens. **Revista Brasileira de Educação**, mai./jun./ago./set./out./nov./dez., no. 6, São Paulo: ANPED, 1997, p. 63-75.
- MARQUES, Eduardo. Elementos e conceituais da segregação, da pobreza urbana e da ação do Estado. In: _____ e TORRES, Haroldo (orgs). **São Paulo**: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais. São Paulo. Editora Senac, 2005.
- MARQUES, Eduardo. Espaço e grupos sociais na virada do século XXI. In: _____ e TORRES, Haroldo (orgs). **São Paulo**: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais. São Paulo. Editora Senac, 2005.
- MARTINDALE, Don Albert. **La teoria sociológica**: naturaleza y escuelas. Biblioteca de Ciências Sociales. Madri: Aguilar, 1971.
- MARTUCCELLI, Danilo. **Gramáticas do Indivíduo**. Cap. IV, 2002. Paris: Gallimard, 2003.
- MELUCCI, Alberto. Juventude, tempo e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Educação**, set./out./nov./dez., no. 6, São Paulo: ANPED, 1997, p. 15-25.
- MISCHE, Ann. De estudante a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, mai./jun./ago./set./out./nov./dez., no. 6, São Paulo: ANPED, 1997, pp. 134-150.
- MONTEIRO, Roberto Alves. Pesquisa Qualitativa em Educação: Alguns Desafios da Abordagem Qualitativa. IN: MONTEIRO, Roberto Alves (org). **Pesquisa Qualitativa em Educação- Fazendo e Aprendendo**. Juiz de Fora: Edições Feme, 1998.
- MORAIS FILHO, Evaristo (org). **Georg Simmel**: Sociologia. Coleção Grandes Cientistas Sociais: 34. São Paulo: Ática, 1983.
- MUSZKAT, Susana. **Violência e masculinidade**: uma contribuição psicanalítica aos estudos das relações de gênero. Dissertação (mestrado). Instituto de Psicologia – USP. São Paulo, 2006.
- NAKANO, Anderson Kazuo. **Quatro COHABs da zona leste de São Paulo** : território, poder e segregação. Dissertação (mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP. São Paulo, 2002.
- NASCIMENTO, Rômulo Pereira. **Relações sociais em Cidade Tiradentes** : um estudo preliminar das relações entre educação e moradia. Dissertação (mestrado). Faculdade de Educação. USP. São Paulo, 1998.
- NASSER, Ana C. A. **Sair para o mundo**: trabalho, família e lazer na vida de excluídos. Coleção Ciências Sociais 45. São Paulo: HUCITEC/FAPESP, 2001.
- NOVAES, Regina. Fé e Cidadania. **Revista do Terceiro Setor**. Ano 2, número 109, 2000. Disponível em: http://www.rits.org.br/rets/re_exclusivo_02.cfm

- NÚCLEO DE ESTUDOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS – UNICAMP . **Avaliação de impacto do Programa Capacitação Solidária (PCS) sobre os egressos de cinco regiões metropolitanas**. Campinas: NEPP, 2001.
- OLIVEIRA, Marta Kohl. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento – um aprendizado sócio-histórico**. Série Pensamento e Ação no Magistério. São Paulo: Editora Scipione, 1995.
- OLIVEIRA, Pedro Paulo Martins de. **A construção social da masculinidade**. Tese (doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – USP. São Paulo, 2002.
- ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas. Recomendação do grupo de trabalho participante do World Youth Forum of the United Nations System. Disponível em <<http://www.un.org/esa/socdev/unyin/forum/>> Dakar, 2001. Acesso em 02/03/2003.
- ORTIZ, Renato. **A moderna Tradição Brasileira – Cultura Brasileira e Indústria Cultural**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.
- PAIS, Machado & BLASS, Leila Maria da Silva. **Tribos Urbanas: Produção Artística e Identidades**. São Paulo: Annablume, 2004.
- _____. Jovens e Cidadania. In: **Sociologia, problemas e práticas**. Número 49, 2005, p 53-70. Simpósio Internacional sobre a juventude. UFRJ, Rio de Janeiro, 2004.
- _____. **Culturas Juvenis**. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1993.
- PIRES, Eliane Nogueira. **Juventude, Lazer e Sociabilidade- Trajetos e Percursos na Noite**. Tese (doutorado). Pontifícia Universidade Católica (PUC-SP). São Paulo, 2004.
- REQUIXA, Renato. **Sugestão de diretrizes para uma política nacional de lazer**. Série Lazer 2. São Paulo: SESC, 1980.
- RIZZO, Rosângela Gonçalves Martins. **Estratégia administrativa para atendimento oftalmológico do paciente usuário do Sistema Único de Saúde (SUS) nos bairros: Guaianases, São Mateus, Itaquera, Cidade Líder e Cidade Tiradentes**. Dissertação (mestrado). Escola Paulista de Medicina – UNIFESP. São Paulo, 2004.
- ROCKENBACH, Denise. **Resgate da identidade: registrando um projeto e investigando a relação identidade - espaço**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas – Departamento de Geografia. USP. São Paulo, 1999.
- RODRIGUES, Arlete. Moyses. **Na procura do lugar, o encontro da identidade: um estudo do processo de ocupação coletiva de terra para moradia em Osasco**. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Geografia -USP. São Paulo, 1988.
- RODRIGUES, Solange dos Santos. **Como a juventude brasileira se relaciona com a religião**. Observatório Jovem, 2007. Disponível em <http://www.uff.br/obsjovem/mambo/index.php?option=com_content&task=view&id=287&Itemid=23> Acesso em 16/12/2007.

- RODRIGUES, Vera Maria Lion Pereira. **Quando jovens se tornam agentes de direitos humanos** - uma experiência de formação política IBEAC - Cidade Tiradentes. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Serviço Social – PUC-SP. São Paulo, 2001.
- ROLNIK, Raquel. O lazer humaniza o espaço urbano. In: **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC/WLRA, 2000, pp. 179- 184.
- RUSSEL, Bertrand. **O elogio ao ócio**. Trad. Pedro J. Jr. Rio de Janeiro: Sextante, 2002.
- RYBCZYNSKI, Witold. **Casa: Pequena história de uma idéia**. Tradução Betina Von Staa. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo. 2004.
- SANTOS, Adriana Ferreira do. **O processo de periferização das grandes cidades** : desvendando e reconstruindo a história habitacional da Cidade Tiradentes. TCC. Faculdade de Serviço Social- UNIFMU. São Paulo, 2002.
- SANTOS, Milton. Tempo livre será a oportunidade do século. **O Estado de São Paulo**, São Paulo. 1 de janeiro de 2000, p. 28.
- _____. Um dos intelectuais brasileiros mais respeitados em todo o mundo fala sobre a importância do tempo livre. In **Institutos internacionais de cultura**. Publicação do SESC-SP. Volume 5, n. 1. p. 6-9. São Paulo, 1998.
- _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.
- SETTON, Maria da Graça. Família, escola e mídia, um campo com novas configurações. Educação e Pesquisa. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, volume 28, n.1, jan,jun, 2002.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia de Trabalho Científico**. São Paulo: Editora Cortez, 2004.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In VELHO, Otávio Guilherme (org). **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- _____. Questões fundamentais de sociologia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.
- SLOMIANSKY, Adriana Paula. **Cidade Tiradentes: a abordagem do poder público na construção da cidade; conjuntos habitacionais de interesse social da COHAB-SP (1965/1999)**. Tese (doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo – USP. São Paulo, 2003.
- SPOSATI, Aldaíza. **Cidade em pedaços**. Org.: José R. de Toledo. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- SPOSITO, Marília Pontes. A Sociabilidade juvenil e a rua: novos conflitos e ação coletiva na cidade. In: **Tempo Social** – Revista de Sociologia da USP, vol. 5, n. 1-2, p. 161-178, São Paulo, 1993

- _____. Considerações em torno do conhecimento sobre juventude na área da educação. In: **Juventude e Escolarização**. Brasília: Ação Educativa, 2000.
- _____. A constituição do sujeito na experiência social contemporânea e os desafios para a cultura escolar. In: **Congresso Nacional de Reorientação Curricular**, 2000, Blumenau. Anais do II Congresso Nacional de Reorientação Curricular, 2000, Blumenau.
- _____. Algumas considerações e muitas indagações sobre as relações entre juventude e escola no Brasil. In **Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo/Instituto Cidadania, 2005, 448 pp.
- TELECENTROS. Prefeitura Municipal de São Paulo. Disponível em http://www.telecentros.sp.gov.br/unidades/zona_leste Acesso em 31/10/2007.
- TORRES, Haroldo. A fronteira paulistana. IN: MARQUES, Eduardo e _____ (orgs). **São Paulo: Segregação, Pobreza e Desigualdades Sociais**. São Paulo: Editora Senac, 2005.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço Intra urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel Editora, 1998.
- ZAGO, Nadir. **Itinerários de Pesquisa**. Perspectivas qualitativas em Sociologia da Educação. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2003.
- ZALUAR, Alba. **A máquina e a revolta**. As organizações populares e o significado da pobreza. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994a.
- _____. **Cidadãos não vão ao paraíso**. Campinas: Ed. Escuta, 1994b.
- ZUIN, Antônio Álvaro Soares. **Sobre a atualidade do conceito de indústria cultural**. Cad. CEDES vol.21 no.54 Campinas. 2001
- WAIZBORT, Leopoldo. **As Aventuras do Georg Simmel**. São Paulo: Editora 34, 2000.
- WELLER, Wivian. A presença feminina nas (sub)culturas juvenis: a arte de se tornar visível. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis, 2005.

PESQUISAS

Anuário de Qualificação Social e Profissional 2006. DIEESE, 2007.

Censos (1991; 2000) e PNAD. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

Índice de Vulnerabilidade Juvenil. Fundação Seade. Disponível em < <http://www.seade.gov.br/produtos/ivj/> > Acesso em 07/03/2007.

Índice Paulista de Vulnerabilidade Social. Fundação Seade. Disponível em < <http://www.seade.gov.br/produtos/ipvs/subprefeituras.php> > Acesso em 07/03/2007.

Juventude Brasileira e Democracia: Participação, Esferas e Políticas Públicas. IBASE; Instituto Polis, 2005.

Juventude: diversidade e desafios no mercado de trabalho metropolitano. DIEESE, 2005.

Juventude e escolarização (1980-1998). Série Estado do Conhecimento nº7. Brasília: MEC/Inep/Comped, 2002.

Mapa da Juventude Paulistana. Centro de Estudos de Cultura Contemporânea (CEDEC). 2003. Disponível em: <http://portal.prefeitura.sp.gov.br/secretarias/participacao_parceria/coordenadorias/juventude/projetos/0052> Acesso em 20/10/2006.

Mapa dos Direitos Humanos da Cidade de São Paulo -SIM Direitos Humanos, CMDH, 2005. Disponível em < http://ww2.prefeitura.sp.gov.br/sim_dh/apresentacao.html > Acesso em 13/04/2007.

Perfil da Juventude Brasileira. In: Retratos da Juventude Brasileira: análises de uma pesquisa nacional. ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo (orgs).

Pesquisa de Emprego e Desemprego do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos - São Paulo. DIEESE, 2005

Projeto Juventude, Gênero e Espaço Público. Relatório da primeira etapa: diagnóstico. Instituto Sou da Paz, 2007.

RAIS 2000 e 2002. Relação Anual de Informações Sociais. Ministério do Trabalho e Emprego; Fundação Seade (2000, 2002).

APÊNDICES

APÊNDICE A –Instrumental de campo

| QUESTIONÁRIO | | |
|--|--|--|
| Primeiro Nome | Idade | Sexo () M () F |
| Local de nascimento (bairro e cidade) | | |
| Estado civil () solteiro () casado () mora junto | | |
| Tem filhos? () sim – Quantos? ____ () não | | |
| Com quem mora? | () pais | () outros parentes |
| | () sozinho | () amigos |
| Há quanto tempo mora em Cidade Tiradentes? | | |
| Estuda? () sim () não | Se sim, qual série? | Qual horário? |
| | Se não, pensa em voltar? () sim () não | Quando? |
| Trabalha? () sim () não | Se sim, em que bairro? | Com qual atividade? |
| | Se não, está procurando emprego? () sim () não | Já trabalhou antes? () sim () não |
| Seus pais trabalham? Pai: () sim () não Mãe: () sim () não | O que fazem? Pai: Mãe: | |
| Possui religião? () sim () não | Se sim, qual? () católica () espírita () candomblé () evangélica () umbanda () protestante () outra | |
| | Pratica a religião? () sim () não | Se sim, como pratica? |

| | |
|---|---|
| <p>Antes do atual, já havia participado (ou ainda participa) de outro projeto social?</p> <p>() sim () não</p> | <p>Se sim, qual?</p> |
| <p>Você participa de algum movimento em grupos, tais como bandas musicais, torcida de futebol, grupo religioso...?</p> <p>() sim () não</p> | <p>Se sim, qual?</p> <p>() Cultural – Descreva _____</p> <p>() Esportivo – Descreva _____</p> <p>() Religioso – Descreva _____</p> <p>() Político – Descreva _____</p> <p>() Estudantil – Descreva _____</p> |
| <p>Com quais pessoas você passa mais tempo no dia-a-dia?</p> | <p>() família () colegas de trabalho () colegas da igreja</p> <p>() colegas de escola () colegas de curso () vizinhos</p> <p>() namorada(o) () outros. Quem? _____</p> |
| <p>O que você mais faz quando não está trabalhando ou estudando?</p> | |
| <p>O que você gostaria de fazer no seu tempo livre que ainda não faz?</p> | |
| <p>Como você se imagina daqui a cinco anos? (o que estará fazendo, onde estará morando etc)</p> | |

APÊNDICE B - Roteiro para grupo focal

| ROTEIRO PARA GRUPO FOCAL | | |
|--|---|---|
| Data sugerida: | Horário: 14h às 16h | Local: a combinar |
| Atividades: | | |
| 1. Apresentação | | 10' |
| 2. Dinâmica preparatória - Desenhos (O que é ser jovem? O que é ser jovem na Cidade Tiradentes?) | | 10' desenho 10' apresentação |
| 3. Discussão (Ao longo de toda a reunião, atentar aos sinais que apontam para as especificidades. Quais são elas? Como surgem? Como influenciam a vivência da juventude? Como influenciam os projetos de futuro?) | | |
| Cotidiano | | 15' |
| <ul style="list-style-type: none"> • Relato de rotina, atividades praticadas, locais freqüentados • Freqüentam a igreja? • O que mais gostam na Cidade Tiradentes? • O que não gostam? • Gostam da rotina? • O que gostariam de fazer, mas não podem? O que dificulta a fazerem? | <p style="text-align: center;">Observar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diferenças relativas a gênero; • Como aparece a questão da violência; • Como é feito o uso do espaço; | |
| Amizades/família | | 15' |
| <ul style="list-style-type: none"> • No dia-a-dia, quais as pessoas com quem têm contato? Com qual freqüência? • Quem são os melhores amigos? Onde conheceram? • Quantas horas por dia se encontram com a família? E com os pais? | <p style="text-align: center;">Observar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diferenças relativas a gênero; • Como é a relação com a família, uma vez que o contato é supostamente pouco; | |
| Lazer, cultura, divertimento | | 15' |

| | |
|---|--|
| <ul style="list-style-type: none"> • Qual o melhor lugar para se fazer amigos em CT? • Qual o melhor lugar para se divertir? Esse lugar fica em CT? E em CT, qual o melhor lugar? • Participam de alguma atividade cultural? Se sim, quais? Se não, por que? O que falta? • Qual a atividade de lazer que mais praticam? • Qual a que mais gostam? • O que gostariam que fosse diferente? | <p>Observar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diferenças relativas a gênero; • Identificar os locais de sociabilidade; • Identificar fluxos de deslocamento; |
| <p>Escola 15'</p> | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Gostam da escola? Frequentam para outras atividades além dos estudos? • Gostariam de estudar em outro lugar? Qual? Por que? • Quando terminar os estudos, pretende fazer o que? | <p>Observar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diferenças relativas a gênero; • Há relação entre escola e projetos para futuro? |
| <p>Trabalho e participação social 15'</p> | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Já trabalharam? Como foi a experiência? • Pretendem trabalhar com o que? • Pretendem trabalhar em CT? • Participam de grupos organizados? De que tipo? Como começou o envolvimento? Se não, por que? Já pensou em participar? • Você acha que os programas públicos desenvolvidos na região para os jovens são suficientes? O que falta? • Se você fosse um gestor público, que projeto apresentaria para os jovens de CT? | <p>Observar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diferenças relativas a gênero; • Identificar fluxos de deslocamento; • Identificar os principais temas que envolvem os jovens em grupos organizados (política, cultura, esporte...) |
| <p>Futuro 15'</p> | |
| <ul style="list-style-type: none"> • Na sua rede de relações (jovens), qual o desejo das pessoas com relação à Cidade Tiradentes? Desejam ficar ou sair? E você? Por que? • Planeja constituir família na C.T.? • O que CT tem de melhor? E de pior? Como isso te | <p>Observar:</p> <ul style="list-style-type: none"> • Diferenças relativas a gênero; • Identificar projetos individuais e coletivos |

| | |
|---|---|
| <p>afeta?</p> <ul style="list-style-type: none">• O que você gostaria que mudasse em sua vida? Isso implica sair da CT?• Quais são seus planos para o futuro? (individuais e coletivos)• Como você se imagina daqui a 5 anos? (Retomar respostas do questionário)• O que precisa acontecer para facilitar a realização destes projetos?• O que poderia dificultar a realização destes projetos? | <p>(relacioná-los às questões anteriores: aqueles que estudam, cultivam amizades locais, envolvem-se em atividades sociais etc);</p> |
|---|---|

APÊNDICE C – Modelo de Termo de Consentimento**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Eu _____, RG n. _____ fui convidado a participar de um estudo denominado “A especificidade de ser jovem na Cidade Tiradentes” cujo objetivo é conhecer as formas particulares de ser jovem na Cidade Tiradentes, buscando conhecer uma possível heterogeneidade que daria origem a grupos de comportamentos e trajetórias. O estudo faz parte do programa de mestrado da Faculdade de Educação da USP – Área de concentração: Sociologia da Educação.

Para que este objetivo seja atingido, aceito participar como sujeito desta pesquisa, voluntariamente. Estou ciente que minha privacidade será respeitada, meu nome ou qualquer outro dado confidencial será mantido em sigilo. Estou ciente que não há riscos envolvidos na pesquisa, assim como sei que os dados obtidos serão utilizados de acordo com os Códigos de Ética na Pesquisa e pela normativa do CNS 166/1996. Poderei retirar-me a qualquer momento da pesquisa sem precisar justificar nem sofrer qualquer dano.

Os pesquisadores envolvidos na pesquisa são:

Pesquisador: Silvia Hirao e Orientador: Profª. Dra. Flávia Schilling, com quem poderei manter contato e obter mais informações.

Considero garantidas as informações que precisa obter para participar. Li o termo e fui orientado quanto ao teor da pesquisa mencionada, compreendi sua natureza e seu objetivo. Concordo voluntariamente em participar sabendo que não receberei pagamento nem qualquer valor financeiro por minha participação.

Assinatura: _____

Data, local

Cidade Tiradentes, 12 de julho de 2007.

ANEXOS

ANEXO A –Índice de Vulnerabilidade Juvenil (Seade)

Segundo esse índice, Cidade Tiradentes enquadra-se no grupo 5 (mais de 65 pontos), ou seja, o grupo de maior vulnerabilidade do Município. O índice considerou os seguintes indicadores:

| Índice de Vulnerabilidade Juvenil | Cidade Tiradentes |
|--|--------------------------|
| IVJ | 77 |
| Grupos de Vulnerabilidade | 5 |
| População Total | 190.657 |
| Participação da População Jovem de 15 a 19 Anos, no Total de Jovens do Município | 2,09 |
| População de Jovens de 15 a 19 Anos | 20.763 |
| Taxa de Anual de Crescimento Populacional | 7,72 |
| Taxa de Anual de Crescimento Populacional (Escala 0 a 100) | 70 |
| Participação dos Jovens de 15 a 19 Anos no Total da População dos Distritos (%) | 10,89 |
| Participação dos Jovens de 15 a 19 Anos no Total da População dos Distritos (Escala de 0 a 100) | 100 |
| Taxa de Mortalidade por Homicídio da População Masculina de 15 a 19 Anos (por 100.000 Hab.) | 292,80 |
| Taxa de Mortalidade por Homicídio da População Masculina de 15 a 19 Anos (Escala de 0 a 100) | 55 |
| Proporção de Mães Adolescentes de 14 a 17 Anos, no Total de Nascidos Vivos (%) | 9,74 |
| Proporção de Mães Adolescentes de 14 a 17 Anos, no Total de Nascidos Vivos (Escala de 0 a 100) | 76 |
| Rendimento Nominal Médio Mensal das Pessoas Responsáveis pelos Domicílios Particulares Permanentes (R\$) | 598,82 |
| Proporção de Jovens de 15 a 17 anos que não Frequentam a Escola % | 29,07 |
| Densidade Demográfica (Hab./Km ²) | 12.710 |
| Taxa de Fecundidade das Adolescentes de 14 a 17 Anos (por 1.000 mulheres) | 45,59 |
| Proporção de Jovens, de 18 a 19 Anos, que não Concluíram o Ensino Fundamental (%) | 48,78 |

ANEXO B – Índice Paulista de Vulnerabilidade Social (Seade)

| Indicadores que Compõem o Índice Paulista de Vulnerabilidade Social – IPVS | | | | | | | |
|--|---|-----------------|-----------|-----------|----------|----------------|---------|
| Subprefeitura de Cidade Tiradentes | | | | | | | |
| 2000 | | | | | | | |
| Indicadores | Índice Paulista de Vulnerabilidade Social | | | | | | Total |
| | 1 – Nenhuma Vulnerabilidade | 2 – Muito Baixa | 3 – Baixa | 4 – Média | 5 – Alta | 6 – Muito Alta | |
| População Total | 814 | 5.201 | 43.850 | 110.126 | 7.651 | 23.002 | 190.644 |
| Percentual da População | 0,4 | 2,7 | 23,0 | 57,8 | 4,0 | 12,1 | 100,0 |
| Domicílios Particulares | 261 | 1.300 | 11.458 | 29.084 | 1.845 | 5.726 | 49.674 |
| Tamanho Médio do Domicílio (em pessoas) | 3,1 | 4,0 | 3,8 | 3,8 | 4,1 | 4,0 | 3,8 |
| Responsáveis pelo Domicílio Alfabetizados (%) | 99,2 | 95,6 | 95,6 | 94,4 | 88,2 | 83,5 | 93,2 |
| Responsáveis pelo Domicílio com Ensino Fundamental Completo (%) | 70,5 | 41,2 | 45,9 | 41,7 | 27,0 | 19,8 | 39,7 |
| Anos Médios de Estudo do Responsável pelo Domicílio | 8,9 | 6,4 | 6,7 | 6,3 | 5,0 | 4,4 | 6,1 |
| Rendimento Nominal Médio do Responsável pelo Domicílio (em reais de julho de 2000) | 1.046 | 680 | 575 | 505 | 415 | 332 | 505 |
| Responsáveis com Renda de até 3 Salários Mínimos (%) | 13,4 | 43,9 | 48,6 | 54,5 | 67,3 | 75,2 | 55,5 |
| Responsáveis com Idade entre 10 e 29 Anos (%) | 27,2 | 8,3 | 14,2 | 21,5 | 12,1 | 24,3 | 19,5 |
| Idade Média do Responsável pelo Domicílio (em anos) | 36 | 48 | 43 | 39 | 43 | 38 | 40 |
| Mulheres Responsáveis pelo Domicílio (%) | 23,8 | 33,3 | 32,4 | 30,2 | 34,9 | 28,9 | 30,8 |
| Crianças de 0 a 4 Anos no Total de Residentes (%) | 11,9 | 7,8 | 9,3 | 12,4 | 9,6 | 13,9 | 11,7 |

Fonte: IBGE. Censo Demográfico; Fundação Seade.

Grupo 1 (nenhuma vulnerabilidade): 814 pessoas (0,4% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos responsáveis pelo domicílio era de R\$1.046 e 13,4% deles auferiam renda de até três salários mínimos. Em termos de escolaridade, os chefes de domicílios apresentavam, em média, 8,9 anos de estudo, 99,2% deles eram alfabetizados e 70,5% completaram o ensino fundamental. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 36 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 27,2%.

As mulheres chefes de domicílios correspondiam a 23,8% e a parcela de crianças de 0 a 4 anos equivalia a 11,9% do total da população desse grupo.

Grupo 2 (vulnerabilidade muito baixa): 5.201 pessoas (2,7% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos responsáveis pelo domicílio era de R\$680 e 43,9% deles auferiam renda de até três salários mínimos. Em termos de escolaridade, os chefes de domicílios apresentavam, em média, 6,4 anos de estudo, 95,6% deles eram alfabetizados e 41,2% completaram o ensino fundamental. Com relação aos

indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 48 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 8,3%.

As mulheres chefes de domicílios correspondiam a 33,3% e a parcela de crianças de 0 a 4 anos equivalia a 7,8% do total da população desse grupo.

Grupo 3 (vulnerabilidade baixa): 43.850 pessoas (23,0% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos responsáveis pelo domicílio era de R\$575 e 48,6% deles auferiam renda de até três salários mínimos. Em termos de escolaridade, os chefes de domicílios apresentavam, em média, 6,7 anos de estudo, 95,6% deles eram alfabetizados e 45,9% completaram o ensino fundamental. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 43 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 14,2%.

As mulheres chefes de domicílios correspondiam a 32,4% e a parcela de crianças de 0 a 4 anos equivalia a 9,3% do total da população desse grupo.

Grupo 4 (vulnerabilidade média): 110.126 pessoas (57,8% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos responsáveis pelo domicílio era de R\$505 e 54,5% deles auferiam renda de até três salários mínimos. Em termos de escolaridade, os chefes de domicílios apresentavam, em média, 6,3 anos de estudo, 94,4% deles eram alfabetizados e 41,7% completaram o ensino fundamental. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 39 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 21,5%.

As mulheres chefes de domicílios correspondiam a 30,2% e a parcela de crianças de 0 a 4 anos equivalia a 12,4% do total da população desse grupo.

Grupo 5 (vulnerabilidade alta): 7.651 pessoas (4,0% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos responsáveis pelo domicílio era de R\$415 e 67,3% deles auferiam renda de até três salários mínimos. Em termos de escolaridade, os chefes de domicílios apresentavam, em média, 5,0 anos de estudo, 88,2% deles eram alfabetizados e 27,0% completaram o ensino fundamental. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 43 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 12,1%. As mulheres chefes de domicílios correspondiam a 34,9% e a parcela de crianças de 0 a 4 anos equivalia a 9,6% do total da população desse grupo.

Grupo 6 (vulnerabilidade muito alta): 23.002 pessoas (12,1% do total). No espaço ocupado por esses setores censitários, o rendimento nominal médio dos responsáveis pelo domicílio

era de R\$332 e 75,2% deles auferiam renda de até três salários mínimos. Em termos de escolaridade, os chefes de domicílios apresentavam, em média, 4,4 anos de estudo, 83,5% deles eram alfabetizados e 19,8% completaram o ensino fundamental. Com relação aos indicadores demográficos, a idade média dos responsáveis pelos domicílios era de 38 anos e aqueles com menos de 30 anos representavam 24,3%.

As mulheres chefes de domicílios correspondiam a 28,9% e a parcela de crianças de 0 a 4 anos equivalia a 13,9% do total da população desse grupo.